

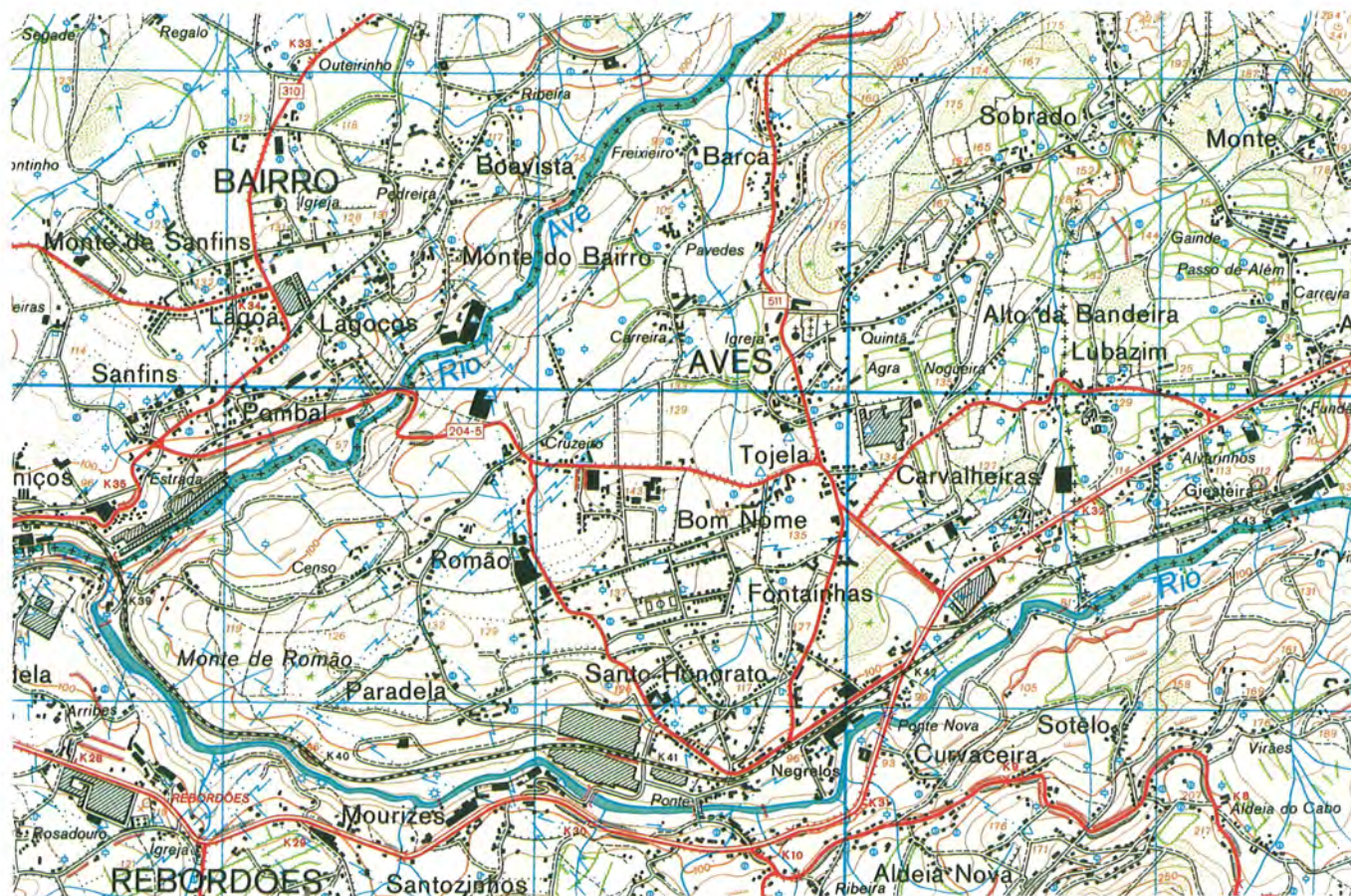
AVE

CADERNOS DE CULTURA

7

SERVIÇOS CULTURAIS

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO



GERALDO J. A. COELHO DIAS

VILA DAS AVES – História da Paróquia e sua Toponímia

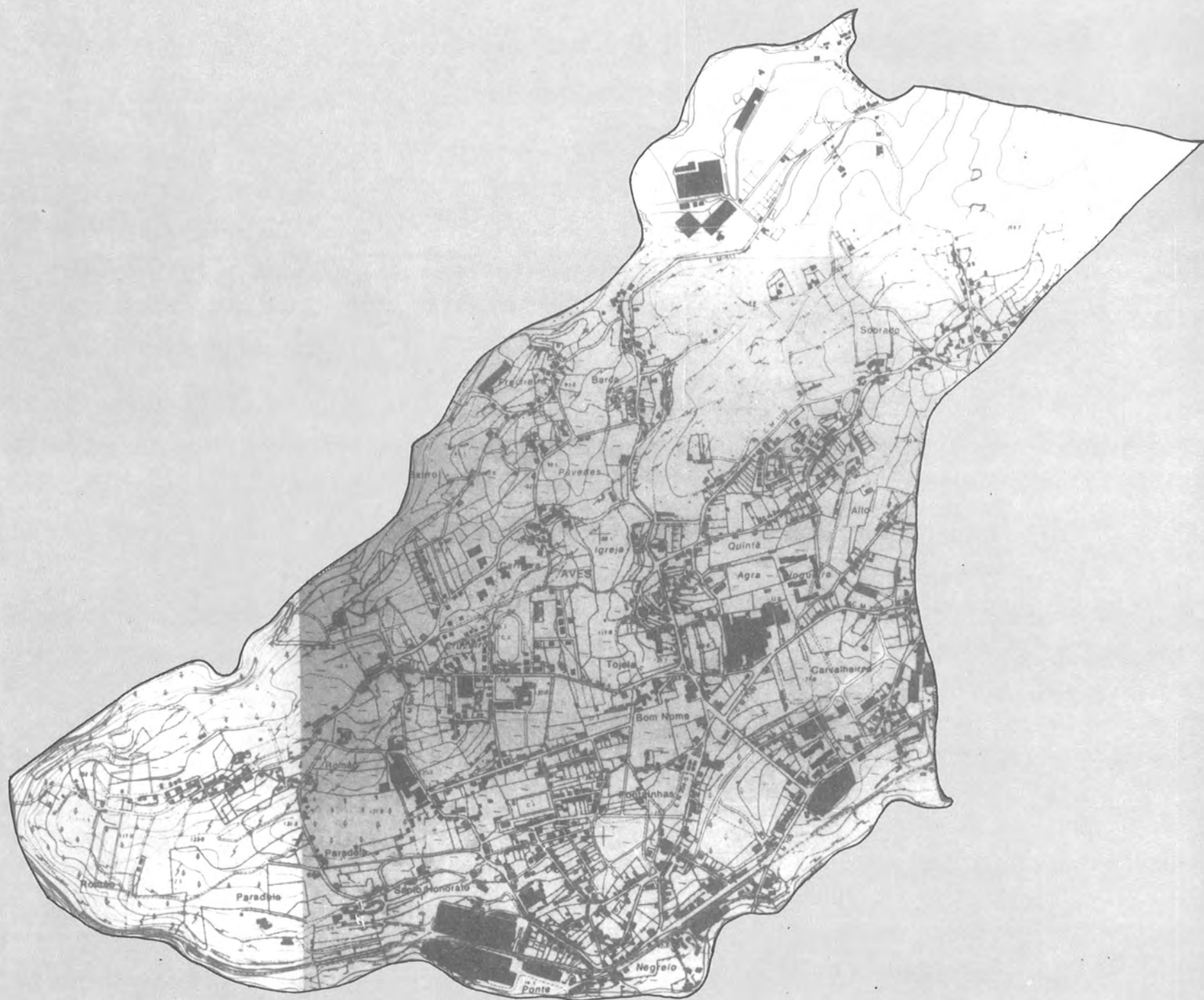


VILA DAS AVES
História da Paróquia e sua Toponímia

GERALDO J. A. COELHO DIAS

VILA DAS AVES
História da Paróquia e sua Toponímia

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO
1993



APRESENTAÇÃO

Quem segue pela estrada nacional n.º 105, do Porto a Guimarães, depois de Santo Tirso, ao chegar a S. Tomé de Negrelos, ali, na curva da Carvalheira à entrada antiga para a Fábrica Rio Vizela, olhando em frente, pode avistar e adivinhar o surto do progresso na Vila das Aves. Continuando, porém, pela estrada, que borda o rio Vizela, pouco vê, porque passa de lado.

Mas quem desce de Paços de Ferreira pela estrada caracoleante, que atravessa Roriz, ali no cotovelo apertado de Virões, fica espantado e deslumbrado com o espectáculo que se lhe depara. Lá no fundo, quase a seus pés, a Vila das Aves eleva-se e estende-se progressiva, fervente de construções, toda virada para o futuro.

Se o nome de *Vila das Aves* é recente, data apenas de 1955, o nome da paróquia ou freguesia é muito antigo e aparece com várias designações: S. Miguel de Entre Ambas as Aves (Entre Ambos os Aves), S. Miguel das Aves. Foi integrada no Concelho de Santo Tirso apenas em 1889.

As «Jornadas Culturais de Vila das Aves» que, sob o impulso do Conselho Pastoral Paroquial, ali se vêm realizando, ininterruptamente, desde 1987, forneceram-nos ensejo para várias palestras, algumas já publicadas ⁽¹⁾: *Paróquia e Cultura* (1987), *A Paróquia da Vila das Aves no Espiritual e no Temporal* (1988), e *A Toponímia na Vila das Aves* (1989). Desta feita, com alguns retoques e acréscimos, queremos esboçar uma *História da Paróquia da Vila das Aves*, complementando a monografia que, com tanto amor e bairrismo, elaborou o saudoso avense Pe. Joaquim da Barca ⁽²⁾.

Como dizia o velho Cícero, a história é «mestra da vida e luz da verdade»; esperemos, pois, que a história da paróquia da Vila das Aves, neste último quartel do séc. XX, incentive as gerações mais novas para que, conhecendo o seu passado cristão, evitem o comodismo alienante duma religião tradicionalista, e saibam construir um futuro religiosamente mais empenhativo e culturalmente mais esclarecido, até porque «a glória de Deus é o homem vivo», no belo dizer de Santo Irineu, bispo e mártir cristão do séc. II.

⁽¹⁾ *Jornadas Culturais de Vila das Aves* em 1987 e 1988, Riba d'Ave, Câmara Municipal de Santo Tirso, 1989, 11-29; 81-96.

⁽²⁾ BARCA, Pe. Joaquim da — *S. Miguel das Aves. Monografia*, São Miguel das Aves, 1953.

I. A HISTÓRIA DAS PARÓQUIAS

1 — *Natureza da paróquia*

Em termos cristãos, paróquia e freguesia são sinónimos. *Paróquia* é palavra de origem grega (*pará* + *oikia*) e significa «casa junto de». *Freguesia* é palavra de origem latina (*filii ecclesiae*) e designa o conjunto dos «filhos da igreja». Com estes termos o Direito Canónico indica a comunidade dos cristãos situada num determinado espaço geográfico.

Em Portugal, após a República, com a «Lei da Separação» (1911), o termo *freguesia*, aliás de matriz mais religiosa, ficou reservado para indicar o território, espaço geográfico administrativo menor em que se divide a nação; o termo *paróquia*, então, colou-se mais à realidade religiosa, cristã, que aí habita ou seja a comunidade paroquial. Esta engloba, portanto, o *território paroquial*, quase sempre coincidente com o território da freguesia, a *comunidade dos crentes católicos*, e o *pároco* (abade, prior, reitor).

A paróquia é, pois, uma realidade sacramental e administrativa de carácter sócio-religioso. Jesus Cristo queria uma igreja ecuménica, uma comunidade universal que abrangesse os crentes do mundo inteiro. Para isso, fez dos seus doze Apóstolos um corpo missionário de evangelização: «Ide por todo o mundo, fazei discípulos, baptizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos mandei» (Mt. 28, 19-20). É deste modo que, viajando pelo mundo, os apóstolos se tornam bispos, isto é, vigilantes ou pastores de comunidades cristãs. Estas, à semelhança da administração romana, cujos esquemas seguem, organizam-se pondo nas cidades principais os seus centros de administração religiosa, chamando-lhes *dioceses*. Aí se constituía e construía depois a respectiva sede episcopal, materializada na Sé, ou Igreja Catedral.

Com o tempo, o movimento cristão alargou-se e difundiu-se no campo e zonas rurais superando a sua religiosidade naturalista que, por causa disso, se chamou *paganismo*, nome derivado de *pagi*, os aglomerados populacionais dispersos. Formam-se, então, pequenas comunidades rurais, células de vivência religiosa cristã, mas em ligação administrativa com o bispo da diocese. Este começa a enviar sacerdotes delegados para junto dessas comunidades e, assim, nascem as paróquias rurais ou igrejas baptismais com o fim de prestar melhor assistência religiosa e incentivar ou controlar a vida cristã desses crentes.

Deste modo, a paróquia nasce da diocese como seu prolongamento e por instituição de direito eclesiástico. Uma paróquia, uma igreja paroquial é sempre, e como tal deve considerar-se, uma verdadeira filial da igreja catedral do bispo diocesano. Segundo o mandato apostólico de Jesus aos seus discípulos (Mt. 28, 18-21), dentro duma cadeia de ligações espirituais, o bispo, enquanto sucessor dos apóstolos, é que envia padres para os diversos lugares da diocese. Assim se mantém a unidade do mandato apostólico: «Como o Pai me enviou, também eu vos envio» (Jo., 20, 21). No cristianismo há uma cadeia hierarquizada de missões e é por essa razão que, qualquer padre, ao entrar ou tomar posse duma paróquia, faz sempre a leitura da carta ou decreto de nomeação episcopal. É, de facto, por uma provisão episcopal que ele é constituído, de direito, pároco ou pastor delegado do bispo diocesano junto de determinada comunidade de crentes. A partir daí, esse sacerdote tem ali a sua casa ou *paróquia* porque deve residir permanentemente junto desses fiéis.



Vista panorâmica de Vila das Aves

Na história da Igreja, o concílio de Elvira, séc. IV, no sul da Espanha, é o primeiro a referir a existência de sacerdotes e diáconos junto do povo de Deus, nos campos. Sem dúvida que o aparecimento das paróquias rurais dispersas pela diocese é uma consequência e uma prova do avanço e difusão do cristianismo. Incrementa-se, desta maneira, a rede paroquial que, com o tempo tende a tornar a paróquia rural, se não autónoma do poder do bispo, a celebrar a Eucaristia, a baptizar e administrar sacramentos, a pregar e ensinar a doutrina, a enterrar os mortos e a gerir os bens da igreja local. A paróquia fica a ser uma comunidade local, rural, da igreja diocesana. E por isso é que os cristãos eram obrigados, em certas festas litúrgicas anuais mais importantes, a irem à igreja catedral. Era esta uma forma de afirmar a unidade da igreja diocesana porque, segundo um velho aforisma cristão, «*ubi episcopus ibi ecclesia*», e ainda «*non est ecclesia sine episcopo*». Na verdade, conforme a doutrina teológica católica, os bispos é que são os sucessores dos apóstolos de Cristo, e não os sacerdotes, mesmo párocos. É em união ao Colégio Episcopal presidido pelo Papa que os fiéis cristãos formam um só corpo em Cristo, isto é, a Igreja Santa, Católica e Apostólica, como professamos no credo da nossa fé.

As igrejas paroquiais, criadas pelo bispo da diocese, ou por ele reconhecidas como tais, têm como elemento caracterizante e específico o *baptistério*. É lá que os crentes recebem o baptismo em nome de Jesus e se tornam filhos da Igreja. Daí, chamarem-se *freguesias* as comunidades ou grupos de cristãos baptizados na mesma igreja, ainda antes de o nome de freguesia ser dado ao território onde vivem.

A freguesia ou paróquia é, portanto, uma filial da igreja diocesana, e a sua igreja matriz é uma extensão da igreja episcopal, e o pároco é um delegado do bispo diocesano que, juridicamente, só pode ser por ele nomeado ou amovido. Estamos, portanto, no domínio da teologia cristã e do consequente direito eclesiástico. É que a Igreja é uma sociedade cristicamente hierarquizada, alicerçada na pessoa e autoridade de Cristo que, ao mesmo tempo, é a pedra angular do edifício da sua construção e a cabeça do corpo que ele também anima e dirige.

Mas, ao lado das igrejas paroquiais, baptismas, bem cedo surgiram igrejas devocionais, particulares, chamadas oratórios, capelas, basílicas, fundadas pela devoção dos crentes para promover o culto dos mártires e suas relíquias, para as ordens religiosas, ordens terceiras e confrarias.

Muitas famílias nobres fundaram também igrejas e mosteiros ou conventos, dos quais se tornavam padroeiros, herdeiros e naturais, e de tudo recebiam dízimos e outras benesses, como aposentadoria e jantar, quando por lá passavam em viagens. É evidente que, em princípio, essas igrejas não podiam ter baptistério, e é por isso que, ainda hoje, pároco e cúria diocesana põem dificuldades pastorais para que ali se realizem baptizados e casamentos.

Da paróquia, comunidade de crentes, passou-se para a sua delimitação geográfico-territorial certamente determinada pelos laços de vizinhança. Os limites paroquiais, a breve trecho, tornaram-se limites fiscais, o que, quer à Igreja quer ao estado, facilitaria as exações tributário-económicas, a recolha de dízimos e impostos, e afirmaria, na Igreja, o princípio do direito canónico sobre a jurisdição paroquial.

Hoje, o Código do Direito Canónico (cânone 515) define a paróquia territorial desta maneira: «Uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja pastoral, sob a autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco como seu pastor próprio». Ela constitui, por isso, uma personalidade jurídica (cânone 515, §3) que, em todos os assuntos sócio-jurídicos, é representada pelo pároco (cânone, 532).

Se o pároco, sacerdote católico (abade, prior, reitor, cura, vigário, encomendado), factor da unidade eclesial, pela sua união ao bispo e ao Papa, é o que preside à igreja local, paroquial, não pode, todavia, considerar-se senhor duma coutada religiosa. Ele exerce o seu múnus pastoral em favor duma comunidade de fé, a quem deve «santificar, ensinar e governar... com a ajuda de fiéis leigos, nos termos do direito» (cânone 519; 528).

Hoje, na era da socialização, o pároco, porque está junto dos fiéis, deve trabalhar por eles mas com eles. O cânone 538 §1 estabelece todo um programa de acção partilhada que o cânone 529 §2 particulariza no que toca à corresponsabilidade dos leigos da paróquia. Além do conselho económico, já existente sob o nome de *Comissão Fabriqueira* (cânone 537), o cânone 536 §1 aconselha a constituição dum *Conselho Paroquial ou Pastoral* a fim de promover a acção pastoral.

Hoje como ontem, a paróquia continua a ser a célula base da Igreja Católica, a comunidade dos cristãos reunidos à volta do sacerdote ou presbítero delegado do bispo diocesano num centro religioso local, territorialmente demarcado, e onde a igreja matriz, paroquial, é o núcleo gerador e aglutinador dos fiéis.

2 — Origem das paróquias

Até ao princípio do séc. IV, os cristãos tiveram de sofrer as perseguições, praticando às escondidas e com certo esoterismo a sua religião. Todavia, o imperador Constantino Magno, pelo edito de Milão, em 313, deu aos cristãos a liberdade de culto. Acabava o tempo das catacumbas e dos mártires, começava o tempo das igrejas e dos missionários. A partir de então, protegida até pelos imperadores, a Igreja de Cristo começou a institucionalizar-se segundo o próprio modelo do império romano. Dá-se aquilo que alguns chamam, de modo crítico, a «constantinização» da Igreja: adopção da língua latina como língua oficial da Igreja em todo o Ocidente, imitação das vestes oficiais como vestes litúrgicas, decalque das estruturas administrativas e divisões territoriais.

Os romanos dividiam o Império em parcelas administrativas para melhor garantir a sua unidade e eficácia governativa. Espalhando-se no Império, a Igreja, uma mas missionária, fez seu o sistema organizativo romano, criando províncias eclesiásticas, dioceses e paróquias. E se o Papa, qual imperador, era o chefe supremo da Igreja universal, católica, os bispos, como sucessores dos apóstolos, eram os chefes espirituais das dioceses espalhadas pelo Império e centradas em cidades de importância. Nos primeiros tempos cristãos, *diocese* e *paróquia* eram sinónimos e indicavam o território administrativo a que se estendia o poder ou jurisdição dum bispo.

Com a difusão do Cristianismo, a nova religião alargou-se da cidade para o campo onde se dispersavam *pagi*, *vici*, *vilares*. Como o bispo não podia ir e estar em toda a parte, começou a servir-se de sacerdotes delegados que iam às populações dispersas pelas zonas rurais cristianizar, baptizando e celebrando. A paróquia extensa do bispo teve de se dividir em pequenas paróquias rurais. Estabeleceu-se a distinção entre *paróquia urbana*, do bispo, e *paróquia rural* e começou a reservar-se o termo *diocese* para o conjunto das paróquias reunidas sob a jurisdição do bispo e o termo *paróquia* para o território rural confiado a um sacerdote. Inicialmente, porém, *diocese* e *paróquia* designavam a mesma coisa e o bispo era o único e verdadeiro pároco. Só a igreja catedral do bispo tinha pia baptismal onde se geravam os filhos da Igreja. Entre os sécs. IV-V, o termo *paróquia* passou a ter significado mais restrito; em Portugal, porém, ainda no séc. XII se usava a palavra *paróquia* na acepção de *diocese*. Em termos modernos, só em época tardia se dividiu a *paróquia urbana*, abrangendo o conjunto duma cidade. No Porto, por exemplo, apenas em 1583 a paróquia episcopal da Sé, única dentro de muralhas, delimitando o burgo, foi dividida em 4 paróquias: Sé, S. Nicolau, Vitória e S. João Novo ⁽³⁾.

Nos documentos medievais, a realidade paroquial é designada com vários nomes: *paróquia*, *freguesia*, *igreja*, *colação*. Fiquemo-nos com o termo *paróquia*. Vem de grego (*pará* + *oikía*) e significa «casa junto de». Tanto pode designar o conjunto daqueles que tinham as casas junto uns dos outros (*paroquianos*), como a casa daquele que, por delegação do bispo respectivo, vinha viver junto dos fiéis como seu pastor na fé (*pároco*). A *colação* (*collatio*) indicava o acto jurídico pelo qual o bispo confiava em ofício a um sacerdote

⁽³⁾ BRANDÃO, Domingos de Pinho — *Nótulas de História Diocesana. II: A divisão da freguesia da Sé em quatro freguesias, 1583, «Igreja Portucalense», 60-61, 1981, 47-53; SILVA, F. Ribeiro da — A criação das Paróquias de São Nicolau e de N.ª Sr.ª da Vitória (1583). Aspectos Sócio-Económicos e Religiosos da Época, Porto, 1984.*

o encargo espiritual dum grupo de fiéis em determinado sítio. Assim se fala da «Parrochia Sancti Michaelis inter Ambas Aves» ou da «collatio Sancti Michaelis inter Ambas Aves».

Pelo que dissemos, se pode inferir que a paróquia rural não nasceu por decreto, por mais que, depois, esse decreto confirmasse a sua existência jurídica, como faz a Assembleia da República ao criar freguesias, vilas, cidades. A paróquia rural nasceu da difusão do Cristianismo para zonas rurais, onde os cristãos, unidos por laços de vizinhança, se associavam em comunidade de fé a que vinha presidir um sacerdote delegado do bispo.

Se o Concílio de Elvira, no séc. IV, já supunha a existência de paróquias rurais na Espanha, o 2.º Concílio de Braga, em 572, ainda prescreve ao bispo que visite anualmente as paróquias para instruir o clero e o povo. Quando mais tarde se pôs o problema da territorialidade e fixação de limites é que, de alguma forma, se quebrou a unidade da diocese episcopal no culto, aparecendo a complexa rede paroquial.

Pelo direito de terra, *Jus soli*, os romanos distinguiam no campo vários pequenos aglomerados populacionais que não tinham a dignidade de cidades e a elas se relacionavam: *castellum*, *pagus*, *vicus*, *villa*. Todos eles tinham a marca da ruralidade e recebiam frequentemente o nome dos seus habitantes, do seu chefe ou do seu dono. Em geral, a vila, era o domínio territorial dum senhor terratenente que ali tinha a sua casa (paço-paço-palatium), as casas dos seus servos (*servi casati*), as cortes do gado e os terrenos de exploração agrícola. É daí que derivam, em boa parte, as grandes casas de campo, quintas e quintãs e delas, por divisão, se formaram aldeias e freguesias. Em S. Miguel das Aves, nas Inquirições do séc. XIII aparecem: Lubazim, Poldrães, Paradela, Paredes.

Mas como se teriam formado as paróquias rurais portuguesas, qual a sua origem?

3 — A formação das paróquias em Portugal

O problema da formação das paróquias em Portugal tem preocupado os estudiosos contemporâneos até porque as Inquirições Régias de 1220 e 1258, principalmente no Entre Douro e Minho, já revelam uma numerosa malha de paróquias, que parece enfermar de todo a tese do ermamento populacional nesta zona antes da Reconquista. O problema da formação das paróquias tem preocupado os estudiosos e José Maltoso já fez a síntese desses estudos ⁽⁴⁾.

O historiador Alberto Sampaio ⁽⁵⁾ relaciona a origem das paróquias rurais com as vilas rústicas da Reconquista. Para ele, a paróquia sucedeu à vila como veículo de união espiritual entre os membros duma comunidade local. Teria havido até uma coincidência espaço-territorial entre os limites duma e doutra. Tal afirmação, porém, parece teórica demais e generalizante. A ser assim, o lugar de Lubazim (*Lupacini*, terra ou vila dum tal Lobo) deveria ter sido paróquia, dada a sua antiguidade e extensão, e apesar de tudo nunca o foi.

⁽⁴⁾ MATTOSO, José — *A história das Paróquias em Portugal*, Separata de «Portugiesische Forschungen der Görresgesellschaft», 16.º vol., 1980.

⁽⁵⁾ SAMPAIO, Alberto — *As Vilas do Norte de Portugal*, 3.ª ed., Lisboa, Editorial Vega, 1979.

Pierre David ⁽⁶⁾ estudando a organização eclesiástica de Braga, desde o reino dos suevos, mostrou que as igrejas paroquiais não procediam dos oratórios das vilas mas de igrejas rurais fundadas pelos bispos ou seus sacerdotes. No Paroquial Suévico (séc. VI) descobre que a zona de Entre Douro e Minho já estava, em finais do séc. VI, bem organizada contando a diocese de Braga 29 igrejas paroquiais, (entre elas a de *Occuli Kalidarum* = Vizela, aqui bem perto), e a do Porto 24, Lamego 4, Viseu 8, Egítania 2, Coimbra 6.

Miguel de Oliveira ⁽⁷⁾ tenta conciliar as teses de Alberto Sampaio e Pierre David a partir do conceito de *igreja própria*, a *Eigenkirche* dos alemães. Pretende, assim, mostrar que às igrejas paroquiais fundadas pelos bispos no período suevo se juntaram, na Reconquista e Idade Média, igrejas particulares e de mosteiros. Aliás, neste período, o termo *freguês* não indica apenas os cristãos baptizados num mesmo lugar mas até os fundadores duma igreja e seus herdeiros, considerados *possessores*, como diz Torquato Soares, e mesmo os habitantes que construíram a igreja, isto é, todos aqueles que, por direito de padroado, tinham adquirido título de propriedade sobre a Igreja. Mas um ponto em que, julgamos, erra o Pe. Miguel de Oliveira é crer que as paróquias se definiam não só por ter igreja própria baptismal mas ainda por terem um território demarcado. Sendo assim, entre as paróquias suevas e as da Reconquista não haveria modificação essencial, apenas um alargamento da rede paroquial com a multiplicação de paróquias erectas nas igrejas das vilas rústicas.

Avelino de Jesus da Costa ⁽⁸⁾ analisou um Censual de Braga do séc. XII que faz a cobertura da região entre os rios Lima e Ave e que, portanto, abrange uma parte da área englobada no Paroquial Suévico do séc. VI. Tenta estabelecer relação entre as paróquias do séc. VI e as do séc. XII na mesma região. A coincidência seria ao nível das paróquias suélicas e dos arcediagados do séc. XII (hoje, diríamos arceprestados ou vigararias), aquilo que nas Inquirições do séc. XII se chamam *Terras*. Ele prova, efectivamente, a correspondência entre 11 paróquias suélicas e 11 arcediagados ⁽⁹⁾ mas prova também que no séc. XI se deu uma grande proliferação de paróquias rurais.

Actualmente, do ponto de vista histórico, parece certo que o princípio da territorialidade das paróquias, a delimitação das suas fronteiras, logo no início, não pode ser aceite. De início, não havia fronteiras territoriais definidas. Os cristãos agrupavam-se por laços de vizinhança e iam à igreja a que mais se sentiam ligados. Só desde o séc. XII, depois da reforma gregoriana da Igreja (Papa Gregório VII + 1085) se começou a definir os limites territoriais da paróquia. A primeira ordem nesse sentido detecta-se em 1229 no foral de Salvaterra de Magos ⁽¹⁰⁾ também no foral de Idanha-a-Nova ⁽¹¹⁾. Curiosamente, porém, são documentos abaixo de Coimbra, na zona da Reconquista.

⁽⁶⁾ DAVID, Pierre — *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e XI^e siècle*, Lisboa, L'Institut Français au Portugal, 1947, 253-255.

⁽⁷⁾ OLIVEIRA, Miguel de — *As paróquias rurais portuguesas*, Lisboa, União Gráfica, 1950.

⁽⁸⁾ COSTA, Avelino de Jesus da — *O Bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra, 1959.

⁽⁹⁾ FERNANDES, A. de Almeida — *Paróquias suevas e dioceses góticas*, Viana do Castelo, 1968.

⁽¹⁰⁾ P.M.H. — *Leges*, 617.

⁽¹¹⁾ *Ibidem*, 614.

Quando da concordata de D. Dinis com os bispos (1289, artigo 8), estes ainda se queixam de ser impedidos pelos concelhos e reis de demarcaram as paróquias ⁽¹²⁾. O numeramento das igrejas entre 1320/21, no tempo de D. Dinis, deve situar-se precisamente no período decisivo da demarcação paroquial. Contudo, um documento de 1342, sempre no sul, ilustra a urgente necessidade de demarcação de paróquias em Portalegre ⁽¹³⁾.

Em 1496, no Porto, com D. Diogo de Sousa, as *Constituições Sinodais* (const. XLII) ordenam que abades e reitores tudo ponham por inventário e bem assim os limites de suas freguesias. Aliás, todas as Constituições Sinodais dos Bispados entre os sécs. XV-XVI vão urgir os tombos e demarcações das paróquias com o cadastro dos bens das igrejas. É uma preocupação constante pela pastoral paroquial, estabelecimento de direitos e dízimos para a cômgrua sustentação do pároco, ordenação de visitas para corrigir defeitos dos fiéis, eliminar o absentismo e descuido do clero, e fazer a adaptação das paróquias à realidade sócio-económica.

A formação e origem das paróquias rurais é complexa porque a paróquia é uma realidade sócio-religiosa que se foi formando por força do dinamismo evangélico e por exigência do cumprimento dos deveres religiosos. A paróquia ganha consistência com os laços sociais de vizinhança e torna-se definida e estável por critérios de territorialidade. Mas, assim como cresce à volta da igreja baptismal, também a paróquia pode sofrer crises quando é demasiado pequena e, por razões de rentabilidade, não consegue garantir um benefício para cômgrua sustentação do seu pároco, ou quando os seus habitantes diminuem por causa de fomes, pestes e guerras, ou emigração, ou ainda quando o clero é tão escasso que não se encontram párocos bastantes.

Eis um pequeno leque de razões que nos levam a falar de vários tipos de paróquias ⁽¹⁴⁾.

A paróquia, canonicamente erecta, podia ser governada por um pároco efectivo ou «colado», ou por um pároco provisório ou «encomendado» (*cura*). Quando o pároco recebia os direitos totais da paróquia chamava-se *abade*, no norte, sobretudo, por influência ou relação aos superiores dos mosteiros beneditinos e cistercienses, ou *prior*, no centro e sul por causa dos superiores dos cónegos regrentes e das ordens mendicantes.

Se, porém, o pároco, só recebia parte dos rendimentos porque era apresentado por uma instituição a quem competia o direito de apresentação, então chamava-se *reitor*. Se o pároco governava a paróquia em vez de outro ou em nome duma pessoa moral (cabido, mosteiro, comenda), então chamava-se *vigário*.

Se a paróquia canonicamente erecta conservava a sua autonomia mas era, por qualquer razão, confiada ao pároco de outra dizia-se *anexa*. Se perde a autonomia e é integrada noutra, então diz-se *anexada*, unida, sufragânea, filial, como será o caso de Romão e Sobrado relativamente a S. Miguel das Aves, desde 1835.

⁽¹²⁾ BORGES, Lisbânio — *Concordatas entre a Santa Sé e Portugal e Concórdias entre os e os Reis de Portugal*, Vila Real, 1953.

⁽¹³⁾ «Visitavinnus ecelesias de Portalegre et inveninnus quod parrochie dictarum ecelesie non erant delimitate», FIGUEIREDO, Joze Anastasio de — *Nova História da Ordem Militar de Malta*, II, Lisboa, 1800, 338-339.

⁽¹⁴⁾ MOREIRA, Domingos A. — *Freguesias da Diocese do Porto, I Parte: Introdução. História Geral*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1975.

Existiam também os *curatos*, isto é, zonas dependentes da paróquia mas que, por razões de distância ou outras, eram confiadas a um sacerdote delegado do respectivo pároco. Alguns deles evoluíram para paróquias de pleno direito, outros simplesmente se diluíram na paróquia mãe.

Tudo isto tem funcionado ao longo da vida das paróquias e provocado a oscilação do seu número. Todavia, as paróquias rurais do Entre Douro e Minho já tinham o seu quadro definido quando das Inquirições de 1220 e 1258, apesar das crises que irão surgir.

A primeira crise deu-se, certamente, com a Peste Negra de 1348, que dizimou muita gente e despovoou paróquias. Por isso, no séc. XV, o Arcebispo de Braga, D. Fernando Guerra (1416-1467) reduziu algumas paróquias a anexas e transformou mosteiros em paróquias ⁽¹⁵⁾; de igual modo procedeu D. Diogo de Sousa (1505-1512).

A reforma católica do Concílio de Trento (1545-1563) levou o Santo Arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1559-1582) a reduzir também o número das paróquias ⁽¹⁶⁾.

Após a revolução liberal de 1820, com Mouzinho da Silveira (1835/36) e seus epígonos, foi decretada uma nova estrutura administrativo-territorial e estabeleceu-se, então, a rede definitiva das paróquias em todo o reino. Deu-se, por essa altura, a anexação de Romão e Sobrado a S. Miguel das Aves. De facto, o governo liberal criara as *juntas de paróquia* (decretos de 26/6/1830 e 19/2/1831) com a função de conservar e reformar o edifício da igreja e seus anexos, receber e administrar os bens, rendimentos ou esmolas e fazer as despesas do culto ⁽¹⁷⁾; quis ainda apoderar-se do direito de padroado de todas as igrejas (leis de 30/7/1833 e decreto de 5/8/1833) que acabou por ser extinto na República pela célebre Lei da Separação (20/4/1911).

Nos nossos dias, imediatamente antes e depois do Concílio Vaticano II, sobretudo nas cidades, por razões pastorais e dado o grande surto urbano-demográfico, criaram-se várias paróquias, que, no civil, ainda não conseguiram o correspondente estatuto de freguesias. É que, desde 1916, o termo *paróquia* ficou a indicar a comunidade religiosa enquanto o civil consagrou e reservou o termo *freguesia* e *junta de freguesia*, que, desde 1830, se chamava «junta de paróquia» para indicar a unidade territorial administrativa e correspondente comunidade humana que nela habita.

Por tudo o que dissemos se vê, como, bastante estáveis na sua institucionalização, as paróquias oscilaram em número segundo critérios religioso-pastorais ou político-administrativos. Identificadas, hoje, praticamente, com as freguesias, as paróquias são organismos vivos, de longa duração, que apesar de tudo, também sofrem as leis da contingência.

⁽¹⁵⁾ FERREIRA, Mons. José Augusto — *Factos Episcopais da Igreja Primacial de Braga séc. III-XX*, 4 vols., Braga, 1928-1935; COSTA, Avelino de Jesus da — *Arquidiocese de Braga. Síntese da sua História*, Separata do «Dicionário de História da Igreja em Portugal», III vol., Braga, 1984; MARQUES, José — *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1988.

⁽¹⁶⁾ Concílio de Trento, Sessão XXI: *De Reformatione*, Cap. VII.

⁽¹⁷⁾ ALMEIDA, Fortunato de — *História da Igreja em Portugal*, IV, I-II, Porto, Livraria Civilização, 1971, 155.

II. A PARÓQUIA DE SÃO MIGUEL DAS AVES

1 — Síntese da história da paróquia

A primeira referência à paróquia de S. Miguel das Aves aparece nas Inquirições de D. Afonso II em 1220 e, depois, nas de D. Afonso III em 1258. Sem dúvida que é anterior, e a terra tem, de certeza, uma história mais antiga que entra pela Pré-História. Infelizmente, aqui não se tem feito pesquisas arqueológicas que, pelo menos, nos levariam aos tempos da conquista romana, sabido, como é, quanto os romanos apreciavam as águas termais, ainda hoje aqui bem patentes nas termas do Amieiro Galego. Mas há quem referencie restos duma citania celta no bico de Romão. Na verdade, isso é absolutamente possível porque até estou convencido que o nome *Aves*, no feminino, é uma latinização medieval dum vocábulo celta. *Aves* não tem nada a ver com pássaros (*avis*, f., em latim) mas com *AVO*, étimo celta de significação hídrica: água corrente, rio. Em Portugal e noutros países de influência céltica encontram-se étimos semelhantes: *Avanca*, *Ave*, *Avicella*, *Aveiro*, *Cadavo* «Cávado», *Ílhavo* ⁽¹⁸⁾. Não há dúvida que o facto de esta terra estar envolvida por dois rios (*Ave-Avicella*), portanto por ser uma terra verdadeiramente mesopotâmica, levou a que se chamasse *Terra de Entre Ambas as Aves*. A sobrevivência e permanência de onomástica pré-românica certificam a antiguidade social desta terra e são um testemunho vivo a ilustrar a paisagem.

Nas Inquirições de 1220 e 1258, a cunha de abraço dos dois rios aparece coberta por três paróquias: S. Lourenço de Romão, com 11 casais; Santo André de Sobrado, com 8 e S. Miguel de Entre Ambas as Aves, com 34 casais. É terra alodial, sem reguengos nem foros, mas onde os mosteiros das redondezas já começam a receber terras em doação. Nas Aves, Roriz tem 3 casais; Cerzedelo, 4; Landim, 1; Santo Tirso, 1 e Oliveira, 1. Aparecem referenciados para S. Miguel os lugares de Lubazim, Sobrado, Quintão, Poldrães, Paradela e Paredes. Inclusive parece haver entre Lubazim e Sobrado uma *honra* ou terra nobilitada pelo rei e atribuída a Martim Pimentel que recebe as anúduvas. Curioso é notar os serviços e impostos que os donos dos casais pagam ao rei: *Hoste*, serviço militar obrigatório remível por dinheiro; *Fossado*, serviço militar ocasional em terra de mouros, pela primavera, e remível pelo imposto de fossadeira; Chamado ou apelido enquanto participação em expedição bélica de curta duração; Anúduva, contribuição de trabalho ou dinheiro para construção e reparação de castelos, paços do rei ou obras de defesa; *Voz e Coima*, multas aplicadas por delitos (roubo, assassinato) e que revertem em favor do rei; Troviscada, imposto para a pesca mediante e fornecimento de trovisco. A predominância deste imposto nesta paróquia demonstra a abundância de águas correntes e a facilidade de pesca: bogas, escalos, barbos, e até trutas e lampreias que sobem do mar. Dos 34 casais, 18 vão à troviscada. É ainda neste contexto dos impostos que se referem as antigas medidas com o *bragal* (equivalente a 7,70 m de linho); *Vara*, um metro; *Almude*, 15 litros; *Alqueire*, 15 kg.; *Quarta do alqueire*, 4 kg.; e *Moio* de cerca de 60 alqueires quando grande, e 16 alqueires se pequeno. Os produtos da terra eram, portanto, cereais (trigo, centeio), linho e vinho.

Mas a análise das Inquirições permite, sobretudo, concluir que S. Miguel é terra de gente livre, laboriosa, apegada ao amanho das terras, numa grande comunidade de vizinhança propiciada pela igreja paroquial, construída pelos herdeiros da terra, os verdadeiros fregueses. É uma *collatio* do Arcebispo de Braga, isto é, é ele que apresenta e constitui nela o respectivo pároco (*prior*), que, em 1220, é Soeiro Gonçalves e, em 1258, Durando Gonçalves. A antroponímia dos homens bons que respondem nas Inquirições é quase toda de origem visigoda ou germânica.

No *Catálogo das Igrejas de 1320*, em tempos de D. Dinis, S. Miguel aparece contada em 40 libras, enquanto a vizinha de Lordelo tinha 50.

No numeramento dos fogos de D. João III, em 1527, tinha 38 fogos, cerca de 152 almas, enquanto Romão contava 16, cerca de 64, e Sobrado, 10, cerca de 40 ⁽¹⁹⁾.

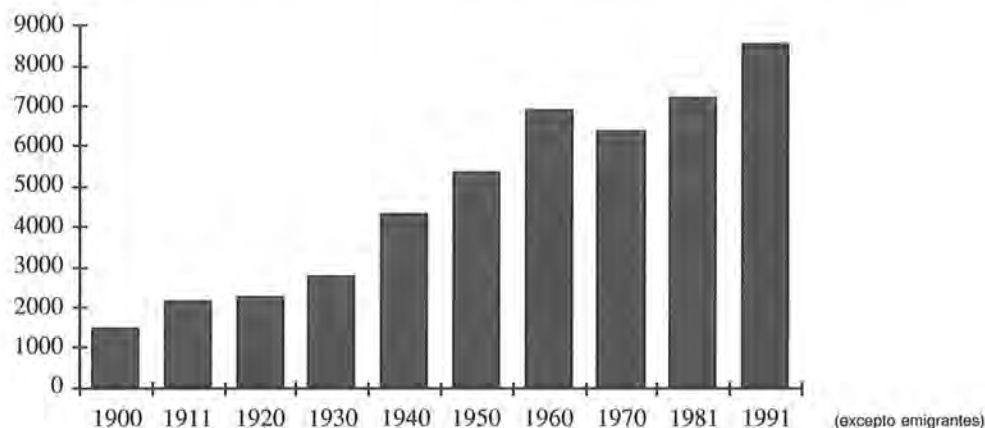
Nos *Livros das Igrejas de Portugal de 1574* não se lhe faz referência.

Nas *Memórias Paroquiais de 1758* ⁽¹⁹⁾ tem já «96 vizinhos e 380 pessoas entre maiores e menores» ⁽²⁰⁾.

Do ponto de vista populacional, mesmo sem contarmos com os livros de Rol ou estado de almas, que se perderam ou não existiram, seguindo os censos oficiais para a freguesia, que são válidos para a avaliação das almas da paróquia, pode dizer-se que a população está em ritmo ascendente.

No Censo de Pina Mannique, em 1798, contava 261 famílias ou seja 976 pessoas.

Em 1900, já com a anexação das freguesias de Romão e Sobrado, contavam-se 333 famílias e 1483 pessoas. Depois, os recenseamentos oficiais dão os seguintes indicadores da população.



⁽¹⁹⁾ FREIRE, Anselmo Braamcamp — *População de Entre Douro e Minho no século XVI*, «Arquivo Historico Portuguez, III, 1-2, 1905, 241-273; GALEGO, Júlia; DAVEAU, Suzanne — *O numeramento de 1527-1532. Tratamento cartográfico*, Lisboa, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 1986.

⁽²⁰⁾ A.N.T.T. — *Memórias Paroquiais de 1758*: AVES, T.V., N.º 56, 879-882, publicadas em «O Concelho de Santo Tirso. Boletim Cultural», Vol. I, N.º 3, 1952, 420-423.

A conclusão desta resenha demográfica prova que a freguesia-paróquia de S. Miguel das Aves está em crescimento constante e, no contexto populacional português, é já um activo centro urbano. Certamente, porém, que a prática religiosa terá decaído em proporção a tão alto índice demográfico.

Do ponto de vista histórico não se pode dizer que a paróquia tenha vivido acontecimentos notáveis, quer religiosos quer cívicos, até aos tempos modernos.

Infelizmente, o Cartório Paroquial está muito depauperado, como se pode ver pelo índice, que apresentamos em apêndice. Nele já não existem nem o Tombo da Igreja, nem os Livros de Visitação completos nem os Estatutos da Confraria do Subsino que o saudoso Pe. Joaquim da Barca ainda refere e cita na sua monografia das Aves. Rápidas notas históricas, quase apontamentos taquigráficos, se encontram, para a época moderna, no Livro de Usos e Costumes, começado pelo Pe. António da Silva Gonçalves, em 1921, e continuando, com notas ocasionais, por Monsenhor José Ferreira.

A descoberta que fizemos em Braga do Tombo paroquial de S. Miguel «dantre Ambas as Águas», registado em 1547, vai permitir-nos ajuizar do domínio paroquial, ao tempo ⁽²¹⁾.

Por sua vez, um velho livro de Visitações, ainda existente no Arquivo Paroquial, cobrindo os anos 1582-1687, poderá ajudar-nos a uma retrospectiva da vivência religiosa na paróquia ⁽²²⁾.

A paróquia, oficialmente integrada nas Terras de Entre Ambas as Aves e julgado de Vermoim, pertenceu sempre à Arquidiocese de Braga; não acompanhou as andanças da freguesia ao passar em 1879 do concelho de Famalicão para o de Santo Tirso. Integra, ainda hoje, o Arciprestado de Famalicão, arquidiocese de Braga, e isso é um resquício do antigo cordão umbilical que, originalmente, a prendia ao julgado de Vermoim. Foi sempre abadia, pois o seu pároco colhia todos os frutos do benefício eclesiástico. Na reforma liberal da administração pública e ordenamento do território depois de 1835, foram-lhe anexadas «in perpetuum» as antigas paróquias-freguesias de S. Lourenço de Romão e Santo André de Sobrado. Chegou ainda a ter como anexa, até 1892, a paróquia de S. Salvador do Campo, a partir daí integrada na diocese do Porto, mas, como anexa, já referida nas Memórias Paroquiais de 1758.

Na vida paroquial, deu-se um solavanco de 1911 a 1912, na crise político-religiosa da implantação da República, e isso por causa da insubordinação do pároco Adriano Filipe Moreira da Silva; então a paróquia esteve, transitoriamente, anexa e entregue aos cuidados pastorais do pároco de Bairro.

2 — A Igreja paroquial

Nada chegou até nós da antiga igreja paroquial, ao tempo das Inquirições. A igreja é, indiscutivelmente, o mais significativo monumento duma paróquia e é natural que, com o passar dos anos, vá sofrendo modificações e transformações.

⁽²¹⁾ ADB - UM — *Tombo paroquial de sam Miguel dantre Ambas as águas, 1547*, caixa 249, N.º 24; cfr. *Tombo paroquial de 1548*, ADB - UM, Registo Geral, Livro 4, fls. 61s; *Tombo paroquial de 1718*, *Ibidem*, Livro 65, fls 261s.

⁽²²⁾ Cartório Paroquial das Aves — *Livro de Visitações, 1582-1687*.

Para os séculos XVI-XVII, o Livro de Visitações (1582-1687) regista várias determinações para obras no outão do campanário, (1583, 1585, 1589), no forro da igreja (1585, 1589). Em 1602 o visitador determinava que se alargasse a igreja na capela «por serem muitos e não caberem», e em 1603 louva o abade e fregueses por cumprirem com o alargamento da igreja. Mas em 1607 volta a falar-se de alargamento da capela.

Em 1637 há uma determinação para consertar o tecto da igreja, porque está perigosa e pode acontecer desastre, e em 1687 volta a falar-se de obras, mas na sacristia.

Crê-se que entre 1745-47 teria começado a construção da igreja que havia de chegar aos nossos dias. Mas, mesmo essa, já foi remodelada quatro vezes no nosso século: em 1921-25, como nos relata o Livro de Usos e Costumes, pág. 16-17 e em Fevereiro de 1926 ainda se fazia um «sorteio a favor das obras da igreja», pág. 18.

Em Agosto de 1928 recomeçava a obra de «reconstrução do corpo da igreja paroquial» e constituía-se uma Comissão de Honra e uma Comissão Executiva. Em Junho de 1932 subiam-se os novos sinos à torre da igreja a indicar que as obras estavam concluídas, tendo a benção da igreja sido dada por Mons. Torres Carneiro, arcepreste de Famalicão, a 30 e 31 de Julho de 1932, pág. 19-20.

Em 1961 foi colocado o relógio da torre, na qual, desde 1931, havia um carrilhão de 4 sinos. Em 1960, dado o grande incremento populacional, foi a obra do alargamento do transepto, dum e doutro lado, criando como que uma nave transversal e dando-lhe a forma de cruz latina.

Finalmente em 27/6/1987 foram inaugurados novos melhoramentos na Igreja Matriz com as presenças do Senhor Bispo D. Carlos Pinheiro, do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Santo Tirso, Dr. Joaquim Couto, e de outras autoridades civis e religiosas. Para além da colocação de tijoleira (na nave central e no transepto e de granito (no presbitério e ao fundo da igreja), criou-se um lugar especialmente digno e apropriado para o grupo coral, um ambão fixo e nobre para a mesa da Palavra e deslocou-se a pia baptismal do fundo da igreja (onde está agora o altar de S. João de Brito) para junto do altar. Nessa mesma ocasião a imagem da Senhora da Piedade foi levada para a capela do cemitério.

Hoje, a igreja paroquial é ampla e está liturgicamente muito bem adaptada, mesmo sem ser notável do ponto de vista artístico.



Igreja Matriz de São Miguel das Aves

As alfaías litúrgicas são dignas, mas o recheio não é particularmente valioso. Desapareceu a custódia de prata, que já vinha do abade Cid, Pe. Cid de Araújo de Sousa, pároco em 1681. A custódia ainda existia em 1923 e dela escreve o Pe. Silva Fernandes: «A custódia de prata, que ainda existe (neste ano de 1923) tem gravado o nome do abade Cid no fundo interior» (Livro de Usos e Costumes, pág. 12).

No Livro de Visitações (1582-1687), além do altar-mor, são referenciados altares de S. Sebastião e Senhora do Rosário, ambos com retábulo dourado.

As Memórias Paroquiais de 1758 apontam cinco altares: altar-mor, o de Nossa Senhora do Rosário, o de S. Sebastião, o do Senhor Jesus e o de Santo António.

No Livro de Usos e Costumes, fls. 19-20, anota-se a inauguração de vários altares e seus doadores, a quando da restauração da igreja em 1928-1932: o altar-mor onde, em 1936, se havia de colocar um crucifixo de tamanho natural, o altar do Senhor, o altar do Coração de Jesus, o altar de Nossa Senhora do Rosário, o altar da Senhora de Fátima e o altar de Santo António.

Por causa de todas estas obras de restauro, e ao sabor das novas devoções, as antigas imagens dos altares bem como o tradicional culto de S. Sebastião foram retiradas. Agora as imagens são todas modernas, belas, certamente, mas sem interesse artístico. É o tributo à modernização que, ao sabor da «moda» religiosa, vai mudando as próprias devoções ⁽²³⁾.

3 — Capelas e centros de culto

1ª — Igreja de Santo André de Sobrado. É uma pequena capela do séc. XVII, resíduo da antiga freguesia do mesmo nome, que já aparecia nas Inquirições de 1220 e 1258. Foi anexada às Aves depois de 1835 e, no Arquivo Distrital do Porto, ainda se conservam os livros do registo paroquial desde 1634 e 1848. A capela está restaurada e em serviço.



Capelinha de Santo André de Sobrado.

2º – Igreja de S. Lourenço de Romão. Já não existe, e do seu serviço ficou apenas o cruzeiro e a imagem de S. Lourenço na paroquial das Aves até ao dia 6/1/1985, data em que a antiga imagem de S. Lourenço foi levada em procissão da Igreja Matriz até à nova capelinha sita em Romão, benzida pelo Senhor Bispo D. Agostinho Lopes de Moura. Os livros do registo paroquial, desde 1607 a 1807, estão também no A.D.P. No cartório paroquial das Aves está o Livro de Visitações, incompleto, de 1751 a 1792, visto esta antiga freguesia lhe ter sido anexada.

3º – Capela da Senhora da Sêca. Em ruínas, ainda existe em Lubazim, dentro dos limites da freguesia de Lordelo. Foi, indiscutivelmente, capela da fábrica e jurisdição dos párocos das Aves, como diz a Memória Paroquial de 1758. O Pe. Joaquim da Barca faz referências a várias determinações que os visitantes deixaram acerca desta capela, mas os Livros de Visitações desapareceram. No tempo do pároco Monsenhor José Ferreira houve a tentativa de querer reintroduzir a capela na jurisdição paroquial, e até se organizou um «dossier» que está no arquivo paroquial. Os documentos de Lordelo nunca falam da Capela da Sêca como sendo dessa freguesia, mas também depois de 1835 não volta a aparecer nas Visitações das Aves. A invocação «Senhora da Sêca» deriva, com certeza, da devoção dos lavradores da zona por motivos de estiagem. A capela, todavia, deve ser muito antiga pois no Tombo Paroquial de 1547, no lugar de Lubazim, «no chão da eira» é citada a capela de Santa Maria.

4º – Capela da Barca. Está anexa à casa do mesmo nome, tendo sido construída por volta de 1823 pelo Dr. João Manuel de Freitas Machado de Sousa e Silva, cônego da Sé de Lamego. Nos últimos tempos a quinta foi pertença da família do Pe. Joaquim da Barca, o Pe. Joaquim Carlos de Lemos, grande baírrista e saudoso avense. A capela é particular, dedicada a Nossa Senhora das Dores e está sem culto. Em frente da casa, há um cruzeiro donde, em Sexta-feira Santa, parte para a igreja paroquial uma procissão de cruzeiros.

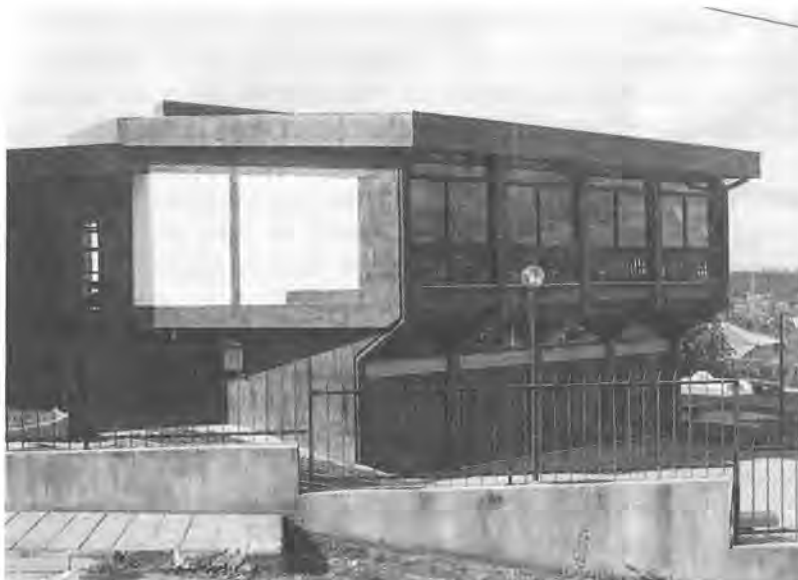
5º – Capela do Mosteiro da Visitação. O mosteiro da Ordem da Visitação de Santa Maria foi fundado em 29/IX/1887 graças a José Maria de Almeida Garrett, sobrinho do grande poeta romântico e filho de seu irmão Alexandre José. Confiscado o mosteiro em 1911, as religiosas visitandinas voltaram em 1931 até que, em 1953, se deslocaram para Coimbra. Mas de 1961 a 1964 construíram, de novo, no lugar do Longal, mais acima do antigo mosteiro, uma nova casa onde se instalaram em 15/VII/1964. Têm capela de culto público, servida por um sacerdote-capelão ⁽²⁴⁾.

6º – Capela do Mosteiro das Clarissas. Vindas de Espanha, as irmãs clarissas alugaram e depois compraram o antigo mosteiro da Visitação no lugar da Carreira, onde se instalaram a 17/VI/1955. Mais tarde, a 6/II/1959, D. António Bento Martins Júnior, arcebispo Primás, celebrava na capela nova, inaugurava a Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento e impunha a clausura canónica. O mosteiro foi reconstruído de 1979 a 1986; tem capela, dedicada com o convento a S. José, e é servida por capelão próprio ⁽²⁵⁾.

⁽²⁴⁾ «Para o adorar em espírito e verdade», 2 séculos da Ordem da Visitação de Santa Maria em Portugal — 1784-1984, Leiria/Braga, 1983; *Religiosas da Visitação de Santa Maria. 100 anos de presença em Vila das Aves*, Vila das Aves, Mosteiro da Visitação, 1987.

⁽²⁵⁾ *Madre Maria Cruz Clara do Imaculado Coração. Ressurgir das Clarissas em Portugal*, Vila das Aves, Mosteiro de S. José, 1989.

7º – Centro Pastoral Polivalente de Cense. Servindo o antigo território da paróquia de Romão, construiu-se no lugar de Cense um centro pastoral polivalente para serviço de culto, catequese e reuniões. De linhas modernas, foi inaugurado solenemente no dia 16/IV/1989 por D. Agostinho Lopes de Moura, bispo emérito de Portalegre e Castelo Branco, a residir no mosteiro da Visitação, com a presença do Senhor Presidente da Câmara de Santo Tirso, Dr. Joaquim Couto, e autoridades da freguesia de Vila das Aves.



Centro Pastoral Polivalente de Cense

4 — *Confrarias e associações religiosas*

As associações de mestirais da Idade Média foram desaparecendo com o tempo e sucederam-lhe as confrarias religiosas como fautores de piedade e associativismo devocional cristão.

Na paróquia de S. Miguel das Aves, através do antigo Livro de Visitações, detectam-se três confrarias, duas das quais chegariam aos nossos dias.

1º – Confraria do Subsino. Certamente, é a ela que se refere o Tombo paroquial de 1547 ao falar da Confraria, sem qualquer determinativo. De facto, era ela que regia a vida paroquial, antecipando o papel da Junta de Freguesia e até esteve na sua origem. Chamava-se do Subsino (Sobsigno) porque tinha como emblema a Cruz (signum Crucis). Pode-se afirmar que o papel de Juiz da Cruz, existente nas paróquias, é um resíduo do Juiz do Subsino, juiz da confraria, a quem competia e ainda compete levar a cruz alçada nas procissões, visita pascal do compasso e enterros.

O visitador da paróquia, em 1585, deixou ordens para que se fizessem os estatutos do Subsino. Em 1642 exige contas aos oficiais da confraria do Subsino que as não querem dar.

O Subsino teve estatutos que foram reformados e aprovados em 14 de Julho de 1769; constavam de 29 capítulos e o Pe. Joaquim da Barca declara tê-los tido «diante dos olhos» ⁽²⁶⁾, com o respectivo inventário da confraria (alfaias) elaborado em 5 de Outubro de 1801. A mesa compunha-se de juiz (da cruz) e homens de fala ou mordomos. A acção da confraria, que também se pode considerar precursora da Comissão Fabriqueira paroquial, estava orientada para a conservação da igreja, guizamento dos altares, arranjo do adro, organização dos enterros, promoção de sufrágios pelos defuntos e realização dos clamores que deviam levar o povo em procissão de suplica às igrejas e capelas dos arredores (Lordelo, Riba d'Ave, Guardizela, Moreira de Cónegos, Guimarães, Roriz, Rebordões, Burgães, Monte Córdova e S. Jorge de Silveiras).

A confraria tinha o seu património e cada paroquiano devia contribuir com uma espórtula anual. A confraria cumpria o dever e a piedosa obra de misericórdia de enterrar os mortos, fornecendo toda a utensilagem: esquife, panos, toalhas, lençol, cera e a tumba e ainda as enxadas e forquetas. Devia ainda promover os resposos e demais sufrágios. Muitas vezes a confraria tinha a invocação do *Nome de Deus*. Numa visitação de 23 de Agosto de 1677 ordena-se que se celebrem as missas do Nome de Deus como mandara o arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires ao juiz e oficiais da freguesia: «uma missa todos os meses do SS.^{mo} Nome de Jesus e dar de esmola seis tostões e cera».

Com o Liberalismo, em 1833-34, as funções da confraria passaram para a *Junta de Paróquia*, que o juiz do Subsino passou a integrar como tesoureiro, pois era da entrada dos irmãos e das covagens que lhe advinham as receitas. A *Junta de Paróquia*, no seu orçamento de 1879 propunha-se gastar: «12 clamores a 120 reis cada um = 1.400 rs; 14 missas para os mesmos clamores, 4.000 rs; para barrer a Igreja e conduzir agua para a mesma, 720 rs; para labar e engomar a roupa da mesma, 850 rs; para ordenado do secretario d'esta junta e do Regidor, 4.000 rs; para a cêra para consumo da Igreja, 3.500 rs; papel para a despesa da Junta e Regidor, 200 rs; para guizamentos, 800 rs; 3 livros para o registo parochial, digo para livros para os trabalhos d'esta junta, que são, um livro para as actas, e um livro para inventariar os paramentos e vasos da Igreja e o Codigo Administrativo e Parochial e encadernar o Codigo Administrativo e Parochial, 2.520 rs» ⁽²⁷⁾.

Perante tal orçamento, nos nossos dias, qualquer cidadão sorriria, exclamando: «cuidado com o orçamento!».

A República, em 1911, acabaria por eliminar totalmente o Subsino e laicizar a Junta de Paróquia fazendo dela a *Junta de Freguesia* e estabelecendo a *Lei da Separação* da Igreja e do Estado (20/10/1911), a laicização da vida pública.

2^o – *Confraria do Santíssimo Sacramento*, que, em alguns lugares, é chamada *Irmandade do Senhor*. Pretendia inculcar nos fiéis a devoção e o culto da sagrada Eucaristia e organizava a festa do Corpo de Deus. Tal confraria ou irmandade generalizou-se desde o séc. XVI. A de S. Miguel das Aves talvez tenha sido instituída no tempo do abade Cid de Araújo e Sousa, que obteve licença para o sacrário e mandou

⁽²⁶⁾ BARCA, Pe. Joaquim — *O.C.*, pág. 164.

⁽²⁷⁾ Arquivo da Junta de Freguesia de S. Miguel das Aves — *Livro de Actas da Junta da Paróquia*, 1878-1897, fls. 19-20.

fazer a custódia de prata com o seu monograma. Não aparece referenciada no *Livro de Visitações* (1582-1687), mas as *Memórias Paroquiais* de 1758 citam-na explicitamente. É ela que promove o «Laus perene» anual a 27-28 de Setembro.

3 – *Confraria de Nossa Senhora do Rosário*. Está ligada à festa instituída pelo Papa S. Pio V, em 1571, para agradecer a Nossa Senhora a vitória de Lepanto contra os turcos. Particularmente propagandeada pelos padres dominicanos, visava promover a devoção a Maria com a recitação do rosário ou terço. Tinha a sua festa no domingo a seguir a 7 de Outubro, dia litúrgico da Confraria do Rosário. Nas Aves, a primeira referência à Confraria do Rosário é na visitação de Novembro de 1607; em 1611 mandava-se pôr retábulo no altar de Nossa Senhora do Rosário e em 1632 fala-se do guião da confraria do Rosário, para em 1637 se determinar a procissão de Nossa Senhora do Rosário aos domingos. Em 1642 exige-se que os oficiais da confraria da Senhora apresentem contas. Também é citada esta confraria nas *Memórias Paroquiais* de 1758 e, por alguns livros que ainda restam, sabe-se que até recebia irmãos de outras freguesias.

Nos tempos modernos aparecerão muitas outras associações de piedade a activar a vida cristã, como se verá.

5 — A vida paroquial

Os párocos eram os animadores da vida cristã e foi por cerca de 906, que o abade Regino de Prum escreveu uma espécie de manual ou guia para os bispos em visita pastoral às paróquias das suas dioceses. Dele nasceriam os famosos *Manuais dos Párocos*. Entre os deveres e obrigações dos párocos, enquanto sacerdotes, apontam-se: administração dos sacramentos, celebração da Santa Missa aos domingos, homilia, catequese, assistência aos doentes e moribundos, enterro dos mortos, organizações das festas, sobretudo nas solenidades litúrgicas.

Em S. Miguel das Aves não há documentação que satisfaça a nossa curiosidade em relação à vida paroquial na Idade Média. Apenas a podemos imaginar por generalização e aproximação e dados providos de outros quadrantes. Sabemos, porém, da importância que assumia a celebração da missa dominical, quando a igreja paroquial se tornava como que a casa comum do povo cristão. Então, certamente, a vivência religiosa era mais ao nível da moral cristã que da prática sacramental, sobretudo da comunhão; a adoração da hóstia consagrada sobrepunha-se à comunhão do Corpo de Cristo. Grande importância tinham os ritos de passagem ligados ao baptismo, casamento e enterro.

A pregação chegou tarde às paróquias e, certamente, por obra e graça de frades mendicantes, dominicanos e franciscanos.

É possível que as solenidades litúrgicas do Senhor, Natal e Páscoa, dessem lugar a cerimónias paralitúrgicas que desenvolveram o teatro religioso popular.

O culto de Nossa Senhora e dos Santos, ao longo da Idade Média, ganhou forte impacto na devoção do povo português e, desde então, deu origem a festas cujo estereótipo se manteve até aos nossos dias.

A partir do séc. XVI, em 1547, surge o *Tombo* paroquial e, por ele, se vê que a paróquia de S. Miguel das Aves (*dantre Ambas as Águas*) era uma realidade forte e bem estruturada, apesar de as rendas serem comidas pelo comentário leigo e a cura de almas estar entregue a um capelão, o Pe. António Vaz. Havia

uma confraria, sem dúvida, a do *Subsino* e a devoção a Nossa Senhora já tinha chegado a Lubazim onde, no «chão da eira» havia a Capela de Santa Maria que, mais tarde, aparece sob a invocação de *Nossa Senhora da Sêca*.

O *Livro das Visitações* (1582-1687) já permite uma visão mais alargada à vida colectiva da paróquia, às suas deficiências e ao seu imaginário sócio-religioso. Os capítulos das visitas ora se dirigem ao pároco ora aos paroquianos e o seu estereótipo quase não varia. Começa por urgir ao abade o ensino do catecismo aos meninos e pessoas necessitadas. Manda pagar a colheita do Arcebispo. Apela para obras da igreja, urge o decoro do culto, suas alfaias e livros; controla as confrarias do Subsino e Rosário, exige o guizamento dos altares, censura o pároco e fregueses por negligentes em fazer as obras, mas também os louva, quando é caso disso. Estabelece homens (olheiros) para averiguar dos que causam perturbações ao tempo de ouvir missa ou dos que chegam tarde, faltam a ela e trabalham nos dias santos. Refere que poucas pessoas acompanhavam o Santíssimo Sacramento aos doentes. Exige as missas do Nome de Deus que juiz e oficiais da confraria deviam mandar celebrar. Censura o modo de celebrar as missas novas «porque este modo de dizer missa nova he por direito reprovado e serve de os poderosos vexarem o povo com as involuntarias ofertas» como dizia a visita de 1672. Intervém em casos de moral pública mandando notificar homens e mulheres, devidamente nomeados, de diversos lugares para comparecerem diante do visitador e serem admoestados. Uma outra vez manda ao abade que afaste de sua casa determinada mulher solteira por causa do escândalo, e que os fregueses não aluguem casa a homem ou mulher estranhos sem o cura se informar dos censurados e degradados. De algumas mulheres aponta o facto de serem tidas «por bravas» e manda a uma que «se aparte da conversação desonesta ou se case». Também faz referência a questões económicas ameaçando os que vendem pão e vinho fiado por preço excessivo; esses não poderão ser admitidos à confissão sem antes restituírem o excesso.

Ordena ainda que se faça o registo do tombo dos bens e propriedades da igreja no registo geral do Arcebispo (1591) e proíbe que se mostre o livro das visitas, pelo escândalo que isso provocaria. Mas termina sempre mandando que, nos três domingos seguintes, se faça a leitura dos respectivos capítulos da visita. É, assim, que pelo *Livro das Visitações*, no quadro diacrónico de 1582 a 1687, se pode fazer o rastreio da vida cristã na paróquia das Aves.

Outros livros de visitas havia no cartório paroquial, como testemunha a monografia do Pe. Joaquim da Barca, mas, como outras coisas da igreja, desapareceram.

Nos séc. XVIII, o inquérito das *Memórias Paroquiais* de 1758 informa-nos que a igreja é da apresentação da Mitra de Braga e que o pároco é abade colado. Diz que os habitantes são apenas 380 e que, na igreja, veneram a Senhora do Rosário, S. Sebastião, Santo António e o Senhor Jesus; as confrarias do Santíssimo Sacramento e do Rosário eram as polarizadoras da piedade popular.

No período de 1760 a 1831 pode seguir-se a vida da paróquia através do *Livro dos Capítulos de Visita* na 3.ª parte de Sousa e Ferreira, do Arquivo Distrital de Braga, onde se colhe material interessante ⁽²⁸⁾.

(28) ADB – UM. — *Livros das Visitações da 3.ª parte de Sousa e Ferreira*. Secção de Visitas e Devassas, n.ºs 127-135.

Para acontecimentos de época recente poderia recorrer-se ao arquivo da *Junta de Freguesia*, onde se guardam *Livros de Actas* desde 1878 até hoje. O recurso aos jornais, sobretudo da terra e do concelho, fornecerá achegas preciosas e complementares (ver o «Entre Margens»).

O clímax normal da vivência religiosa atingia-se com as festas, ocasiões em que o homem crente mais se une com Deus e seus santos e preza o estabelecimento de laços sociais com o seu semelhante ⁽²⁹⁾. Basta enumerar as devoções do *Mês de Maria* em Maio, do *Mês do Rosário* em Outubro, do *Mês das Almas* em Novembro; e, depois, as festividades do *Menino Jesus* na quadra do Natal, o *Compasso* da Visita Pascal, a festa de *S. Sebastião* com longa tradição, a do padroeiro *S. Miguel* e as festas de *Comunhão Solene* e *Primeira Comunhão*.

Nessas alturas, para já não falar dos desaparecidos clamores às igrejas das paróquias vizinhas, o povo laborioso desta terra, como que esquecia o peso dos dias marcados pelo trabalho sempre repetido dos campos ou dos afazeres domésticos, que as fábricas ainda não tinham chegado. Então, a igreja das cerimónias litúrgicas e das pregações enchia-se e o adro das procissões e do arraial virava o grande espaço do encontro comunitário no convívio e na alegria.

Todavia, não podemos esquecer a tristeza que a morte dos fiéis provocava na paróquia, ela que sempre era anunciada pelo toque lúgubre e pelo dobrar dos sinos a finados. No Antigo Regime, as atitudes perante a morte eram bem visíveis e sentidas, provocadas pelos «homens de fala» da confraria do Subsino. Primeiro era o sair do Senhor aos moribundos, depois o enterro dentro da igreja ou nos taburnos do adro. Pelas Actas da Junta da Paróquia, sabe-se que, nas Aves, só em 11/I/1880 se resolveu a escolha do terreno para o cemitério «acabando-se assim com a prática supersticiosa d'enterrar os mortos dentro do templo»... «prática ofensiva do respeito e veneração devida aos logares sagrados em que se adora a divindade, com ofensa também da salubridade pública». Assim escrevia o secretário da Junta de Paróquia, em 1880, ao mesmo tempo que declara que o comendador Manuel José Ribeiro (Conde de S. Bento) «digníssimo filho desta freguesia... oferece-se mandar construir à sua custa... dando mais uma prova da sua grandesa d'alma, ilustração e respeito pela religião e memória dos mortos». O cemitério construiu-se no terreno do «Monte do Carreiro» pertencente ao passal da paróquia, e em 18/IV/1880 fez-se a entrega do terreno para a construção.

Do ponto de vista devocional, a morte determinava ainda em vida a escolha dum hábito religioso, mais santo, para se ir, assim, para a companhia dos santos. Nos assentos de óbito lá se regista, muitas vezes, que os defuntos foram sepultados no hábito de *S. Francisco*, de *S. Domingos*, de *S. Bento*, de *Santa Clara*, de *Santa Teresa* ou num simples lençol. E o acompanhamento religioso contava, de ordinário, com vários sacerdotes: cinco, quase sempre, dez, e, para os párocos chegava a quarenta e cinquenta padres. À volta da morte, no Antigo Regime, havia um conjunto de ritos e sentimentos que fomentavam um autêntico culto dos mortos ⁽³⁰⁾ porque, segundo a fé católica, «a vida não acaba, apenas se transforma». Já vimos, neste

⁽²⁹⁾ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de — *Território Paroquial no Entre Douro e Minho. Sua Sacralização*, «Nova Renascença», Porto, vol. I, 202-212; DIAS, Geraldo J.A. Coelho — *O Alto Minho em tempo de festas*, «Humanística e Teologia», Porto, III, N.º 3, 1986, 251-282.

⁽³⁰⁾ COELHO, António Matias (Coordenador) — *Atitudes perante a morte*, Coimbra, Livraria Minerva, 1991; DIAS, Vitor Manuel Lopes — *Cemitérios, Jazigos, Sepulturas*, Porto, Edição do autor, 1963.

aspecto, a importância da confraria do Subsino e a relevância que tinha para os cristãos ser sepultados em terreno sagrado, dentro das igrejas «apud sanctos» ou no adro à volta da igreja. É sabido como em Portugal a «lei da saúde» com os cemitérios, afastados da igreja, dos enterros fora do espaço eclesial criou a revolução da Maria da Fonte que tanto agitou as gentes do Norte por volta dos anos 1846-1847.

Em S. Miguel das Aves, o cemitério só se começaria a construir depois de 1880, como se viu, e em 1979 construiu-se nele a capela funerária.

6 — A paróquia na actualidade

Passada a tormenta republicana e a crise momentânea de 1911, quando, por desobediência do último pároco colado, o Pe. Adriano Filipe Moreira da Silva, a freguesia esteve anexa à de S. Pedro do Bairro, a vida da paróquia retomou fôlego. Para isso contribuíram muito as visitas pastorais dos Senhores Arcebispos, seus coadjutores ou auxiliares. Antes, os bispos confiavam as visitas a delegados, por zona, e S. Miguel das Aves estava integrada na 3.^a visitação de Sousa e Ferreira.

As visitas pastorais do Senhor Arcebispo começaram logo no princípio do século XX, em 1900, com D. Manuel Baptista da Cunha. Estas visitas eram sempre recebidas com muita animação do povo cristão e são muito mobilizadoras. Sucederam-se em 1923, 1939, 1949, 1957, 1972, 1980, 1988, sempre com a administração do Santo Crisma a muitos fiéis.

No Livro de Usos e Costumes, fls. 9-10 relata-se com relevo a visita de D. Manuel Vieira de Matos, de 28 a 30 de Junho de 1923 e regista-se a bela peça literária do discurso do pároco, Pe. António José da Silva Gonçalves, bem como os versos que ele compôs e a menina Isaura, filha do Sr. Bernardino Gomes, recitou.

Notável foi, depois, a visita pastoral de 1949 por D. António Bento Martins Júnior, por ocasião da inauguração da nova residência paroquial e na celebração da festa de S. Sebastião, a 6 e 7 de Agosto. Foi festa de arromba, que mobilizou inclusive as forças vivas do concelho de Santo Tirso, representado pelo seu Presidente Dr. Adriano de Azevedo, e teve no Sr. Diogo Cabral, administrador da Fábrica «Rio Vizela» o seu juiz. A festa terminou com uma imponente procissão presidida pelo Senhor Arcebispo Primás e com um brilhante certame musical entre as bandas da Fábrica Rio Vizela e de Freamunde.

Com a recuperação religiosa que se deu após 1926, temos de sublinhar o papel de organismos e associações de piedade que, verdadeiramente, fizeram a animação espiritual da paróquia: Associação do Coração de Jesus, Apostolado da Oração, Associação dos Santos Anjos, Associação de S. Miguel Arcanjo, Pia União das Filhas de Maria, Amiguinhas do Menino Jesus, Cruzada Eucarística, Obra de Santa Infância, Acção Católica (secções de Joc e Loc masculinas e femininas), Obras das Vocações e Seminários, Corpo Nacional de Escutas, Guias de Portugal, Fraternidade Nun'Álvares, Cursos de Cristandade e o Grupo Coral que anima as celebrações litúrgicas sob a direcção artística do Dr. Luís Américo C. Fernandes.

O desenvolvimento demográfico e económico da freguesia, elevada a Vila em 1955, e o dinamismo cristão da paróquia exigiram, como se disse, várias obras de restauro e ampliação da igreja paroquial. O próprio pároco, Pe. José Ferreira, filho desta terra, foi agraciado pelo Papa Pio XII com a dignidade de Camareiro Secreto e o título de Monsenhor por Breve Apostólico de 19/VI/1957. Monsenhor Ferreira recebeu as insígnias eclesiásticas na festa das Bodas de Prata da sua ordenação sacerdotal e inauguração do

Patronato Paroquial, a 4/VIII/1957. Houve soleníssima missa campal, no adro, com participação do Governador Civil do Porto, Presidente da Câmara de Santo Tirso e autoridades da freguesia. Foi este, certamente, um momento alto de vivência festiva e religiosa nesta paróquia, tudo terminando com «Te Deum» cantado e beija-mão do pároco, agora adornado com anel prelatício.

A 5/VIII/1980, Monsenhor Ferreira, com 75 anos de idade, celebrava Bodas de Ouro de ordenação Sacerdotal. Como ele mesmo escreve no «Livro de Usos e Costumes» fl. 21 v., «em consciência julgava não poder satisfazer as necessidades da paróquia, na assistência aos movimentos de apostolado»; pelo que, em fins de 1980, o Senhor Arcebispo, D. Eurico Dias Nogueira, resolveu aceder aos seus pedidos, concedendo-lhe a aposentação. Faleceu a 31/VII/1988.

Deste modo, a 4/I/1981, tomava posse da paroquialidade das Aves o Pe. Fernando de Azevedo Abreu, que, até há pouco, tinha sido pároco de Lousado — Famalicão. Jovem e dinâmico sacerdote, natural de Forjães — Esposende, onde nasceu a 23/IV/1948, fora ordenado sacerdote a 9/VII/1972. Estivera como coadjutor em Ribeirão (1972-1974) e paroqueara Lousado de 1972 a 28/IX/1980. Entretanto, como que a preparar a entrada nas Aves, assumiu aqui a função de professor de Religião e Moral, no Ciclo Preparatório, até ser nomeado e tomar posse da paróquia. A mudança de «pastor» ocasionou, necessariamente, a viragem pastoral e a reformulação de todo o serviço paroquial.

Aliás, há muito que a Vila das Aves deixara de ser aquela freguesia rural de ares puros e sadios que encantara Arnaldo Gama, o qual aqui começa o seu romance histórico de «O Segredo do Abade» ⁽³¹⁾. É isso que provam os dados quantitativos da evolução demográfica, a pauta concelhia de contribuições e impostos fiscais e, bem assim, uma grelha da promoção sócio-cultural elaborada pelos serviços da pastoral paroquial. Vamos apresentá-la como amostragem do progresso sócio-cultural desta terra, apontando os estudantes com o 12.º ano ou em vias de formação superior e também os quantitativos das pessoas formadas em cursos superiores, na data de 12/IX/1991. Ao todo são 185 pessoas, das quais, 103 do sexo feminino e 82 do sexo masculino, assim repartidas por cursos:

Estudantes -----	58
Ex-Seminaristas -----	7
Curso de Belas-Artes -----	2
Curso de Enfermagem -----	3
C. de Educação Física -----	1
C. de Educadora Infantil -----	2
C. de Serviço Social -----	1
C. de Técnico de Contas -----	2
C. de Teologia (Sacerdotes) -----	11
Licenciaturas em Direito -----	4
L. em Economia -----	3

L. em Engenharia (Civil, Electr., Mecânica, Bio.) -----	10
L. em Farmácia -----	1
L. em Geografia -----	2
L. em Letras (Filosofia, História, Línguas) -----	13
L. em Matemática -----	3
L. em Medicina -----	12
L. em Política Social -----	1
Professores Primários -----	20
Professores (sem indicação de ramo) -----	29

Só por si, esta grelha de amostragem sócio-cultural serve para justificar o esforço de actualização que se verifica na pastoral paroquial. É que, se o mundo paroquial é outro, a pastoral tem de saber adequar-se-lhe. Já o diz o Evangelho: «Para vinho novo, odres novos» (Mateus 9, 17). Não basta conservar e defender; sem renegar nem destruir o passado, é preciso fazer, e tem-se feito, de facto, a abertura aos «sinais dos tempos» e a consequente actualização dos organismos paroquiais.

Antes de mais, criou-se em 24/11/1984 o *Conselho Pastoral Paroquial*, que passou a ser o cérebro motor e dinamizador de toda a pastoral na paróquia. Composto de 52 membros, tem membros natos como o pároco que preside, e seus auxiliares eclesiais; membros eleitos pelas 13 zonas pastorais em que a paróquia foi dividida; membros eleitos como representantes dos movimentos de apostolado e membros nomeados, nunca mais dum terço, pelo pároco.



O conferente Dr. Geraldo Coelho Dias, tendo à sua esquerda o Pe. Albertino (Capelão das Clarissas) e à sua direita o Eng.º Castro Fernandes (Câmara Municipal de Santo Tirso) e à esquerda Adelina Pimenta.



Lar Familiar da Tranquilidade

O *Grupo Coral* foi dinamizado e valorizado, numérica e artisticamente, e é ele que dá vida e beleza a todas as celebrações litúrgicas, fomentando a participação plena, activa e consciente.

Mas o *Grupo Coral*, que tinha sido constituído em 1974, passou em 13/VIII/1984 a formar uma Associação com escritura notarial publicada no «Diário da República», III Série, N.º 231 de 4/X/1984. Para garantir qualidade e eficácia, celebrou-se um protocolo em 3/XI/1984 com a Junta de Freguesia em vista da criação e funcionamento duma *Escola de Música*. Funciona ela no Salão Paroquial em classes de iniciação musical, de instrumentos de sopro (flauta de bisel, transversal, clarinete e trompete), de viola clássica, de acordeão, de órgão, de piano, de bandolim e de violino. É esta, sem dúvida alguma, uma empresa válida para atrair jovens, criar-lhes o gosto da música e elevar o nível artístico desta terra que, em tempos, teve a lembrada «Banda Musical da Fábrica Rio Vizela».

Em 1982 pensou-se e organizou-se uma nova forma de realizar a *Visita Pascal do Compasso*. A paróquia das Aves, juntamente com a de S. Victor, em Braga, foi pioneira em toda a arquidiocese de Braga, estabelecendo a solene Visita Pascal com leigos, mesmo senhoras, como anúncio festivo da Ressurreição do Senhor; esta termina sempre com um concorrido e significativo *Cortejo Pascal* que, da Tojela, se dirige para a igreja paroquial.

As restantes associações e movimentos de piedade, sem perder essa característica, tornaram-se também molas de formação humana e cristã, dentro dos parâmetros de modernidade e eclesialidade. Se alguns movimentos estavam moribundos e acabaram mesmo, outros surgiram: *Gente do «Amanhã»*; *Jovens «Renascer»*; *Grupos «Palavra de Vida»*; o movimento «Focolares» de Chiara Lubich; *Cursos de Preparação Matrimonial* (C.P.M.).

A catequese, como não podia deixar de ser, foi intensificada e até se criou o *Centro Pastoral Polivalente* de Cense.

Finalmente, porque a religião não pode confinar-se à igreja e à sacristia, desde 1987 que se vêm realizando com sucesso, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Santo Tirso, as *Jornadas Paroquiais de Cultura da Vila das Aves*, que já vão no 5.º ano sucessivo.

Do ponto de vista sócio-caritativo, procurou-se fazer mais e melhor. É certo que o nível económico do povo das Aves tem conhecido sensíveis melhoras, mas os cristãos, animados de humanismo e caridade, bem sabem que «há mais alegria em dar do que em receber» (Actos, 20, 35). Houve e há nesta terra famílias privilegiadas, com posses de fortuna que souberam e sabem realizar a arte de bem-fazer. Todavia, toda a comunidade cristã se tem mostrado atenta aos pobres e necessitados. Em 1916 fundava-se a *Conferência de S. Vicente de Paulo* (senhoras) e em 1921 a de homens. Em 1952 constituía-se a *Comissão Paroquiana de Assistência*; em 4/VIII/1957 inaugurava-se o *Patronato* cuja primeira pedra tinha sido benzida em 8/IX/1951. Entre 1981/82 fundou-se a *Equipa Sócio-Caritativa* que se encarregou de velar pelas situações de pobreza nas suas várias manifestações.

Por último, depois de alguma luta e incompreensões, em 1/IV/1990 abria-se a moderna unidade do *Lar Familiar da Tranquilidade*, benzida pelo Senhor Arcebispo Primaz, D. Eurico Dias Nogueira, com a presença do Senhor Ministro do Emprego e da Segurança Social, Dr. José A. Silva Peneda.

O Lar tem duas valências: *Centro de Dia* para Terceira Idade e *Internamento* com capacidade para 50 pessoas, dividido em quatro sectores: casais, homens, mulheres, acamados.

É, sem dúvida, uma obra de vulto que não seria possível sem o fundo da herança por testamento à fábrica da Igreja do benemérito António Martins Ribeiro do lugar da Carreira. Mas a obra não se teria

levantado sem a comparticipação do Ministério do Emprego e da Segurança Social. Funciona como fundação com estatutos aprovados em 7/III/1990, erecta juridicamente pelo Senhor Arcebispo Primaz como instituição particular de solidariedade, estando, por isso, inscrita na União de Instituições Particulares de Solidariedade Social (UIPSS). O Artigo n.º 2 dos Estatutos do *Lar Familiar da Tranquilidade* diz que ele «É uma instituição de fiéis, erecta em pessoa jurídica canónica pública, como fundação, por decreto de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz». Segundo o Decreto-Lei n.º 119/83 fica integrado na ordem civil como Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS).

III. OFÍCIO-BENEFÍCIO PAROQUIAL

1 — Os párocos e curas

O pároco, segundo o Direito Canónico (cânones 515; 519), é o «pastor, o responsável pela paróquia, o guia e animador da comunidade cristã e da sua vida religiosa.

Cada pároco, com a sua idiossincrasia pessoal, imprime à paróquia o dinamismo e a marca da sua personalidade. Por isso, na memória do povo cristão, perpetua-se, em geral, a lembrança desses homens de Deus, que até o trajar distingue dos outros. Alguns são venerados como santos pelo seu comportamento e fervor nas coisas de Deus; outros são elogiados pela sua bonomia e liberalidade. Também há os que ficam recordados como esmoleres, amigos dos pobres e solidários com os trabalhadores; muitos são admirados pela sua ternura com os velhinhos e doentes ou pela sua dedicação aos jovens. Mas não faltam os que estão marcados com o ferrete da ganância ou as acusações duma vida pouco exemplar. Venerados uns, criticados outros, esquecidos muitos, o que é certo é que todos tiveram a sua quota parte na vida da paróquia; aceleradores ou travões, foram eles que, de facto, se creditaram como agentes da vida espiritual dos fiéis.

Do séc. XVII ao séc. XIX parece ter havido bastante clero nas paróquias onde, além dos párocos, colados quase sempre ou encomendados, havia curas ou coadjutores, capelães e ainda sacerdotes, porventura, assistentes ou residentes na paróquia.

Em termos esquemáticos, vamos apresentar a lista dos párocos e coadjutores, tirada dos *Livros de Visitações* de 1582-1687 e dos livros de *Registo Paroquial* existentes no A.D. Porto.

Sem intencionalmente o pretendermos fazer, temos, assim, de corrigir e completar dados da Monografia» do Pe. Joaquim da Barca. Esta nossa lista, que de 1831 a 1920 segue a daquele, poderá ainda ser corrigida com documentação do A.D. Braga.

1220	-----	Soeiro Gonçalves	_____	abade	
1258	-----	Durando Gonçalves	_____	prior	
1547	-----	António Vaz	_____	capelão	
-----	1598	—	Mateus Dias	_____	abade
		—	Manuel Ribeiro	_____	cura

1602 – 1603	—	Salvador Gonçalves	abade
1603	-----	Leandro Cão da Nóbrega	abade
1604 – 1622	—	Brás Borges	abade
	-----	Jerónimo Dias de Carvalho	Coadjutor
1623 – 1626	—	Luís Álvares Correia	abade
	-----	Pedro Pinto	cura
1626 – 1669	—	António Monteiro de Campos	abade
	-----	André de Feitas de Barros	
1669 – 1687	—	André de Feitas de Barros	abade
----- 1687	—	António Pinheiro	encomendado
1688 – 1724	—	Cid de Araújo e Sousa	abade
	-----	Miguel Coelho	cura
1724 – 1763	—	João Coelho de Vasconcelos e Mota	abade
	—	Manuel de Araújo	coadjutor
	—	Rafael Leal de Meireles	coadjutor
	—	Manuel Ribeiro Pinto Guedes	coadjutor
----- 1763	—	Dionísio Moreira de Almeida	encomendado
----- 1765	—	João Martins de Araújo	encomendado
1767 – 1779	—	Damião Guedes	encomendado
			e abade
	—	Constantino Fernandes	coadjutor
	—	João de Araújo e Sampaio	coadjutor
	—	Manuel Peixoto Ribeiro Guedes	coadjutor
1779 – 1797	—	Manuel Peixoto Ribeiro Guedes	abade
	—	António do Rosário Oliveira	coadjutor
1797	—	Manuel Martins Torre	encomendado
1797	-----	Bernardo José Rodrigues e Freitas	abade
1798 – 1808	—	Gaspar Mendes Queirós e Vasconcelos	abade
	—	António do Rosário Oliveira	coadjutor
	—	Manuel Alves da Costa	coadjutor
— 1808	—	António Alves Pereira	encomendado
1809 – 1812	—	António José Monteiro de Queirós	abade
	—	António Alves Pereira	coadjutor
1813 – 1825	—	João Dias Pereira	abade
1825 – 1827	—	António Alves Pereira	cura e
			encomendado
1827 – 1830	—	José António Henriques de Moura	abade
	—	António Alves Pereira	cura
1831 – 1832	—	António Alves Pereira	encomendado
1837 –	—	João Barroso	abade
	—	António Pereira da Silva	coadjutor

1865		Manuel Joaquim da Mota	abade
1880		João José Garcia	cura
1887		José António Machado	cura
1893 – 1911	—	Adriano Filipe Moreira da Silva	abade
1903	—	Álvaro Fernandes da Silva Guimarães	cura
1912 – 1920	—	José de Moura Vilas Boas	pároco
1920	—	Joaquim de Sousa Pereira	encomendado
	—	Álvaro Fernandes da Silva Guimarães	coadjutor
	—	Joaquim Carlos de Lemos	encarregado
1920 – 1924	—	António José da Silva Gonçalves	pároco
1921	—	Joaquim Carlos de Lemos	coadjutor
1922	—	Cândido Lima das Eiras	coadjutor
1924 – 1945	—	Álvaro Fernandes da Silva Guimarães	encomendado
1943	—	José Ferreira	coadjutor
1945 – 1980	—	José Ferreira	pároco
1953	—	Jorge Pais dos Santos	coadjutor
1956	—	Gabriel Pereira Alves	"
1957	—	João Amândio Martins da Silva	"
1958	—	José Gonçalves Rodrigues	"
1959	—	Américo Joaquim Martins	auxiliar
1962	—	António José Ribeiro Mendes	coadjutor
1964	—	José Rodrigues Lima	"
1965	—	José Alves Duarte	"
1965	—	Constantino Ferreira Martins	"
1968	—	José Francisco Rodrigues Lopes Lima	"
1969	—	Adélio Lopes de Araújo	"
1970	—	Américo Joaquim Martins	auxiliar
1981	-----	Fernando de Azevedo Abreu	pároco

2 — As vocações na paróquia

A vivência cristã numa paróquia tende, naturalmente, a manifestar-se na fecundidade espiritual das suas gentes, isto é, na disponibilidade com que alguns dos seus filhos se entregam ao serviço do Reino de Deus na vida sacerdotal e na vida consagrada.

Pelos livros de Registo Paroquial, entre os séculos XVIII-XIX, vê-se que havia bastante clero na paróquia, alguns sacerdotes como simples assistentes ou residentes. Daí os funerais quase sempre levarem 4 ou 5 padres.

O fim do séc. XIX e os meados do séc. XX devem ter sido de apogeu no que se refere ao clero natural das Aves. Dos sacerdotes falecidos neste século, já contamos 13; os vivos são ainda 8:

Pe. *Narciso da Conceição Ramos Melo*, nascido a 17/IX/1910, na aldeia da Ponte e ordenado sacerdote a 8/VII/1934. Foi durante muitos anos pároco de S. Pedro de Riba d'Ave, donde se aposentou mas ficando como capelão do Hospital.

Pe. Doutor Monsenhor *Américo do Couto Oliveira*, nascido a 22/I/1927 e ordenado a 5/VII/1953. Trabalha em Roma, no Vaticano, na Sagrada Congregação dos Bispos.

Pe. Dr. *Fernando Marques de Oliveira*, nascido a 21/I/1931 e ordenado em Braga a 3/VII/1955, é pároco da vila de Monção, Viana do Castelo.

Pe. Dr. *Joaquim de Azevedo Mendes de Carvalho*, nascido no lugar da Carreira a 19/VIII/1930 e ordenado a 5/VII/1953. É agora professor na Escola Secundária das Aves e capelão do mosteiro da Visitação.

Pe. *Joaquim Isaías Araújo Azevedo de Oliveira*, nascido a 31/VIII/1933, ordenou-se a 15/VIII/1957; é pároco de Afife, Viana do Castelo.

Pe. *Joaquim Fernandes da Silva*, pertence à Congregação dos Padres Vicentinos (Lazaristas).

Pe. *José (Gabriel) Araújo Azevedo de Oliveira*, irmão do Pe. Joaquim Isaías, nasceu a 13/VIII/1946 e foi ordenado a 11/VII/1971. Tendo professado no mosteiro beneditino de Singeverga é agora prior conventual e superior do mosteiro beneditino de Garanhuns, Brasil.

Pe. *Joaquim Gomes Carneiro*, ordenado em Braga a 27/VIII/1989, a sua missa nova em 17/9/89 constituiu uma grande festa para a paróquia. Está agora a paroquiar Santa Eulália de Rio Covo, Barcelos.

Como complemento deveria fazer-se, aqui, referência ao Pe. Adelino Ximenes, da diocese mártir de Timor, o qual, tendo vindo fazer teologia em Braga, passava os fins de semana trabalhando na pastoral da Vila das Aves. Por isso, aqui cantou missa nova e a paróquia acarinhou-o com gratidão (19/8/1990).

A paróquia acompanha com esperança o seminarista, António Sérgio Gouveia Garcia Torres, que frequentou já o 3.º ano do Curso Teológico do Seminário Conciliar de Braga e começou mesmo o estágio pastoral paroquial.

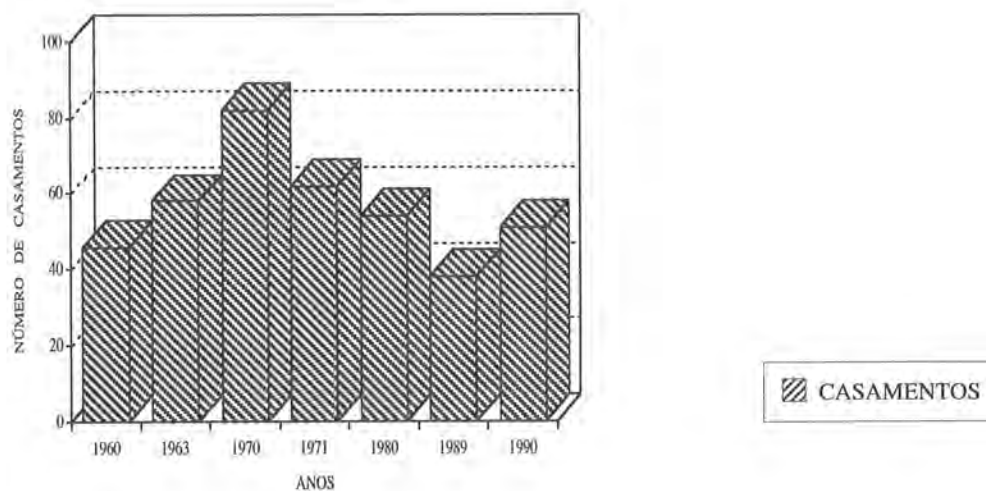
Mas, quantos seminaristas passaram pelos Seminários da Diocese e de Ordens e congregações religiosas...

E, que dizer das vocações femininas? Neste momento, contam-se cerca de 12 religiosas naturais das Aves, enriquecendo congregações religiosas femininas, tais como Doroteias, Teresianas, Visitandinas, S. José de Cluny.

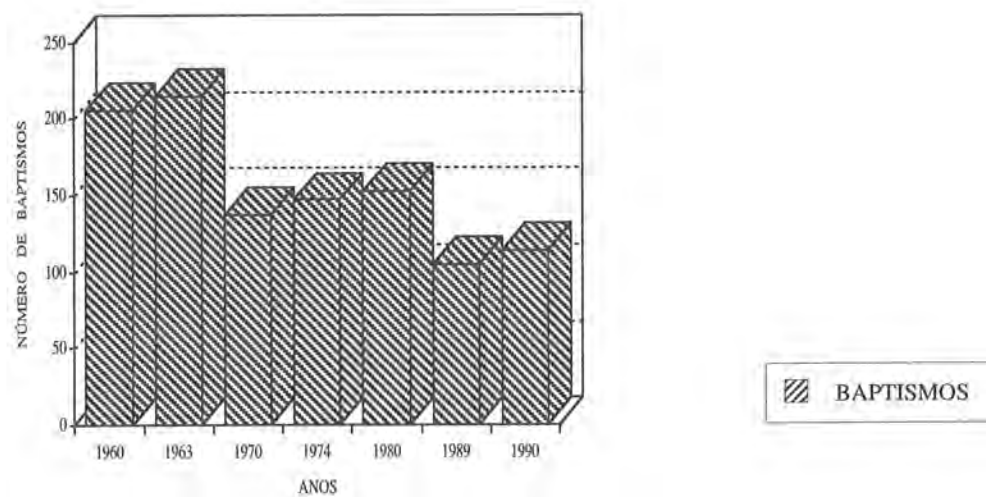
No nosso tempo, e mesmo nestes anos de crise vocacional, a paróquia das Aves tem sido um autêntico viveiro do jardim consagrado da Igreja. Passada a onda de euforia que o país tem vivido, esperemos que o povo bom e cristão das Aves, mesmo conhecendo uma certa quebra na prática religiosa, como o demonstram as estatísticas dos baptismos, reencontre o caminho da fé e que alguns dos seus filhos se abram ao chamamento sacerdotal e consagrado.

PARÓQUIA DE VILA DAS AVES

CASAMENTOS



BAPTISMOS



3 — Os rendimentos e o Tombo paroquial

Jesus disse um dia, a propósito de todos aqueles que se dedicam ao Reino de Deus: «O trabalhador merece o seu salário» (Mt. 10, 10). E o apostólico e desprendido S. Paulo justificava o sustento: «não se deve pôr o cofinho ao boi que debulha» (Dt. 25, 4; I Timót. 5, 18).

A instituição e generalização das paróquias, com sacerdotes ao seu serviço, pôs logo o problema da cônica sustentação do clero. S. Cesário d'Arles (+543), adoptando uma linha de conduta aplicada aos sacerdotes do Antigo Testamento, advogava o *dízimo* obrigatório em favor do clero dedicado, em exclusividade, à cura de almas. O *dízimo* é a atribuição da décima parte dos rendimentos ao clero ⁽³²⁾, e torna-se obrigatório no catolicismo desde 779. A legislação carolíngia (Capitular de 819) atribuía aos clérigos com cura de almas também um pequeno domínio territorial.

Idade Média adentrada, a paróquia tornou-se um *ofício* (obrigação de cura de almas e residência). Dentro do sistema feudal, o concílio de Rouen, 1189, já fala do *benefício* paroquial ⁽³³⁾, espécie de imposto que recaía sobre bens fundiários, colheita de cereais e vinho, maquia de moinhos, partilha de animais e rebanhos. O 3.º Concílio de Latrão, 1179, bem como o 4.º, 1215, tratam do assunto, louvam os fiéis por proverem às necessidades dos clérigos e censuram os sacerdotes por extorquirem dinheiro.

S. Bernardo (+1153) viu bem o problema das necessidades económicas dos sacerdotes com cura de almas e defendeu-os na questão entre o mosteiro de Marmoutier e os clérigos capelães ⁽³⁴⁾.

O papa Inocência III aprovou a espórtula ou estipêndio pelas missas, mas censurou os clérigos que se negavam a celebrar sem que antes lhes tivessem dado o dinheiro necessário ⁽³⁵⁾.

O pároco deve, com efeito, viver do altar; para isso é que se criou nas paróquias o *passal* ou terreno da residência que, no regime antigo, prodigaliza ao pároco a casa de habitação e os terrenos de sustento; depois, acrescentaram-se dízimos, doações, bens de estola ou rendimentos de pé de altar, isto é, direitos paroquiais resultantes da administração de sacramentos (Baptismo, Matrimónio), de enterros e ofícios pelos mortos. Assim se foi constituindo o benefício paroquial para a cônica sustentação do clero.

Em Portugal, mesmo antes da instituição da Monarquia, as instituições eclesiásticas (sés, cabidos, mosteiros ou conventos e freguesias) começaram, desde logo, a ser favorecidas, como se pode ver dos *Diplomata et Chartae dos Portugaliae Momumenta Histórica* e do cartulário *Liber Fidei* de Braga ⁽³⁶⁾. Em seguida, não faltaram *cartas de Couto*, outorgadas sobretudo pelos reis, e doações, testamentos e mandas mesmo de particulares. Às vezes, eram simples dádivas «pro remedio animae» ou, então, a procurar garantir sepultura nas igrejas ou mesmo a instituir *capelas* de sufrágio. Os sínodos diocesanos ⁽³⁷⁾ ao longo da Idade Média, vão tomar medidas e lançar as bases legislativas da *cônica* paroquial.

⁽³²⁾ *Pastoral do Dízimo*. Estudos da CNBB, São Paulo, Ed. Paulinas, 1975.

⁽³³⁾ MANSI, J.D. — *Sacrorum Conciliorum nova et amplissima collectio*, vol. 22, 585, § 22.

⁽³⁴⁾ MIGNE, J. P. — *Patrologia Latina*, T. 187, 607.

⁽³⁵⁾ MIGNE, J.P. — *P.L.*; 205, 104.

⁽³⁶⁾ *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, Edição crítica pelo Pe. Avelino de Jesus da Costa, 3 vols. Braga, Junta Distrital de Braga, 1965, 1978, 1990.

⁽³⁷⁾ *Sinodicon Hispanum. II Portugal*, Edição crítica dirigida por António Garcia y Garcia, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.

A freguesia de S. Miguel das Aves, nas Inquirições de 1220, ao tempo do rei D. Afonso II, aparece como detentora de 2 casais e algumas searas. Aliás, o território de freguesia começava a dividir-se com bens fundiários para os mosteiros vizinhos de Cerzedelo, Landim e Roriz.

Nas *Inquirições* de 1258, no tempo de D. Afonso III, diz-se expressamente que a igreja é de «herdeiros» e o território da freguesia ainda surge mais repartido. Dos 34 casais existentes, não se faz menção dos que pertenciam à igreja paroquial; mas, por exclusão de partes, verifica-se que 10 casais são de mosteiros. Cerzedelo possui 4, Landim 1, Oliveira (Santa Maria) 1, Roriz 3, Santo Tirso 1. De pessoas particulares são 19, pelo que à igreja caberiam apenas 3.

Entre 1320-1321, quando a pedido do Rei D. Dinis se faz o *Catálogo das Igrejas* ⁽³⁸⁾ com o contributo ou lotação de cada uma para a guerra contra os mouros, a igreja foi cotada em 40 libras. Está entre as menos oneradas, pois a vizinha de Lordelo devia contribuir com 50 libras e a de Cerzedelo com 300 libras.

Passados dois séculos, pelo *Tombo Paroquial*, 1547, que encontramos, finalmente, no Arquivo Distrital de Braga — Universidade do Minho, fica-se a saber que, nas Aves, se tinha constituído um largo benefício paroquial de bens fundiários. Isso tornava a paróquia apetecida e, tanto, que até tinha sido dada em comenda. Pertencia, de facto a Álvaro do Couto, fidalgo da Casa Real, a viver em Évora, que passara procuração a Pedro Cardoso, fidalgo de Guimarães, para lhe gerir os bens (Évora, 15/III/1545). Como este recusasse, fez nova procuração, desta vez a seu sobrinho, Francisco do Couto, fidalgo da Casa do Infante D. Luís, a residir no Porto, o qual, entretanto, sub-estabelecera no Pe. António Vaz, capelão e cura espiritual da paróquia de S. Miguel das Aves (Porto, 27/IV/1547).

Tombo é um registo ou cadastro de bens e propriedades duma instituição. Em Braga, no Sínodo de 11/XII/1497, o arcebispo D. Luís Pires foi o primeiro a determinar a organização dos tombos paroquiais. D. Diogo de Sousa, em 1505, ordenaria, de novo, a inventariação dos bens fundiários das freguesias e seus limites. Contudo, as Constituições Sinodais do Infante D. Henrique em 1538, quando arcebispo de Braga, não exigiam os limites das freguesias e foi por elas, com certeza, que foi atombado o património de S. Miguel das Aves.

— *Tombo da Igreja de Sam Miguel dantre ambas as aguas que mandou fazer o Senhor Álvaro do Couto comendador da dita Igreja* ⁽³⁹⁾. Trata-se dum caderno de 6 folhas de pergaminho (375x280 mm), não numeradas. Cada uma das 10 primeiras páginas tem cerca de 58 linhas escritas a tinta preta, mas a página 11 só tem 11 linhas escritas e a página 12 está em branco. O instrumento foi lavrado com arte, em letra gótica cursiva a passar para encadeada, tendo a letra inicial bem desenhada, assim como as iniciais do tombo de cada casal. O tombo está encerrado com o desenho do *signum* de Jorge Pereira, notário por autoridade apostólica, cujas siglas aparecem em latim: G(eorgius) P(ereira).

O tombo foi feito no espaço de quatro dias, de 23 a 27 de Outubro de 1547, com minúcia e foros de legalidade. Não faltaram testemunhas e interrogatórios, e a tudo assistiu o capelão. As medidas são dadas pelo sistema de varas (cerca de 1,10 cm), com as margens em comprido e largo ou ancho, contadas muitas vezes pelo pé da chave, registando as confrontações pelo nascente ou levante, pelo norte ou *aguião*, pelo

⁽³⁸⁾ ALMEIDA, Fortunato de — *História da Igreja em Portugal*, 2.^a ed., IV, Porto, Livraria civilização, 1971, 90-144.

⁽³⁹⁾ Cfr. Nota 21.

sul ou *ábrego* e pelo poente. Os campos avaliam-se pelos alqueires que levam de sementeiras e as vinhas pelos homens de cava.

O benefício paroquial das Aves podia cotar-se, ao tempo, como um razoável domínio fundiário. Por isso se compreende e justifica a apetência do comendatário leigo que, embora tendo na paróquia um capelão eclesiástico, agia como um senhor feudal e pautava as suas relações com os caseiros da paróquia pelas regras sócio-económicas da sociedade civil.

A praga das comendas e dos comendatários, isto é, a atribuição das rendas dum benefício eclesiástico (igreja, mosteiro) a pessoas leigas ou eclesiásticas durou desde o séc. XIV até depois da reforma do Concílio de Trento (1545-1563). Foi uma forma fácil e engenhosa de papas e reis pagarem serviços e favores aos seus áulicos e serviçais; mas foi igualmente uma forma simples de arruinar igrejas e mosteiros, porque os comendatários ou comendadores foram, o mais das vezes, uns grandes comedores.

O *Tombo das Aves* de 1547 permite-nos saber com precisão, o domínio fundiário da igreja, seus caseiros e prazos de arrendamento, qualidade e quantidade de cereais cultivados, plantação de uveiras, número de árvores frutíferas e suas espécies, bouças e sortes de mato, águas de regar e limar. Por ele se pode vislumbrar ainda o recorte de estradas ou caminhos da freguesia. Ao todo, aponta 6 unidades fundiárias.

1) *O assento da igreja ou passal* — com casa do abade, telhada e colmada, caseiros, cortes, adega, celeiro, eira e cerca. Apontam-se o campo da seara, do souto, de bouça má, cortinha dos codeços, leira de bouça má, outra leira e água de regar.

2) *Casal da Costa* — arrendado, com casa, telheiro, quinteiro e lata, cortinha sob a costa, campos dos testamentos, leira da várzea, campo de cima da fonte, bouça de portela, leira, campo da bouça, leira, campo das uveiras, leira de bouça má, leira do redondo, campo da estrada, campo de longaras, leira da confraria, leira de longaras, pesqueira no rio Ave, devesa de caldelas, pesqueira no rio Ave, rossio do Freixieiro, campo da eira da carreira, vinha do longal, água de regar.

3) *Casal do Outeiro* — casa, casas e cortes, eido dentro dum cerrado, campo do pinheiro, campo da costa, campo das boucinhas, eira da Carreira, leira das boucinhas, vinha do outeiro, campo de Ataúfe, campo de pedrosas, outro campo de Ataúfe, leira de Ataúfe, outro campo de Ataúfe, campo do longal, bacelo do longal, leira das bouças, água de regar.

4) *Quebrada de Paradela* — casa com chão, vinha do longal, leira na agra de Romão, casa na aldeia de Romão, leira, outra leira em Romão, leira de rossio no souto de Paradela, leira da eira, outra leira, leira no talho da adega velha, campo da adega velha, pardieiro da adega velha, talho, uma leira no córrego, leira do córrego, outra leira, talho do córrego, leira da curva, leira em valgas, outra leira, leira da córrega, leira alvarinha, leira na agra de Paradela, outra leira, leira da senra, leira da agra do mendeiro, leira de Sob Malbebas, leira de santal (mato), leira na agra da Paradela, outra leira, sorte de água.

5) *Casal de Lobazim* — casa com palheiro, adega, celeiro, eira, tudo num cerrado, lata, leira dos castanheiros, campo das carreiras, campo dos penedos, leira das giestinhas, leira da santa, leira de ringe, leira da pedra da lavra, leira do verdeal, outra leira, talho do verdeal, outra leira, talho de rossio no souto do verdeal, talho da paranhança, outra leira, leira da levada, outra leira, bacelo da bouça má, leira de bouça má, talho de sob a vinha, talho das carreiras, leira da vinha, leira dos pedaços, campo de bouça má, leira da cancela de longaras, leira de seijuzo, campo do espinheiro, leira meã das carreiras, leira de sobre a latada,

leira dos carvalhos, outra leira sobre as latadas, bacelo do souto, talho dos concousos, talho de trá-lo ribeiro, campo da castanheira, leira da castanheira das rachadas, bouça das rachadas, leira do moinho, leira da pedra do moinho, outra leira, bouça de réguas, leira de réguas, talho do campo da ribeira, talho da ribeira, campinho da ribeira, leira, leira de pias, outra leira, lameiro da senra, talho do pomar de Godim, lameiro do pomar de Godim, leira do requeixo, leira de pinzelo, lameiro das enfestas, leira das enfestas, leira dantre as enfestas e o pedregal, talho sobre a carreira, leira do pedregal, campo da latada, leira da boucinha, talho das enfestas, lameiro da branca, outra leira da boucinha, leira das cerdeiras, outra leira, chão da eira com a ermida de Santa Maria, souto dos poços, moinho da fonte, campo da chouça, talho do azeinho, sorte de água.

6) *Na Quintã* — casa de adega, pardieiro, chão de latada.

Nesta longa enumeração de casas, terrenos e bouças de mato, o atombador quase sempre enumera as árvores que ali estão plantadas: carvalhos novos e velhos, 110, carvalhos com vides, 41; uveiras, 94, e ainda não especificadas, 36 árvores com vides, fora vinhas, latadas e bacelos; castanheiros, 4; macieiras, 2; cerdeira, 1, figueira, 1; salgueiro, 1, amieiro, 1; pinheiro, 1; e ainda 10 referências a outras árvores não especificadas, para além dos pomares.

Se a tudo isto juntássemos os dízimos e dereituras de gados, pão e vinho, diríamos que o pároco das Aves era um verdadeiro latifundiário, mesmo que nos seja difícil fazer a conversão em metros quadrados da área dos terrenos que pertenciam à igreja.

Naquele ano de 1547, os rendimentos foram alugados por 43.800 reais para o comendatário que, deles pagou ao arcebispo de Braga 720 reais. O pobre capelão, quase um assalariado clerical, recebia os direitos de estola e rendimentos de pé de altar, com o estipêndio das missas e mais uma pensão não especificada.

No plano administrativo, constata-se um certo afã em plantar carvalhos novos, mas quase não se fala de pinheiros e omite-se qualquer referência a oliveiras e laranjeiras. Dos cereais só se fala de centeio e verifica-se que o milho mais, introduzido ente nós no séc. XVI, ainda aqui não tinha chegado.

Como quer que seja, em meados do séc. XVI, a paróquia de S. Miguel das Aves era rica de terrenos, e isso tornava-a apetecível a comendatários.

Em pleno século XVIII, no Inquérito para as *Memórias Paroquiais de 1758*, que deviam servir de base para o *Dicionário Geográfico*, de que tinha sido encarregado o Pe. Luís Cardoso, diz-se que o pároco era abade colado, da apresentação da Mitra de Braga. O rendimento que colhia era de 600 mil reis, mas como tinha o direito de apresentar o pároco da freguesia de São Salvador do Campo, couto de Francemil, agora do concelho de Santo Tirso, recebia mais 90 mil reis enquanto o pároco local só auferia 25 mil reis de rendimento. O horizonte económico, nesse tempo, era absolutamente rural pois os frutos da terra eram centeio, milho, milho alvo, painço, feijão, vinho verde, alguma fruta, poucos melões e melancias; nos rios Ave e Vizela havia pesqueiras e pescavam-se barbos, bogas, escalos, algumas lampreias e trutas.

Na visitação de 1806 ⁽⁴⁰⁾ o visitador anotava que a paróquia rendia ao abade 800 mil reis.

(40) FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — Documentário: Visitações do ano de 1806 (Terceira parte da Visita de Souza e Ferreira por António Luís Pereira R.^{or} na Igreja de Sancta Maria d'Adaúfe no Anno de 1806), «O Concelho de Santo Tirso. Boletim Cultural», vol. II, N.º 1, 1952, 131-132.

Na sequência da *Revolução Liberal* de 1820, acabaram os dízimos, alguns bens fundiários foram sequestrados e o governo atribuiu uma cõngrua a cada pároco.

A Igreja, contrariada, apesar de tudo, começava a sair do sistema feudal.

Com a implantação da *República*, 1910, e pela *Lei da Separação* (20/IV/1911), as paróquias foram espoliadas dos próprios passais e residências paroquiais que, de alguma maneira, seriam recuperados com a vigência da *Concordata* de 1940 entre o Estado Português e a Igreja Católica. Os párocos passaram a viver do rendimento dos passais recuperados, a receber a cõngrua dos fiéis estipulada segundo o *Livro de Usos e Costumes*, devidamente aprovado pela autoridade eclesiástica competente, dos direitos paroquiais chamados bens de estola ou pé de altar e, ainda, dos emolumentos da celebração da missa e outras ofertas dos fiéis.

Em São Miguel das Aves, de harmonia com o Código do Direito Canónico (cânone 1.496) fez-se a actualização do *Livro de Usos e Costumes*, que, em 4/IX/1921 foi aprovado pelo Senhor Arcebispo Primás, D. Manuel Vieira de Matos, sendo pároco o Pe. António José da Silva Gonçalves. Aí se regulavam as ofertas ou cõngruas das famílias, segundo o salário dum operário, as primícias dos lavradores, os direitos de cabeceira nos funerais, e outras retribuições.

O Concílio do Vaticano II, incutindo aos sacerdotes a espiritualidade da «igreja serve e pobre» levou também à reformulação da cõngrua sustentação dos párocos, pela qual, aliás, devem velar a Comissão Fabriqueira e o Conselho Paroquial Pastoral.

Em situação mais precária, talvez, os párocos ficam, sem dúvida, mais livres para o trabalho pastoral e para o testemunho do Evangelho.

À distância de séculos, imaginando e reconstituindo o passado e confrontando-o com o presente, vê-se bem, na paróquia da Vila das Aves, como a vida mudou. O pároco, terratenente, senhor dum grande benefício paroquial, não existe. Vivendo com discrição e dignidade, colhendo as espórtulas das missas segundo os regulamentos e taxas diocesanas, recebendo as ofertas dos fiéis, já não é um homem de poder e dinheiro, mas um servidor da comunidade, um discípulo de Cristo que disse: «eu estou no meio de vós como quem serve» (Lucas, 22, 27).

Na Arquidiocese de Braga, o Conselho Presbiteral tem vindo a reflectir em torno dos bens eclesiásticos e da remuneração dos sacerdotes, de modo que o estatuto económico do clero seja transparente aos olhos dos fiéis.

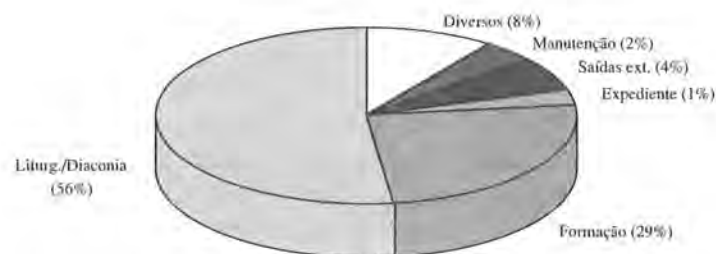
O Código do Direito Canónico (cânone 531) fala do *Estatuto do Fundo Paroquial*, abrangendo a totalidade das receitas e despesas da paróquia e substituindo o antigo sistema de administração em separado da Fábrica da Igreja e do Benefício Paroquial.

Em 1990, o Conselho Económico Paroquial da Vila das Aves estipulou que a remuneração mensal do respectivo pároco chegaria aos 95.000\$00. Tadayia, porque não há fontes de receita estável e permanente, julgou-se que seriam de rentabilizar os passais, mesmo que fosse estabelecendo um posto de abastecimento de combustíveis. De resto, os problemas económicos duma paróquia moderna não podem reduzir-se à cõngrua sustentação do pároco.

Aqui está, portanto, uma questão que terá sempre de contar com a boa vontade dos crentes e que, nos nossos dias de conveniência e necessidade de segurança social, exigirá também medidas estruturais adequadas. Oxalá que o *Boletim Paroquial*, publicado desde 1982, esclareça os fiéis de S. Miguel das Aves nas coisas da fé, os informe acerca dos problemas da sua paróquia e os anime e solidifique na Igreja de Jesus Cristo.

PARÓQUIA DE S. MIGUEL DE VILA DAS AVES

DESPESAS DE 1990



DESPESAS E RECEITAS DO ANO DE 1990

Blocos	Despesas
Expediente	36.744.10
Saídas ext.	291.656.00
Manutenção	142.439.00
Diversos	566.092.90
Liturg./Diaconia	3.828.021.00
Formação	1.948.309.50
TOTAL DE DESPESAS	6.813.262.50
	Receitas
Extraordinárias	156.000.00
Ordinárias	575.007.90
Avulsas	4.292.471.00
Correntes	1.799.682.00
TOTAL DE RECEITAS	6.823.160.90
SALDO	9.898.40
	(POSITIVO)

Observações

Extraordinárias:	Partilha dos Peditórios – Festa da Páscoa, Natal, Associação S. Miguel de Arcanjo e Comissão de Festas de S. João das Fontainhas.
Ordinárias:	Santos, Promessas, Cera, Alminhas, Oratórios da Sagrada Família e da Senhora de Fátima.
Avulsas:	Ofertas extraordinárias, catecismos, estipêndio de intenções de missas, casamentos, baptizados, oferta, folar, jornadas culturais (prometido).
Correntes:	Ofertórios, Menino Jesus a beijar e Contributo Penitencial.

IV. A TOPONÍMIA NA VILA DAS AVES

1 — Introdução

Vila das Aves é o nome actual da antiga freguesia de *São Miguel de Entre Ambas as Aves* ou *São Miguel das Aves* ⁽¹⁾. Tendo o governo da nação reconhecido o seu elevado grau de desenvolvimento económico-industrial e bem assim o progresso urbano, que já se fazia sentir, elevou-a à categoria de Vila, com o nome de *Vila das Aves*. O Decreto n.º 99.447, ao mesmo tempo que classificava o concelho de Santo Tirso como *Concelho Rural de 1.ª ordem* por ter mais de 55.000 habitantes, também classificava a freguesia de S. Miguel das Aves como *freguesia de 1.ª ordem* por contar mais de 5.000 habitantes. Mas, data apenas de 1955 o reconhecimento oficial do carácter urbano desta freguesia com a sua elevação a Vila. Está ela situada a nordeste de Santo Tirso, donde dista quilómetros, numa espécie de cunha peninsular entre os rios Ave e Vizela. Daí o seu carácter mesopotâmico, que lhe mereceu na Idade Média o designativo de Terra de «Entre-Ambas-as-Aves», e que bem aparece traduzido no Tombo paroquial de 1547 como de «Entre ambas as águas» ⁽²⁾.

A Junta de Freguesia, ao celebrar o 30.º aniversário de Vila, publicou um «Roteiro de Vila das Aves» ⁽³⁾ com a preocupação de esclarecer e conservar algumas designações antigas de lugar e preparar a atribuição de novos topónimos, sobretudo avenidas e ruas. Porém, uma vez que algumas dúvidas subsistem e provocam polémica a respeito de certos topónimos, pretende este trabalho fazer o ponto da situação e dar algumas achegas para a sua compreensão.

2 — A Toponímia e a Onomástica

A *Toponímia*, por definição nominal, é o estudo dos nomes de lugar e, como tal, é uma secção ou subdivisão da *Onomástica*, ciência explicativa dos nomes, sua origem etimológica e seu significado.

No pensamento antigo, o nome com que se designavam as pessoas, os animais e as coisas tira a sua consistência da própria existência dos deuses. Criadores do mundo e das coisas, os deuses é que davam aos nomes um toque de ser e de verdade; daí a relação *nomen-numen*. Se os deuses, seres numinosos e transcendentais, não existissem, então os nomes seriam algo de vácuo, jogo de palavras sem conteúdo. Tal concepção, aliás, determinou na Idade Média, com Guilherme Ockham (1300-1347), o aparecimento do *nominalismo*, corrente filosófica que negava o valor e a realidade objectiva dos nomes; fazia dos nomes um jogo inócuo de associações, que a moderna canção «Parole, parole» tão bem ilustra.

⁽¹⁾ BARCA, Pe. Joaquim da — *São Miguel das Aves* (Monografia), S. Miguel das Aves, Tipografia das Aves, 1953.

⁽²⁾ Arquivo Distrital de Braga — Universidade do Minho (ADB-UM) — *Tombo da Igreja de Sam Miguel dantre ambas as aguas que mandou fazer o Senhor Alvaro do Couto, Comendador da dita Igreja*, Caixa 249; N.º 24; cfr. *Registo Geral*, Livro 4, fl. 6 (1548); Livro 65 (1713).

⁽³⁾ *Roteiro de Vila das Aves*, 1985.

Para os homens da cultura antiga, pré-clássica ou clássica, não havia qualquer hipótese de nominalismo, como, aliás, para a mentalidade judeo-cristã e para a semítica em geral. De facto, na mentalidade semítica, subjacente à tradição da Bíblia, o mistério do nome envolve sempre duas componentes ou dois elementos: o noético e o dinâmico ⁽⁴⁾.

O *elemento noético*, racional, pensamental, corresponde à significação intrínseca do nome, ao que ele vale, pelo que significa. Neste aspecto, até um nome próprio tem um sentido, um valor, cuja valência histórica depende do elemento dinâmico, da manifestação da pessoa que ele referencia. Por isso se usavam nomes teofóricos, isto é, nomes com elemento divino, relacional, portanto, com o nome de Deus: Israel, Daniel, Gabriel, Miguel, Rafael, Samuel (todos relacionados com *El*, nome comum em hebreu para designar Deus), ou Etbaal, Ishbaal (referidos a *Baal*, deus dos cananeus e siro-fenícios), ou Abdalla, e muitos nomes árabes relacionados com o seu Deus *Allá*, ou Teodoro, Teófilo, de origem grega e referidos ao nome comum de Deus (Theós).

Estes nomes, só por si, pelo seu elemento noético, garantia da protecção divina, funcionavam, segundo a mentalidade antiga, como uma espécie de talismã. É evidente que o uso desses nomes, pelo seu elemento noético, não implicava o valor duma definição ou profecia sobre o futuro das pessoas às quais eram atribuídos. As etimologias de origem popular é que tendem a procurar depois, «*a posteriori*», uma justificação ou um valor semântico intrínseco, relacionando o nome da pessoa e a sua acção. Nos primeiros capítulos do livro bíblico do Génesis encontramos muitas etimologias populares que se apresentam como verdadeiras etiologias etimológicas porque procuram encontrar no próprio nome a causa do ser ou agir das pessoas assim designadas: *Adão* (Terra) porque feito da terra (*adamah*), Gen. 3, 19; *Eva* (vida), Gen. 3, 20; *Abraão* (pai elevado ou de muitos), Ge. 17, 5; *Jacob* (que luta ou engana), Gen. 25, 26; e os nomes dos doze filhos de Jacob, Ge. 29, 31-30, 13; *David* (amado) que no livro de Ezequiel, 34, 23; 37, 24, é o nome do próprio messias. Com dimensão profética aparecem os nomes dos filhos de Oseias (Os. 1, 4, 6, 9) e de Isaías (Is. 7, 3; 8, 3), usados premonitivamente como sinais vivos de realidades futuras, eminentes, como, aliás, o do próprio *Jesus* (Salvação) porque, segundo S. Mateus 1, 21, «ele salvará o povo dos seus pecados».

O *elemento dinâmico* corresponde à virtude que o nome, como palavra, representa e, de alguma maneira, inclui. Deste modo, poderá referir-se à *esfera da personalidade*, designando a natureza secreta do ser porque contem algo da sua presença activa. O nome é, então, a pessoa. Conhecer o nome da pessoa é ter a posse da virtude dela. Por isso, enquanto referido ao *ser designado*, o nome é símbolo contraditório ou da sua transcendência e inacessibilidade ou da sua imanência e vulnerabilidade. Esta é a razão pela qual, nas teofanias, os deuses têm repugnância em dar a conhecer os seus nomes. A potência do nome poderia, assim, ser manipulada, como pretendem fazer a magia e as ciências esotéricas ou de ocultismo. A Bíblia fornece-nos casos desta repugnância do próprio Deus de Israel em revelar o seu nome: luta de Jacob com o anjo (Ge. 32, 24-33), revelação de Javé a Moisés (Ex. 3, 13-14).

Considerado do ponto de vista do *homem que profere* o nome dum Deus, o nome é símbolo do poder da oração de quem o conhece e pronuncia, ou da precaridade e fraqueza se o ignora e cala. Não tem eficácia

⁽⁴⁾ BESNARD, A.-M. — *Le Mystère du nom*, Paris, Éditions Cerf, 1962, col. «Lectio divina», 35.

nem valor a oração a um Deus cujo nome se desconhece. Por essa razão, nas teofanias e hierofanias sempre o ser humano deseja saber o nome do ente divino que lhe aparece, e nas preces e actos devocionais ou multiplica os adjectivos para qualificar o Deus que invoca (Júpiter: óptimo, máximo, Augusto), ou impreca o nome de Deus em voz alta, como se isso fosse garantia mágica de êxito.

Se atendermos à *esfera social e jurídica*, o nome significa poder, autoridade, quer como *relação de propriedade* (dar nome é tomar, afirmar posse, fazer prova de domínio), quer como *relação de soberania* (dar nome, mudar o nome a alguém significa ter poder sobre, confiar uma missão). Daqui deriva, na esfera extrínseca ou de opinião, a importância de se fazer ou ganhar nome, como os homens de Babel na titânica bravata da construção da Torre de Babel para se constituírem rivais de Deus (Gen. 11, 4). Certamente que estas observações nos farão descobrir o interesse que muitas narrativas bíblicas manifestam pelas etimologias onomásticas.

No Génesis, depois daquele primeiro capítulo sobre a criação, todo cheio de optimismo, quando Deus viu que tudo era bom, quis Ele que fosse o primeiro homem, criado à sua imagem e semelhança, a pôr o nome aos animais: «Tendo o Senhor-Deus formado os animais, levou-os ao homem para ver como eles os havia de chamar; e todo o nome que o homem pôs aos animais vivos esse é o seu verdadeiro nome. O homem pôs nomes a todos os animais, a todos os pássaros do céu e a todos os animais do campo» (Gen. 1, 19-20). Por fim, seria ele também a pôr o nome à própria mulher (Gen. 1, 23; 3, 20). Tal narrativa quer significar apenas que o homem é o rei da criação, tem domínio sobre os outros seres.

Vemos, portanto, que, segundo a mentalidade hebraica, o nome é sempre indicativo duma realidade. Dar o nome, saber o nome, mudar o nome significa ter poder sobre, influenciar aquele cujo nome se conhece. É neste sentido que Deus muda o nome a Abraão e Sara (Gen. 17, 5, 15), a Jacob → Israel (Gen. 32, 28) e Jesus muda o nome de Simão para Pedro (Mt. 16, 17-18), indicando assim que lhes confia uma nova tarefa ou missão.

Nada de admirar ainda que na Bíblia, com certo assomo de superstição, os homens queiram saber o nome do seu Deus ou do ser misterioso que lhes apareceu, procurando, assim, obter a sua benção e protecção. Jacob lutou com o Anjo de Deus, recebeu a sua benção, mas não lhe ficou a saber o nome (Gen. 32, 28). Moisés bem indagou o nome de Deus que o queria fazer libertador de Israel no Egipto. Libertador foi, mas recebeu uma resposta evasiva, pois que o nome *Javé*, afinal, não é indicativo do nome mas o seu ocultamento sob a revelação da função protectora de Deus. Na realidade, Javé (YAHVÉ) é a 3.^a pessoa do singular masculino do imperfeito *Qal* do verbo *Hayah* (aquele que é, que está com o seu povo), ou a 3.^a pessoa do singular masculino do imperfeito *Hifil* do mesmo verbo (aquele que faz existir, que forma o seu povo). A tradição posterior criou a ideia da inefabilidade e impronunciabilidade deste nome sagrado. Para que a magia não manipulasse a potência do nome de Deus, o que poderia levar à superstição e ao perjúrio, um dos mandamentos hebraicos prescreve: «Não invocar o Santo Nome de Deus em vão» (Ex. 20, 7). De facto, o nome de Javé, «o Santo, bendito seja Ele!» é inefável, é tabú para os hebreus que nem sequer ousam pronunciá-lo. Recorrem a circunlóquios (*Anjo de Deus*) ou a outros nomes (*Elohim*, *Adonai*) e, embora escrevendo as consoantes de Javé (YHWH), vocalizam-nas habitualmente com as vogais de *Adonay*, o que deu o híbrido e moderno *Jeová* (*Yehowah*).

Na Idade Média cristã fundaram-se as Confrarias do Santo Nome de Deus; nas Aves existiu uma, para prevenir os perjúrios e blasfémias. De facto, no cristianismo primitivo, os que acreditavam em Jesus foram chamados *crístãos* (Act. 11, 26), palavra que vem do nome de Cristo, Messias, pois não há nome

maior no céu, na terra e nos infernos (Filip. 2, 9-11). Culturalmente, os cristãos são os que invocam o nome do Senhor Jesus Cristo (Act. 4, 12), e até para curar doentes se invocava sobre eles o nome do Senhor (Act. 4, 17; 5, 40).

3 — Os nomes próprios em português

Portugal é um país do grupo das línguas novi-latinas, culturalmente enquadrado na civilização ocidental de matriz cristã. Como tal, há que explicar principalmente pelo latim e pela Bíblia judeo-cristã os nomes das suas gentes. Mas, é claro, que antes de aqui chegar a cultura romano-latina, havia os povos autóctones, os aborígenas cá da terra, e já tinha havido a grande vaga céltica do período do ferro (século VII a.C.), de que os monumentos castrejos são testemunha, sobretudo no Entre Douro e Minho ⁽⁵⁾. Deve-se, portanto, atender também a uma onomástica pré-romana, sem esquecer que, depois da queda do Império romano, houve as invasões dos bárbaros, aqui maiormente sentidas as dos suevos e visigodos, a grande ocupação muçulmana (séc. X-XII) e a presença de Judeus da diáspora. Quer isto dizer que, do ponto de vista da onomástica, como do ponto de vista étnico, Portugal é, por natureza, um país híbrido onde vários elementos se fundem no grande cadinho latino-cristão. Deste modo, para explicar a onomástica portuguesa actual, na perspectiva linguística, temos de ter presente o contributo pré-romano (celta), o latino, o germano (visigótico), o árabe e o hebreu. Estas línguas fornecerão as chaves hermenêuticas da onomástica portuguesa desde a fundação da nacionalidade até hoje ⁽⁶⁾.

Quanto aos nomes de pessoas, eles são, em grande parte, latinos (gregos), germânicos e bíblicos (hebreus).

Na Idade Média, quando da formação de Portugal (sécs. XI-XIII), predominam nomes germânicos ⁽⁷⁾. Depois, a onomástica transforma-se e torna-se predominante a marca da cristianização. Os nomes de origem germânica vão-se esgotando e fazem figura de velharias; em contrapartida aparecem os nomes árabes ⁽⁸⁾, mas a onomástica que triunfa vai buscar os nomes do santoral cristão, seja do *stock* bíblico (Antigo e Novo Testamento), seja do martirológico cristão alargado com as perseguições do império romano, seja, mais tarde, do património dos fundadores e membros de ordem religiosas ⁽⁹⁾. Trata-se duma renovação

⁽⁵⁾ SILVA, Armando Coelho Ferreira da — *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986.

⁽⁶⁾ COROMINAS, J. — *Diccionario crítico etimológico de la Lengua Castellana*, 3 vols., Madrid, Editorial Gredos, 1954; DAUZAT, Albert; DUBOIS, Jean; MITTERAND, Henri — *Nouveau Dictionnaire Etymologique et Historique*, 4.^a ed., Paris, Librairie Larousse, 1982; MACHADO, João Pedro — *Diccionario Etimológico*; COSTA, Alexandre C. — *Antropónimos*, Braga, 1982.

⁽⁷⁾ ALBERTOS, Maria Lourdes — *La Onomástica de la Celtiberia*, «Actas del II Colóquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Peninsula Iberica», Salamanca, Ed. Universidade, 1979, 131-167; PIEL, Joseph M. — *O património visigodo da língua portuguesa*, «Congresso do Mundo Português», vol. I, Lisboa, 1940, 563-586.

⁽⁸⁾ CAETANI, Leone; GABRIELI, Giuseppe — *Onomasticum Arabicum*, 2 vols., Roma, 1915; LOPES, David — *Alguns vocábulos árabe-portugueses de natureza religiosa, étnica e lexicográfica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930; IDEM — *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*, Colectânea organizada por J. Pedro de Machado, Publicação Comemorativa do Centenário de David Lopes, Lisboa, 1968.

provocada pela pregação sobre o santoral, como se pode ver dos sermões de Fr. Paio de Coimbra, dominicano português do séc. XIII ⁽¹⁰⁾, que segue, «pari passu» o calendário litúrgico da Igreja Católica. Também as confrarias ou irmandades, com toda a gama das suas devoções, vão incentivar a onomástica dos santos mais recentes ⁽¹¹⁾.

O nome cristão, atribuído no Baptismo, não é uma moda; é uma questão de sensibilidade religiosa. Só no nosso tempo, aberto, ecunémico e dessacralizado, é que a onomástica se esvaziou de sentido para se tornar uma questão de gosto, tantas vezes ao sabor de telenovelas ocas, ideologias políticas ou clubites lúdico-cinéfilas.

Quanto à denominação duma pessoa, até ao sistema actual do nome próprio, cognome familiar ou apelido da mãe e do pai, estabelecido por lei, vigoraram dois sistemas.

1.º O uso romano dos «*Tria nomina*»

Os romanos caracterizavam um homem por meio de *três nomes*:

- a) *Prenome* = «*Praenomen*» ou nome próprio — Era o nome dado aos seres masculinos no nono dia após o nascimento. Quase sempre era indicado por abreviatura, com uma sigla, e, ao todo, contavam-se, entre os romanos, pouco mais de 20 nomes próprios.
- b) *Nome* = «*Nomen*». Era o designativo do gentílico, da família (*gens*) e revestia a forma adjectival em *inus* ou *enus*.
- c) *Cognome* = «*Cognomen*». Era um apelido, apodo ou alcunha para distinguir ramos dentro dum tronco gentílico. Às vezes, era tirado do parentesco (*nepos*, *avitus*), outras vezes era uma simples alcunha de carácter físico, dum membro que, depois, passava aos seus descendentes: *Rufus* (avermelhado), *Niger* (negro), *Calvus* (calvo), *Brutus* (rude), *Crassus* (gordo), *Naso* (narigudo), *Cicero* (grão de bico, verruga). É assim que o grande escritor Cicero se chamava *M(arcus) Tullius Cicero*. Por vezes, também se davam cognomes tirados de profissões: *Agrícola*, *Pastor*, *Silvanus*.

Na região deste concelho, precisamente em Santo Tirso, foi encontrada uma inscrição romana que, quanto à onomástica, é uma verdadeira simbiose de elementos latinos e autóctones:

L.(ucius) VALERIUS . SILVANUS
MILES . LEG(ionis) . VI . VICT(ricis)
DEO TURIACO
[V.](otum) S.(olvit) L.(ibens) M.(erito).

⁽⁹⁾ CORTESÃO, António Augusto — *Onomástico Medieval Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1912; AZEVEDO, Rogério de — *Onomástico Ibérico* (Tentativa etimológica), Porto, 1958.

⁽¹⁰⁾ Biblioteca Nacional de Lisboa, *Códices Alcobacenses*, Ms. 5/CXXX. Cfr. MARTINS, Mário — *O Sermónario de Frei Paio de Coimbra*, «*Didaskalia*», vol. III, 2, 337-361.

⁽¹¹⁾ RONCIÈRE, Charles M. de la — *Dans la campagne florentine au XIV^e siècle. Les communautés chrétiennes et leurs curés*, DELLUMEAU, Jean (Dir.) — *Histoire vécue du peuple chrétien*, 1.º vol., Paris, Éditions Privat, 1979, 307-309.

A tradução é esta: «Lúcio Valério Silvano, soldado da Sexta Legião, Vencedora, paga de bom grado o voto ao Deus Turiaco». O nome do oferente obedece às regras do «*Tria nomina*» romano, mas o nome do Deus é de origem local, não se encontra no panteão romano. *Turiaco*, possivelmente, vem do celta *Tor* = senhor; confrontar *Turiobriga* ⁽¹²⁾.

2.º O sistema germânico da Idade Média

Com a ocupação dos bárbaros, na Península, dá-se o predomínio de prenomes germânicos, com acentuada conotação guerreira e a adopção de patronímicos. Deste modo, ao nome próprio do indivíduo liga-se o nome do pai naquilo que os latinos chamavam uma relação genitival. Exprime-se, assim, uma subalternidade do filho ao pai. Em 1220, o primeiro pároco das Aves (*Inquirições* de D. Afonso II) chamava-se: *Suerius Gundisalvi*, isto é, Sueiro Gonçalves (filho de Gonçalo), e o segundo pároco (*Inquirições* de D. Afonso III, 1258) chamava-se: *Durandus Gundisalvi*, isto é, Durando Gonçalves.

Com o século XIV, multiplicam-se as alcunhas, que são epítetos relacionados com o físico ou o moral dos indivíduos, à boa maneira romana (Gordo, Delgado, Grande, Pequeno, Bravo, Russo, Raposo, Ratão).

Também sucedia que alguns epítetos tinham nota dignificante como recompensa de reis a alguns cidadãos para premiar benemerências (Bondoso, Bandeira, Valente). Outros, porém, indicavam apenas a terra de proveniência: Braga, Guimarães, Porto, Lisboa e ligavam-se ao nome próprio por meio da preposição *de*. Alguns indicavam senhorio (Couto, Albergaria, Horta, Torre) e outros indicavam a profissão: Carpinteiro, Ferrador, Sapateiro, Tintureiro.

A partir do séc. XVI, sobretudo com os judeus conversos, começaram-se a vulgarizar apelidos de árvores e animais que também passaram a fazer parte do nome.

Hoje, entrados na galáxia intercontinental, a onomástica reflecte a internacionalidade das relações entre povos e culturas, uma vez que o mundo é uma aldeia, como dizem os italianos: «ormai il mondo è paese». Daí os Márcio, Lenine, Sandra, Sónia, Natacha, Karina.

4 — A toponímia em geral

A toponímia ocupa-se dos nomes de lugar. Integrada na onomástica, fazendo parte da linguística, ela é um precioso auxiliar da História. Permite-nos, através da linguagem, esquadriñar as sucessivas vivências humanas, sobretudo nos lugares onde povos de culturas e línguas diferentes se sobrepuseram. Neste caso, os nomes de rios e linhas de água, de montanhas e acidentes geográficos, dada a sua maior permanência e quase imutabilidade, acabam por ser, através da respectiva nomenclatura, testemunhas da longa duração dos nomes primitivos ou arcaicos. Um bom exemplo disto, é a identificação dos nomes antigos na Palestina ou Terra Santa. Por isso, já o arqueólogo e filólogo Robinson estabeleceu o princípio de que os nomes, ali, eram muito tenazes, firmes, e de que os árabes conservaram os nomes de antigos lugares, mesmo quando transferiram ou implantaram novas povoações nas proximidades.

⁽¹²⁾ PASSOS, Carlos de — *O Mosteiro e a Igreja de Santo Tirso*, Santo Tirso, Edição da Câmara Municipal, 1956, 30; VASCONCELOS, J. Leite de — *Religiões da Lusitânia*, 2.º Vol., Lisboa, Imprensa Nacional, 1905, 324-326 (Edição IN-CM, 1981).

No estudo da toponímia ⁽¹³⁾ há que considerar:

- 1.º *as diversas línguas usadas na região.* No caso português, temos de considerar o pré-romano (celta ou autóctone), o latim, o germânico (suevo-visigótico), o árabe, o hebreu e o português, naturalmente.
- 2.º *a origem dos topónimos* ou os motivos da sua proveniência. De facto, os topónimos podem derivar de vários factores. Da *arqueologia* (antas, mamoadas, pedras fitas, castros, citânias, fortificações, torres, arcozelos, castelos, vilas, igrejas, mosteiros); da *oronímia* (montes, serras), da *hidronímia* (rios, ribeiros, linhas de água, córregos), da *geotoponímia* (formas de relevo, qualidade dos terrenos, condições de cultivo (Barroso, Gândara, Pedroso, Seixoso, Seixezelo, Várzea, Verdeal, Agra, Agrelo); da *fito-toponímia* (designação de plantas e seu cultivo: Cerzedelo, Carvalhal, Lordelo, Sobral); da *fauna* (na medida em que revela a existência de certas espécies de animais); da *etnotoponímia* (designação de lugares pela ocupação de grupos humanos de proveniência exógena (Coimbrões, galegos); da *antroponímia* (donos de terras e seus antigos possesores que dão origem a *topónimos antroponímicos*: Atainde, Lobazim); da *Hagiotoponímia* (o culto e a devoção dos santos deu origem ao nome de muitas terras de que se tornaram

(13) CHERPILLOD, André — *Dictionnaire étymologique des noms géographiques*, Vineuil, 1986; CHAVES, Luís — *Estudos de Toponímia Portuguesa* (Influência militar), «Revista de Guimarães», vol. LXII, 1952, 160-191; IDEM — *A Toponímia das Águas*, «Ibidem», vol. LXVI, 1-2, 1956, 39-74; FERREIRA, Pedro Augusto — *Tentativa etimológico-toponímica ou Investigação da Etimologia ou Proveniência dos nomes das nossas povoações*, 3 vols., Porto, Typographia Pereira, 1907-1915; FERREIRA, Fernando Bandeira — *Alguns topónimos indicativos de monumentos arqueológicos*, «Bibliotecas, Arquivos e Museus», Lisboa, vol. I, T.II, 1985, 558-675; FERNANDES, A. de Almeida — *Toponímia Vianense*, «Cadernos Vianenses», T.V, 1981, 139-206; IDEM — *Um «Examen» antroponímico*, «Caminiana», Ano IV, N.º 6, 1982, 155-200; Ano IV, N.º 7, 1982, 161-210; Ano V, N.º 8, 1983, 151-198; Ano VIII, N.º 13, 1986, 83-147; IDEM — *Toponímia Tarauçense*, «Beira Alta», Viseu, vol. XLII, 3, 1983, 517-575; vol XLVI, 1-2, 1987, 75-115; vol. XLVI, 3-4, 1987, 235-279; vol. XLII, 1-2, 1988, 33-66; IDEM — *A toponímia da Beira Alta*, «Dicionário Etimológico» de José Pedro Machado, «Beira Alta», vol. XLVIII, 1-2, 1989, 109-142; FERNANDES, J. Xavier — *Questões de Língua Pátria*. Vol. I: *Topónimos e Gentílicos*, Lisboa, Edição de Álvaro Pinto («Ocidente») 1949; vol. II: *Topónimos e Gentílicos*, 1947; LIMA, Augusto César Pires de — *Topónimos e Alcnhas*, Separata de «O Concelho de Santo Tirso. Boletim Cultural», vol. IV, 1965; LOSA, António — *A Dominação Árabe e a Toponímia a Norte do Douro*, Sep. da «Bracara Augusta», Braga, 1956; MARQUES, Carlos Santos — *Contribuição para o Estudo da Toponímia do Concelho de Vila Nova de Gaia*, «Actas das Jornadas de História Local e Regional», «GAYA», II, 1984, 101-106; MARSÁ, Francisco — *Toponímia da Reconquista*, «Enciclopedia Lingüística Hispánica», T.I, Madrid, 1960, 615-645; MOREIRA, Pe. Domingos — *Paisagem Toponímica da Maia*, Maia, 1969; PIEL, Joseph — *Sobre alguns nomes de pessoas luso-visigodas derivados de nomes de animais*, «Revista de Guimarães», vol. LXIII, 1-2, 1953, 145-150; IDEM — *Miscelânea de Etimologia Portuguesa e Galega*, Coimbra, 1953; IDEM — *Novos ensaios de toponímia ásture-galego-portuguesa*, Separata da «Revista Portuguesa de Filologia», Coimbra, vol. XIX, 1983; IDEM — *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989 (Colectânea de vários estudos); RIBEIRO, Marcelino da Mota — *Os nomes geográficos*, Porto, s/d, Separata da «Revista de Ciências», Madrid; SACHS, Georg — *Die germanische Ortsnamen in Spanien und Portugal*, Jena-Leipzig, 1932; SERRA, Pedro Cunha — *Topónimos do Distrito de Aveiro*, Separata do «Arquivo Distrital de Aveiro», 1960, 66, 67, 68, 70, 71, 73; IDEM — *Contributo topo-antroponímico para o estudo do povoamento do noroeste peninsular*, Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1967; IDEM — *Estudos toponímicos*, «Boletim de Filologia», Lisboa, T. XXV, 1-4, 1976-1979; SILVEIRA, Joaquim de — *Toponímia Portuguesa* (Esboço), «Revista Lusitana», Lisboa, 35, 1-4, 1937, 50-139; VASCONCELOS, José Leite de — *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1928; IDEM — *Nomes de pessoas tornados geográficos (em Portugal)*, «Boletim da Classe de Letras», Academia das Sciencias de Lisboa, vol. XV, 1, 1922, 785-822.

padroeiros: Salvador, Santa Maria, S. Miguel, Santo André, etc.); da *actividade do homem e da funcionalidade da vida* (Barca, Barracão, Ponte).

É assim que a toponímia aparece como o caleidoscópio mais ou menos belo e poético pelo qual contemplamos uma terra e toda a gama das suas manifestações. Nem é, por isso, de admirar, que o nome das terras suscite pequenas guerras de rivalidade bairrista quando se quer baptizar a saída ou entrada duma auto-estrada, duma barragem, etc. É a guerra das tabuletas que, como estamos continuamente a ver, levanta as populações porque, de facto, tal ou tal nome diz alguma coisa ao seu domínio, à sua honra, à sua história.

5 — A toponímia na Vila das Aves

A história local, como a história universal, é semelhante a um rio imparável que, apesar de tudo, os homens vão tentando controlar por meio de açudes ou represas ao longo do seu curso.

Para a história toponímica da Vila das Aves quisemos referenciar-nos a três açudes históricos, verdadeiros documentos-monumentos, bem demarcados no tempo.

- 1.^o Para a *Idade Média*, servimo-nos das *Inquirições* Régias de 1220 e 1258 ⁽¹⁴⁾. É aí que descobrimos como a povoação começou a estruturar-se e a crescer.
- 2.^o Para a *Idade Moderna*, usamos o *Tombo Paroquial de 1547* ⁽¹⁵⁾, embora conscientes do seu carácter restricto no âmbito da freguesia.
- 3.^o Para a *Idade Moderna-Contemporânea*, seguimos o *Inquérito Paroquial de 1758* ⁽¹⁶⁾. Após o terramoto de Lisboa, o marquês de Pombal encarregou o Pe. Luís Cardoso de escrever um «Dicionário Geográfico de Portugal», fazendo, para isso, um longo questionário a todos os párocos. Daí nasceram os 42 volumes das *Memórias Paroquiais de 1758*, precioso acervo de informações para a história das nossas freguesias.

Diga-se, desde já, que a Memória de São Miguel das Aves é muito pormenorizada e rica de informações. A Memória Paroquial, quanto aos nomes de lugares, pode confrontar-se com o Dicionário Chorográfico de Américo Costa ⁽¹⁷⁾, para o período anterior à explosão demográfica e industrial que fez da freguesia rural de S. Miguel das Aves, em 1955, a actual Vila das Aves.

Realcemos, entretanto, certas particularidades dos documentos de que nos servimos.

— As *Inquirições de 1220* apresentam o reticulado patrimonial desta freguesia através das *herdades* dos respectivos possesores. Predomina, portanto, a *herdade* como unidade-base da estrutura rural e a designação faz-se segundo uma toponímia antroponímica. Segue-se, assim, o sistema de indicar os

⁽¹⁴⁾ Portugaliae Monumenta Historica (PMH), *Inquisitiones*, vol. I, Fase I-II, 69, 159, 203, 255; Fase IV-V, 624.

⁽¹⁵⁾ Cfr. nota 2.

⁽¹⁶⁾ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), *Memórias Paroquiais*, 1758, vol. 5, N.º 56, pp. 879-882.

⁽¹⁷⁾ COSTA, Américo — *Dicionário Chorographico de Portugal*, Vol. II, 1930, 1136-1137.

possessores das terras segundo o processo romano de relacionar as *vilas* aos seus donos em forma genitival ou segundo o processo germânico de relacionar as sortes de terras aos seus possesores e titulares. Nesta ordem de ideias, em 1220, aparecem em S. Miguel das Aves 14 *herdades*, 2 *casais* e uma terra só com o nome de *Paradela*, sem especificação do dono nem classificação. Contudo, aí se descobre o gérmen de lugares ou aldeias, como *Paradela*, *Paredes*, *Freixieiro*, *Quintã*. Os nomes dos possesores são predominantemente germânicos, e um, todo latinizado, é de mulher: *María Regina*.

— As *Inquirições de 1258* contêm a novidade de dar predominância aos *casais*, num total de 15, com os nomes dos respectivos possesores, sobre as *herdades*, em número de 5, que parecem unidades maiores e concentradas. Parece, pois, que uma herdade se podia dividir em casais. Nota a salientar é a atribuição de 10 casais a instituições religiosas: mosteiro de Cerzedelo 4, Roriz 3, Santo Tirso 1, Landim 1, Oliveira 1. Refere-se ainda a *honra* nobre de Martinho Pimentel em Lobazim — Sobrado. Como se vê, o casal começa a ser uma divisão da herdade e, também ele, com o tempo, virá a ser princípio gerador de lugar ou aldeia.

Caso específico, a merecer atenção, é a *honra dos Pimentéis* em Lobazim — Sobrado. *Honra* é uma terra nobilitada pela generosidade dos reis, dada em mercê com certos privilégios de isenção a algum nobre para pagar préstimos. As pessoas que habitassem dentro desse domínio fundiário participavam dos privilégios atribuídos ao titular, quer fossem criados, quer fossem caseiros ou foreiros. A *honra* para os nobres era uma instituição paralela à dos coutos para instituições eclesiásticas.

A *honra dos Pimentéis* em S. Miguel das Aves, deve estar ligada por D. Vasco Pimentel a Martim Fernandes Pimentel, que era cavaleiro fidalgo de Riba de Vizela ⁽¹⁸⁾. Amante, e depois marido de D. Sancha Martins, mordomo de D. Afonso III, descendente de D. Gonçalo Rodrigues da Palmeira — Nomães, padroeiros do vizinho mosteiro de Landim, pertencente aos Cónegos Regrantes, foi ele que doou a igreja e casais de Sobrado ao dito mosteiro de Landim. O mosteiro apresentava o pároco recolhendo 80.000 reis de rendimento paroquial enquanto o pároco recebia 30.000 reis, conforme se pode ver das declarações do respectivo pároco nas *Memórias Paroquiais de 1758*. Mas toda esta história da *honra dos Pimentéis* em Sobrado precisa de ser melhor esclarecida, até porque as *Inquirições* falam da honra em Lobazim — Sobrado a propósito da paróquia de S. Miguel das Aves e não da de Sobrado.

Como quer que seja, nas *Inquirições de 1258* parecem desenhar-se 5 lugares ou aldeias, a saber: *Paradela*, *Paredes*, *Poldrões*, *Lobazim*, *Quintã*, isto é, *Poldrões* e *Lobazim* estão a mais relativamente às *Inquirições de 1220*, mas, em contrapartida, falta *Freixieiro* que, de certeza, continuava a existir.

— O *Tombo Paroquial de 1547* não é uma descrição dos limites da freguesia e seus espaços, mas sim um cadastro das terras que a igreja paroquial, certamente por obra e graça de doações, ia acumulando. Pertencendo a freguesia de S. Miguel das Aves à diocese de Braga, o Tombo foi redigido segundo as normas das *Constituições* diocesanas. O arcebispo D. Luís Pires (1468-1480) foi o primeiro arcebispo de Braga a prescrever a organização dos tombos (Sínodo de 11/XII/1477, Constituição XLII ⁽¹⁹⁾. D. Diogo de Sousa, em

⁽¹⁸⁾ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXI, 663-664; 672.

⁽¹⁹⁾ GARCIA Y GARCIA, António — *Synodicon Hispanum. II - Portugal*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, 113-

1505, ordenou de novo a inventariação dos bens das igrejas com os limites das freguesias ⁽²⁰⁾. Contudo, o arcebispo Infante Dom Henrique nas suas *Constituições* ⁽²¹⁾, em 1538, voltou a não exigir a escrituração dos limites das freguesias. Foi, portanto, segundo as determinações das *Constituições* do Infante Dom Henrique que se elaborou o Tombo Paroquial de 1547 para a freguesia de S. Miguel «de entre ambas as águas».

Nele há quase só referência a casais: casal do Assento da Igreja, Costa, Outeiro, Paradela, Lobazim e aldeia de Quintã; lendo com mais profundidade vê-se que estes casais tinham terras dispersas por outros lugares ou aldeias, tais como Carreira, Freixieiro, Caldelas, Longal, Ponte Nova, Quintã, Costa, Valgas e outros mais que nos introduzem nos espaços da micro-toponímia, ou seja, subdivisões de agras, campos e bouças, os quais, depois, também eles evoluíram para lugares ou aldeias. Diga-se, desde já, que o Tombo Paroquial, não sendo uma grelha de análise da partilha das terras em S. Miguel das Aves, é um bom ponto de partida para o estudo dos lugares da Vila das Aves, tal como os temos hoje nos registos ou matrizes prediais.

Nas *Memórias Paroquiais* de 1758, já só e explicitamente se fala de 15 lugares ou aldeias onde moram os 96 vizinhos ou sejam 380 pessoas entre maiores e menores. O pároco de então enumerava: Amieiro Galego, Paredes, Carreira, Quintã, Tojela, Bom Nome, Paradela, Novelo, Subpenedo, Ponte, Poldrões, Lobazim, Assento do Pároco.

A estes lugares haverá que juntar os lugares das freguesias anexadas depois de 1835, de S. Lourenço de Romão: Sence, Bugio, Aldeia, Romão, e, de Santo André de Sobrado, o de Sobrado, que era único.

Por fim, repare-se que o Dicionário Corográfico de Américo Costa regista os seguintes 15 lugares: Bom Nome, Bugio, Carreira, Freixieiro, Igreja, Lobazim, Paradela, Paredes, Poldrões, Ponte, Quintã, Romão, Sence, Sobrado, Tojela.

Nos nossos dias, não contando, as ruas e avenidas que pertencem já à tecitura urbana, há que acrescentar: Alto da Bandeira, Barca, Carvalheiras, Estação, Fontainhas, Outeiro, Pinguela, Ponte Nova, Ringe, Santo Honorato, Vale de Pereiras.

Querendo, em seguida, fazer a hermenêutica da toponímia na Vila das Aves, por razões práticas, distinguíremos três aspectos (macro-toponímia, médio-toponímia, micro-toponímia) mas considerando apenas os dois primeiros.

a) *Macro-toponímia*. Prende-se ao nomes dos lugares maiores: países, cidades, vilas, freguesias.

Vila das Aves — VILA é indicativo de categoria administrativa, título nobilitante que adveio à freguesia de S. Miguel das Aves por portaria de 4/IV/1955. O nome da freguesia variou desde 1220, quando aparece «Ecclesia Sancti Michael de Inter Ambas Aves» e se vai manter por muito tempo até ao Tombo de 1547 onde aparece «Igreja de Sam Miguel dantre ambas as águas», designação que surge no Livro de Visitações ⁽²²⁾ enquanto que, nas *Memórias Paroquiais* de 1758, se reduz a «Freguesia de S. Miguel das Aves» englobando, depois, as freguesias de Aves, Romão e Sobrado. Estes são, por conseguinte, os três nomes de macro-toponímia que importa explicar.

⁽²⁰⁾ IDEM — *Ibidem*, 171.

⁽²¹⁾ *Constituições do Arcebispo de Braga*, Lisboa, 1538.

⁽²²⁾ Arquivo Paroquial de S. Miguel das Aves — Ms: *Livro de Visitações* (1582-1686).

AVES — Estará este nome relacionado com o latim *avis* = pássaro, que o topónimo *avicella* — Vizela parece comprovar? Estou convencido que não. Ave e Vizela são dois nomes de rios, exactamente os que cercam esta freguesia mesopotâmica. Ora é sabido que a hidronímia é aquela que mais resistente e pertinazmente conserva os nomes primitivos ou arcaicos, mesmo quando, ao longo dos séculos, sofre distorções. A palavra *ave* aparece como sufixo do nome de muitas terras, quer como afixo quer como prefixo, onde, geralmente, o elemento hídrico é predominante.

Como prefixo, *avo* - *av*, elemento inicial, aparece em Aveiro, Avanca, Aves, Avês, Avis (Vesdavis), Avintes.

Como afixo, *avo* - *av*, elemento final, surge em Cadavo (Cávado), Ilhavo, Pavia (Paiva, Paivó onde se dá o fenómeno de Ave, Avizella).

Na realidade, o sufixo *Avo* já se encontra na língua celta e no germânico antigo (*Awa*, *Ava*, *Awe*, *Ave*, *Awo*, *Avo*) a significar «água, corrente»⁽²³⁾. Desta maneira parece-me claro que *Ave* quer dizer «água, rio»; a ser assim, *Avicella* → *Avizella* — *Vizela* seria um diminutivo alatinado, medieval, duma palavra pré-romana designando uma *Ave* ou rio mais pequeno que desagua noutra *Ave* maior. De facto, o *Vizela* é um rio afluente do *Ave* que desagua nele em Caniços, isto é na cunha ocupada pela antiga freguesia de Romão. A antiga expressão latina «Inter Ambas Aves» quer, portanto, dizer «entre ambos os rios». Razão esta pela qual, criteriosamente, o Tombo Paroquial traduz «dentre ambas as águas». S. Miguel das Aves, mais logicamente, dos Aves, situada entre os rios *Ave* e *Vizela*, faz parte daquelas freguesias mesopotâmicas que, na Idade Média, formavam a Terra de Entre Ambas as Aves (*Aves*, *Romão*, *Sobrado*, *Lordelo*, *Riba d'Ave*) do Julgado de Vermoim (*Vila Nova de Famalicão*), comarca de Barcelos. A memória oral não esqueceu esta realidade geofísica e a toponímia bem o demonstra.

ROMÃO — S. Lourenço de Romão é o nome completo da freguesia anexada a S. Miguel das Aves depois de 1835. Sem dúvida que a palavra nos leva a Roma, aos romanos, ligando-se talvez a uma especial presença dos romanos nesta terra; só que falta prová-lo, e, até agora, não se acharam vestígios arqueológicos de vila romana ou outros quaisquer elementos. Talvez seja preferível ligar a terra ao nome dum possessor cujo nome fosse *Romanus*. Com efeito, este nome aparece entre os dos deponentes nas Inquirições. De resto, o nome *Romão*, S. *Romão*, costuma mas é aparecer como nome de Santo Padroeiro de muitas freguesias: S. *Romão* do Coronado, S. *Romão* de Neiva, de Armamar, de Aregos, de Ceia. Há vários santos com o nome de *Romão*, monge do séc. V, talvez o mais venerado, que o martirológico Romano celebra a 28 de Fevereiro, patrono dos nervosos e afogados.

SOBRADO — Santo André de Sobrado é a outra pequena freguesia, a norte da Vila das Aves, que lhe foi anexada depois de 1835. *Sobrado* é topónimo frequente. Costuma ligar-se a palavra *sobrado* à

⁽²³⁾ SCHULTEN, Adolf — *Geografia e Etnologia Antigas da Península Ibérica*, vol. II, Madrid, 1963, pág. 84, diz: «que o nome AV, significando *Água*, aparece com frequência em relação a rios na zona ocupada pelos celtas. Cfr. MOREIRA, Pe. Domingos — *Estudo onomástico sobre alguns rios a Norte e Sul do Douro*, «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto», vol. XXIX, 1967; PIEL, J. — *As Águas na Toponímia*, «Boletim de Filologia», vol. VIII, 335; SOUSA, Arlindo de — *Onomástica Pré-Romana: O nome de Aveiro*, Aveiro, 1962.

palavra latina *suber* = sobreiro, árvore da cortiça. Indicaria, desse modo, um lugar onde abundam essas árvores da cortiça. Mas as referências e abonações de textos medievais relacionam antes a palavra sobrado com a latim *superatum* → *super*, «o que está sobre, por cima». É assim que corre a expressão «casas sobradadas», «casas de sobrado» porque tinham um andar acima do plano térreo. Também pode, por metonímia, designar algo em posição elevada, terreno no alto, sobranceiro. Julgamos, portanto, que este *sobrado* das Aves não tem nada a ver com sobreiros, árvore aqui quase ignorada, mas sim com a elevação do terreno que, do Cabeço de Meninos, desce por Sobrado até à cunha de encontro dos rios Ave e Vizela. Indica, assim o julgamos, a elevação de terreno em que a povoação se situa, ou então alguma casa nobre, sobradada, sei lá se ligada à referida honra dos Pimentéis, de que a respeitável casa do «Herdeiro» seria um abencerragem.

Aliás, se compararmos os dados toponímicos, veremos que os *sobrados* são mais frequentes no norte montanhoso e cheio de colinas (Sobrado, Sobradinho, Sobradelo podem detectar-se em Aves, Valongo, Póvoa de Lanhoso, Castelo de Paiva / Castro d'Aire, Samodães — Lamego, Moreira de Cónegos / Póvoa de Lanhoso, Amarante, Baião) e quase não existem no sul. Ali, pelo contrário, aparece o nome *Sobral* que, sem dúvida, se prende ao sobreiro (*suber*): Sobral de Monte Agraço, Sobral da Mortágua, Castelo Branco, Moura, Guarda, Viseu, e ainda os nomes Sobrosa e Sobreira, certamente também aparentados com sobreiro ⁽²⁴⁾.

b) *A médio-toponímia*. Chamámo-lhe, assim, porque engloba os nomes de lugares ou aldeias em que se reparte o território duma freguesia. Vários critérios poderiam adoptar-se para elaborar o leque mostruário dos nomes dos lugares da Vila das Aves a analisar. Preferimos juntar os topónimos das fontes que tivemos à mão, a que talvez possamos ainda acrescentar alguns micro-topónimos resultantes da subdivisão de agras, campos, quintas e montes. Por ordem alfabética, eis, pois, o roteiro possível, embora discutível e incompleto, como vós próprios podeis julgar. Passemos à análise da origem e significado dos topónimos e sua correcta ortografia.

1 — *Alto da Bandeira* — Topónimo composto, de origem latina. Alto, por causa da configuração do terreno. *Bandeira* por causa do levantar a bandeira e seu mastro para anúncio de festas. É topónimo recente.

2 — *Amieiro Galego* — Fitotopónimo típico de árvores da beira-rio, também ele de origem latina. Amieiro pode derivar de *amaenarium* ou *alnarium*. O qualificativo galego é difícil de explicar com fundamento, mas não pode, talvez, desligar-se doutros qualificativos como «couve galega». Aliás, em português, a expressão «galego» serve para ridicularizar: «ser galego, trabalhar como um galego». Amieiro Galego porque à sombra dele vinham tomar a fresca os que não tinham posses para melhor. Tal topónimo aparece depois do séc. XVIII mas, cremos, poder ligá-lo com o micro-topónimo *caldelas* que aparece no Tombo Paroquial de 1547 por causa das águas termais que ainda hoje lá existem, com banhos explorados pela Junta de Freguesia: as *Termas do Amieiro Galego*.

⁽²⁴⁾ PIEL, Joseph — *Sobrado. Perfil histórico de uma palavra*, «Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa», Lisboa, IN-CM, 1988, 263-269.

3 — *Barca* — Topónimo de origem latina, a indicar a passagem do rio Ave, de S. Miguel para Delães, feita numa barca, como era usual.

4 — *Bom Nome* — Topónimo de origem latina para o qual não encontro justificação. Indica uma oposição a qualquer coisa má. Não podemos embarcar nas historietas das etimologias populares, mas temos de reconhecer que, nas Aves, também aparecem qualificativos negativos, como *Água má*, *Bouça má*.

5 — *Bugio* — Era lugar da antiga freguesia de Romão, segundo as Memórias Paroquiais de 1758. A palavra *Bugio* chegou até nós vinda do francês «Bougie» (vela) e, com certeza, está ligada à cidade árabe de Bejaï, na Argélia (norte de África), que ficou conhecida pelo fabrico das velas de cera e pelos macacos. Em Portugal há vários *bugios*, geralmente lugares onde está um farol ou sinal luminoso, como o farol do Bugio à entrada do Tejo, construído sobre um rochedo na areia.

Quanto aos macacos bugios é conhecida a expressão «vai bugiar» que é quase sinónima de «vai pentear macacos»! Mestre Gil Vicente, no «Auto da Mofina Mendes» refere-se a isso:

«Senhora, não monta mais
Semear milho nos rios
Que queremos por sinais
Meter cousas divinais
Nas cabeças dos bugios».

O nome do lugar do Bugio desapareceu e está apenas na micro-toponímia dum campo. Mas não custa nada acreditar que tal topónimo derivasse da existência em Romão, na encosta sobranceira à confluência dos rios Ave e Vizela, dum qualquer farol ou sinal luminoso sobre o alcantilado esporão onde se construiu a ponte de caniços para o comboio.

6 — *Carreira* — Topónimo de origem latina indicando um caminho de carros, um pequeno caminho.

7 — *Carvalheiras* — Fitotopónimo de origem latina, ligado a carvalho. Indica, portanto, um lugar onde abundam essas árvores.

8 — *Cense* — Talvez seja este o topónimo mais problemático das Aves, até porque as grafias variam: *Cense*, *Sence*, *Sense*. Várias buscas em listas onomásticas, dicionários de especialidade, nunca proporcionaram nada que dissesse ao caso, e nem sequer um fio condutor para a correcta ortografia. É sabido que os nomes e os topónimos têm, muitas vezes uma história complicada, porque as palavras também têm vida, isto é, evoluem e transformam-se. A transformação pode dar-se por metátese de letras, queda de consoantes ou vogais, aférese, crase, síncope, por alterações fonéticas, assimilações, dissimilações, contaminações. Que se terá passado com esta palavra *Cense*? Ela é um problema desde a grafia à significação. Para a escrita, duas hipóteses parecem plausíveis: *Sense* e *Censo* (cense). Na onomástica da terra encontra-se pela primeira vez nas *Memórias Paroquiais de 1758* e escrita *Sence*, mas a grafia da época é muito arbitrária.

SENSE — pode vir do latim *sensus* = sentido, com abrandamento da vogal final (senso), como sucede em Senre (Senra).

Também pode vir dum hipotético nome germânico, dum possessor no género de Sende → Sinde, que entra em composição em nomes como Esposende, Ermesinde. Só que não encontrei nenhum nome germânico que possibilite tal hipótese.

Poderíamos aventar outra hipótese, plausível mas não provada, como a de estarmos perante um topónimo antroponímico genitival. Estaríamos então perante a existência duma villa ou herdade de «*Sisi*» que depois passou para *Sinsí* por nasalização da primeira sílaba; depois haveria a evolução para *Sense* por metafonia, onde a desinência *e*, vinda do *i* final seria o resíduo do genitivo latinizante, como sucede em Esposende, Ermesinde, Gondesende. A ser assim, o fenómeno linguístico encontraria um paralelo nas palavras «*peso* ↔ *penso*; *teso* ↔ *tenso*; *pito* ↔ *pinto*. Tudo isto estaria certo se tivéssemos o alicerce de suporte para tal construção encontrando nas listas onomásticas latinas ou germânicas nomes como *Sisi*, *Sinsi*, *Cinsi*. Apenas veio ao nosso encontro a palavra *Cisi/Cissi*, cidade da costa da Mauritânia e da Dalmácia, e a palavra *Cesse*, antigo nome de Tarragona.

Por consequência, julgamos que não deve procurar-se na onomástica latina ou germânica dos possesores o topónimo *Cense*, porque, a ser assim, deveria encontrar-se logo nas Inquirições, quando, afinal, ele nos aparece só no séc. XVII.

Resta, assim, a hipótese de *CENSE*, derivada de *Censo* (latim - *censum*) como indicando um imposto ou tributo a algum senhor donatário. Indicar-se-ia, com este topónimo, uma renda ou tributo daquele lugar a algum couto de mosteiro. Ora isto é bem possível, sabendo nós que Romão era freguesia, no séc. XVIII, de apresentação dos padres jesuítas do Colégio de São Paulo, Braga, os quais colhiam a renda de 100.000 reis e que pagavam ao respectivo cura apenas 30.000 reis. E já antes dos jesuítas, a paróquia estava ligada aos cônegos regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Roriz, por cuja extinção, em 1750, passou para os jesuítas de Braga.

SENECE é uma forma ortográfica que aparece no «Dicionário Chrographico de Portugal», de Américo da Costa ⁽²⁵⁾. Como tal poderia estar relacionada com a palavra latina «*senex* - *senecis*» → *sénece* (velho), mas é vocábulo que nunca encontramos como topónimo.

CENSE é, quanto a nós e para já, a grafia mais plausível e correcta. Futuras investigações poderão, entretanto, fazer-nos mudar de opinião. A questão não está encerrada.

9 — *Estação* — Nome derivado do latim, a indicar o lugar da passagem do comboio da linha de Guimarães, quando o comboio aqui passou, a primeira vez, no inolvidável dia 31 de Dezembro de 1883. Sabe-se como há poucos anos os avenses contestaram o designativo oficial da estação do caminho de ferro, impropriamente chamada «Estação de Negrelos» e obrigando a chamar-se-lhe, ao menos «Negrelos — Vila das Aves».

10 — *Fontainhas* — É um diminutivo derivado do nome latino «*fonte*».

11 — *Freixieiro* — Nome medieval, derivado do latim (*fraxinarium*), fitotopónimo a designar lugar de freixos, árvores abundantes junto das correntes de águas.

12 — *Igreja* (*Assento*) — Designativo do lugar onde está assentada ou construída a igreja, palavra que é a aportuguesação do latim *ecclesia* que já vem do grego.

13 — *Lobazim* — Outro nome que pode causar dúvida, tantas são as grafias em que aparece escrito: *Lobazim*, *Lubazim*, *Luvasim*, *Léuvasim*. Há quem recorra a uma etimologia germânica, mas desnecessariamente. Este é na toponímia da Vila das Aves, o único antroponímico certo, derivado do

⁽²⁵⁾ Cfr. nota 17.

diminutivo latino de *lupus* (lobo): *Lupacimus*, certamente um nome hipocorístico que nos leva à vila de *Lupacini*. Como topónimo antroponímico pode chegar até nós por via popular — *Lobazim* — ou por via erudita — *Lubazim*, mas sempre derivado de *lupus* ⁽²⁶⁾.

14 — *Novelo* ou *Novelhe* — Outro nome diminutivo feito a partir do latim *novellus*, de *novus* (novo) indicando lugar novo, recente. Como topónimo aparece em vários sítios, por exemplo na vizinha freguesia de Rebordões, e segue o fenómeno linguístico de Negrelos (Negrilhos), novilho (touro novo).

15 — *Paradela* — Topónimo a indicar sítio de paragem, e, como tal, derivado do latim medieval *paratella* → *parata*. Por metonímia indica o lugar que pára o vento; logo, é indicação de lugar exposto ao vento, desabrigado.

16 — *Paredes* — Topónimo muito frequente, derivado do latim *paries-parietis* indicando muros de suporte de terreno ou de divisão de terras.

17 — *Pinguela* — Topónimo de origem popular, feito a partir de *pingo* + *ella*, sufixo característico do latim medieval. Com tal nome indica-se um pontão de madeira ou uma mal amanhada ponte de pedra. Ali, deve ter existido, de facto, um pontão a ligar S. Miguel das Aves à freguesia do Bairro, o qual terá dado lugar à construção da «ponte da pinguela», que não é referida nas Memórias Paroquiais de 1758. Nessa altura, o pároco foi tão exaustivo que enumerou todas as pontes de pedra do rio Ave.

18 — *Poldrões* — Derivado do latim *pultris* (jumento), esta palavra está associada a *alpoldras*, indicando uma passagem de pedras sobre o leito dum rio, geralmente junto dum moinho para passagem dos animais de carga.

Ter-se-lhe-á juntado o sufixo latino-medieval *anis* → (ães), talvez porque ali perto se construiu uma casa senhorial (Quinta de Poldrões, 1680). Junto dessas *alpoldras* é que se construiu depois a Ponte Nova (lugar e ponte) da Estrada Nacional n.º 105 do Porto a Guimarães.

19 — *Ponte* — Do latim, indica a ponte de pedra do rio Vizela, junto à fábrica do rio Vizela, e que já é referida nas Memórias Paroquiais de 1758.

20 — *Ponte Nova* — Como já dissemos, é o designativo da ponte construída em vez das velhas *alpoldras* de *Poldrões*.

21 — *Quintã* — Nome latino muito comum como divisão de terras, apontando para a quinta parte dum terreno. Porque todos a classificam no feminino, deverá escrever-se *Quintã* e não Quintão.

22 — *Ringe* — Forma popular, provinciana, de *ranger*. Qualquer dicionário de português regista a palavra *Ringer* — *Ringir*, do latim «ringere». No caso, *Ringe* diz-se do lugar situado junto ao regato, quase despercebido, que passa e *ringe* entre Aves e Lordelo, a caminho do Vizela.

23 — *Romão* — já o explicámos nos médio-topónimos.

24 — *Santo Honorato* — Deriva dum santo patrono cujo nome, em latim, quer dizer «honrado, venerado». Na realidade, este santo era o patrono do engenheiro francês *Honoré Vavas seur* que na fábrica «Rio Vizela» introduziu, em 1891, a fiacção nova. Em sua honra, venerando a sua acção na promoção industrial da zona, deu-se o nome do seu santo patrono à aldeia habitacional que ali se começou a construir.

25 — *Sobrado* — Já o explicámos nos médio-topónimos.

26 — *Subpenedo* — Nome de nítida origem latina *sub* + *penna* + *etum*, localiza um sítio subjacente a zona rochosa.

27 — *Tojela* — Palavra de evidente origem alatinada (*tojo* + *ela*), leva-nos a um matagal onde cresce tojo ou mato, o que quadra perfeitamente com o aproveitamento actual do terreno ao cimo duns campos de cultivo.

28 — *Vale de Pereiras* — Topónimo composto de vocábulos de origem latina. Alguém informa que naquele pequeno vale havia muitos pereiros bravos que, depois, foram enxertados em pereiras frutíferas. De facto, é topónimo muito recente.

TOPÓNIMOS DA VILA DAS AVES

1 — Alto da Bandeira	15 — Paradela
2 — Amieiro Galego	16 — Paredes
3 — Barca	17 — Pinguela
4 — Bom Nome	18 — Poldrões
5 — Bugio	19 — Ponte
6 — Carreira	20 — Ponte Nova
7 — Carvalheiras	21 — Quintã
8 — Cense	22 — Ringe
9 — Estação	23 — Romão
10 — Fontainhas	24 — Santo Honorato
11 — Freixieiro	25 — Sobrado
12 — Igreja (Assento)	26 — Subpenedo
13 — Lobazim	27 — Tojela
14 — Novelho	28 — Vale de Pereiras

6 — Conclusão

Como que em síntese, fazendo a classificação dos topónimos analisados, temos a seguinte distribuição:

- *Configuração de terreno* — 7: Alto, Carreira, Quintã, Paradela, Paredes, Sobrado, Subpenedo.
- *Relação ao rio e águas* — 7: Ponte, Ponte Nova, Poldrões, Barca, Bugio, Fontainhas, Pinguela.
- *Relação à flora* — 5: Amieiro Galego, Carvalheiras, Freixieiro, Vale de Pereiras, Tojela.
- *Relação à religião* — 2: Igreja, Santo Honorato.
- *Possessores de terras* — 2: Lobazim, Romão.
- *Indiscriminados* — Bom Nome, Cense, Estação, Novelhe, Bugio.

Quanto à língua, os topónimos são derivados do latim medieval ou alatinados, tirando Bugio.

Com estes elementos podemos concluir que Vila das Aves, a paróquia de S. Miguel das Aves ou S. Miguel de Entre Ambas as Aves (S. Miguel de Entre Ambas as Águas) é uma terra de superfície acidentada, um esporão mesopotâmico que se prolonga em cunha entre o curso dos rios Ave e Vizela. Daí a necessidade de pontes de ligação e barca de passagem para as freguesias vizinhas. O acidentado do terreno e a sua exposição aos ventos Sul e Norte não a parecem ter feito apetecida por possesores de terras, por mais que apareçam campos e agramas de cultivo em Lobazim, Quintã, Freixieiro. Junto das águas correntes dos rios Ave e Vizela cresciam características árvores, como amieiros e freixos; enquanto nos lugares altos e bouças brotava o mato e se desenvolviam carvalhos, nas quintas e pomares medravam algumas árvores de fruto.

A toponímia não apresenta características singulares desta terra onde, desde os primórdios da nacionalidade, algumas instituições religiosas já vinham colher rendas em casais e herdades.

V. ÍNDICE DE ARQUIVOS E CARTÓRIO PAROQUIAL

1 — *Arquivo Distrital do Porto (ADP): Livros de Registo Paroquial*

- *S. Miguel das Aves:*
Livros Mistos n.º 1-1A: 1627-1750 = *Microfilme*, Bobine-426
Livros Mistos n.º 2-4: 1743-1811 = *Microfilme*, Bobine-426
Livros de Baptismos n.º 1-2: 1792-1833 = *Microfilme*, Bobine-426
- *S. Lourenço de Romão:*
Livros Mistos n.º 1-3: 1607-1807 = *Microfilme*, Bobine-449
- *Santo André de Sobrado:*
Livros Mistos n.º 1-3: 1634-1848 = *Microfilme*, Bobine-450

2 — *Arquivo Distrital de Braga — Universidade do Minho (ADB-UM):*

- *Composição com os Beneficiados das Terras de Entre Ambas-as-Aves e de Aguiar de Neiva em 1418/1419* — Col. Cron. Caixa 21.
- *Livros das Visitações da 3.ª parte de Sousa e Ferreira*, N.º 127-135.
- *S. Miguel das Aves* — *Tombo Paroquial de 1547*, Caixa 249, N.º 24
Tombo Paroquial de 1548, Registo Geral, Liv. 4, fl. 61
Tombo Paroquial de 1718, Registo Geral, Liv. 65, fl. 261
- *S. Lourenço de Romão: Tombo Paroquial de 1548*, Registo Geral, Liv. 9, fl. 41

3 — Arquivo da Junta de Freguesia de S. Miguel das Aves:

Livros de Actas: 1.^o — 1878-1897; 2.^o — 1897-1911; 3.^o — 1911-1925; 4.^o — 1925-1937; 5.^o — 1937-1944; 6.^o — 1944-1953; 7.^o — 1953-1966; 8.^o — 1966-1979; 9.^o — 1979-

4 — Cartório Paroquial de S. Miguel das Aves:

- 1 Livro de Visitações, 1582-1687
- 2 Livro de Testamentos, 1741-1848
- 3 Livro de Visitações de S. Lourenço de Romão, 1751-1792 (incompleto)
- 4 Livro de Usos e Costumes, 1920
- 5 Livro das Actas da Conferência Eclesiástica, 1935

Livros de Registo Paroquial:

a)	5	Livro de Baptismos, Índice	— 1860-1911
	6	" " "	— 1911-1958
	7	" " "	— 1958-1978
	8	Livro de Baptismos	— 1911
	9	" "	— 1912-1913 (Junho)
	10	" "	— 1913- (Junho-Dezembro)
	11	" "	— 1914-1916
	12	" "	— 1917-1925
	13	" "	— 1926-1928
	14	" "	— 1929-1933
	15	" "	— 1934-1939
	16	" "	— 1939-1941
	17	" "	— 1942-
	18	" "	— 1943-1945 (Junho)
	19	" "	— 1945-1947 (Junho)
	20	" "	— 1947-1949
	21	" "	— 1950-1952 (Julho)
	22	" "	— 1952-1954
	23	" "	— 1955-1957 (Setembro)
	24	" "	— 1957-1960 (Setembro)
	25	" "	— 1960-1963 (Julho)
	26	" "	— 1963-1966
	27	" "	— 1967-1970
	28	" "	— 1971-1974 (Novembro)
	29	" "	— 1974-1977 (Novembro)

	30	"	"		— 1977-1981 (Agosto)
	31	"	"		— 1981-1985 (Agosto)
	32	"	"		— 1985-1985 (Agosto)
	33	"	"		— 1988-
b)	34	Livros de Casamentos, Índice			— 1860-1911
	35	Livros de Casamentos			— 1911
	36	"	"		— 1912-1913 (Julho)
	37	"	"		— 1913-1914
	38	"	"		— 1915-1916
	39	"	"		— 1917-1923
	40	"	"		— 1924-1925
	41	"	"		— 1926-1932
	42	"	"		— 1933-1935
	43	"	"		— 1935-1940 (Junho)
	44	"	"		— 1940-1943
	45	"	"		— 1944-1947 (Agosto)
	46	"	"		— 1947-1951 (Novembro)
	47	"	"		— 1951-1957 (Junho)
	48	"	"		— 1957-1962 (Novembro)
	49	"	"		— 1962-1968 (Junho)
	50	"	"		— 1968-1973 (Agosto)
	51	"	"		— 1973-1976 (Maio)
	52	"	"		— 1976-1978
	53	"	"		— 1979-1983 (Agosto)
	54	"	"		— 1983-1989 (Novembro)
	55	"	"		— 1989-1991 (Março)
	56	"	"		— 1940-
c)	57	Livros de Óbitos, Índice			— 1860-1911
	58	"	"		— 1911
	59	"	"		— 1912-1914
	60	"	"		— 1915-1916
	61	"	"		— 1917-1925
	62	"	"		— 1926-1931
	63	"	"		— 1932-1934
	64	"	"		— 1935-1942
	65	"	"		— 1943-1951
	66	"	"		— 1952-1965
	67	"	"		— 1966-1982
	68	"	"		— 1983-

d)	69	Livros de Confirmação	— 1923-1953
	70	" "	— 1957-1980
	71	" "	— 1988-

e)	72	Rol de desobriga	— 1943-
	73	" "	— 1944
	74	" "	— 1946

f) Livros de Confrarias e associações religiosas

Confraria de SS.^{mo} Sacramento

75	Livros de Actas	— 1860-1899
76	" "	— 1900-1904
77	" "	— 1905-1907
78	" "	— 1913-1916
79	" "	— 1916-1926
80	" " e Estatutos de 1912	— 1928-1965
81	Livro das eleições de Juiz e Mordomos	— 1818-1892
82	" " " "	— 1892-1918
83	Livro dos irmãos tirado do livro velho	— séc. XIX
84	Livro de Contas: Receita/Despesa - Diário	— 1856-1857
85	" " " "	— 1872-1895
86	" " " "	— 1895-1900
87	" " " "	— 1801-1905
88	" " " "	— 1812
89	" " " "	— 1813-1926
90	" " " "	— 1837-1949
91	" " " "	— 1849-1954
92	" " " "	— 1854-1964
93	Diário da Confraria do SS. ^{mo} Sacramento	— 1913-1922
94	" " " "	— 1937-1953

Confraria de Nossa Senhora do Rosário

95	Livro de Actas: (Sessões)	— 1907-1910
96	" " "	— 1927-
97	" " "	— 1935-1946
100	" " "	— 1946-1953
101	" " "	— 1953-1965

102	Livro das Eleições	— 1929-1947
103	" "	— 1948-1952
104	Livro dos títulos de dinheiro de escripturas	— 1819
105	Livro de assento de contas	— 1852-1861
106	Livro da conta geral	— 1901-1904
107	Livro de contas e receitas (folhas)	— 1937-1959
108	Diário da confraria	— 1937-1956
109	" "	— 1956-1964

Conferência de S. Vicente de Paulo (Senhoras)

110	Livro de Actas	— 1918-1935
111	" "	— 1935-1946

Conferência de S. Vicente de Paulo (Homens)

112	Livro de Actas	— 1922-1930
113	" "	— 1930-1965
114	" "	— 1972-1984

Pia União das Filhas de Maria

115	Livro de Actas	— 1920-1963
-----	----------------------	-------------

Acção Católica

116	Livro de Actas da JOCF	— 1944-1963
117	" " "	— 1954-1970

Igreja: administração e obras

118	Livro de contas da reconstrução da Igreja	— 1928
119	Livro de subscrição para as obras	— 1932
120	Livro de receitas/despesas da ampliação	— 1965
121	Livro de dádivas para a Igreja e Adro	— 1967-1980
122	Livro de obras da Residência (ofertas)	— 1946-1980
123	Livro de Benefício Paroquial	— 1941-1942
124	Livro de Actas da Comissão Fabriqueira	— 1938-1980
125	" " " "	— 1980-
126	Diário receitas/despesas da C. Fabriqueira	— 1938-1951

127	Diário receitas/despesas da C. Fabriqueira	— 1952-1979
128	Livro de receitas/despesas Capela do Cemitério	— 1979-
129	Livro de receitas/despesas do Patronato	— 1955-1978
130	Pasta da Sopa dos Pobres do Patronato	— 1954-1958
131	Livro de Actas do Conselho Pastoral Par.	— 1985-1987
132	" " " " "	— 1988-1990
133	" " " " "	— 1990

Além destes livros, o Cartório tem grande número de pastas com processos de casamentos e outros documentos (facturas).

VI. APÊNDICE DOCUMENTAL

1 — Tombo Paroquial de 1547

Tombo da Igreja de Sam Miguel dantre Ambas as Aguas que mandou fazer o Senhor Alvaro do Couto Comendador da dita igreja.

In nomine Domini. Amen. Saibam quantos este estormento de tombo virem que no anno do Nascimento de Noso Senhor Jesu Christo de mil e quinhentos corenta e sete annos aos XXIII dias do mes de Outubro, na Igreja de Sam Miguel dantre Ambas as Aguas do arcebispado de Bragaa, que he no termo da villa de Barcellos, estando hy de presente Antonio Vaaz clerigo de missa, capellão da dita Igreja e dise em presença de mim, Jorge Pereira, *clericus in minoribus pubrico notario auctoritate apostolica*, e das testemunhas adiante nomeados que elle em nome e como procurador que era do senhor Alvaro do Couto comendador da dita Igreja queria fazer tombo dos bens e propriedades da dita Igreja e de todas suas pertenças conforme a constituçam do dito arcebispado, que portanto pedia e requeria a mym notario que lhe escrepvese e fizese o dito tombo conforme a dita constituçam, apresentando como loguo apresentou hũ pubrico estormento de procuraçam com hũ sobestabellecimento a elle feito da qual procuraçam e sobestabellecimento o teor *de verbo a verbo* he o seguinte, primeiramente:

Saibam quantos este estormento de procuraçam e revogaçam virem que no anno do Nascimento de Noso Senhor Jesu Christo de mil e quinhentos e corenta e cinco em treze dias do mes de Março na cidade de Evora e pousadas donde ora pousa o licenciado Mateus Estevez estando hy presente Alvaro do Couto fidalgo da Casa del Rey noso Senhor e comendador da Igreja de Sam Miguel dantre Ambas as Aves, e logo per elle foy dito que elle tinha feito seu procurador avondoso a Pero Cardoso, cavaleiro fidalgo da Casa del Rey noso Senhor morador em Guimarães pera lhe arrendar a dita sua Igreja e pera outras coisas na dita procuraçam conteudas, e por que ora o dito Pero Cardoso por alguns respeitos lhe mandou dizer que o nam podia seer, elle dito Alvaro do Couto per este pubrico estormento perante mym tabelliam e testemunhas abaixo nomeados dise que doje pera sempre revoga e ha por revogado o dito Pero Cardoso de seu

procurador pera que mais nam entenda em causa alguma das conteudas em a dita procuraçam que elle constetuynte asy fez, porque asy o dito procurador como a dita procuraçam todo revoga, e logo per elle constetuinte foy dito mais que elle fazia constetuya e ordenava ora novamente por seu legitimo sofeciente e avondoso procurador a Francisco do Couto seu sobrinho fidalgo da Casa do Infante Dom Luis, o mostrador da presente pera que por elle constetuinte e em seu nome possa arrendar a dita sua Igreja acabado o arrendamento que ora he feito pello mais preço que elle poder e pello tempo que lhe parecer, e tome do dito arrendamento que asy fezer boas fianças abonadas e seguras e com as condições que lhe aprouver, e receber os dinheiros por que asy arrendar e delles dar cartas e quitações e todo fazer per pubricas escripturas ou privadas e cartas como em derecho for mais vallioso e todo fazer e arrendar como elle constetuinte faria se presente fosse e asy lhe da poder pera poder fazer vedorias e apegações de todos os casaes e terras da dita sua Igreja e fazer aforamentos e arrendamentos delles como seja proveyto da dita sua Igreja, porem os ditos aforamentos e arrendamentos que asy fezer das ditas propriedades da dita sua Igreja nam dara palavra nem fara escriptura dellas sem primeiramente o fazer saber a elle constetuynte pera elle constetuynte ver se lhe apraz e he serviço de Deus e bem da dita Igreja fazer-se o tal prazo e lhe mandar disso seu prazime(!) e seu consentimento per sua carta ou escriptura. E quando lhe asy o tal consentimento mandar o fara trelladar na escriptura de tal emprazamento pera se saber como elle constetuynte diso foy contente e com yso fara os taes emprazamentos na forma e maneira que o dereyto requiere, e lhe da mais poder pera poder receber todollos dereytos que a elle comendador e a dita sua Igreja pertencem asy d'entradas como saydas e lutasas e todos outros quaesquer que lhe per dereyto e costume pertencer e os aver e poder demandar e arrecadar. E do que receber dar cartas e quitações e asy receber todas as pagas que daquy por diante lhe sam devidas da dita renda do arrendamento que ainda corre ou endiante ate se acabar lhe deverem aos tempos conteudos na scriptura do dito arrendamento e de todo o que receber dar cartas e quitações, e asy possa receber todas as remunerações // 2 de aforamentos que lhe os foreiros das propriedades da dita Igreja fezerem e por pubricas escripturas os desobrigar dos taes aforamentos e foros delles e isto achando que he em proveyto da Igreja e bem asy posa citar e demandar todallas pessoas que individamente e sem titulo algum trouxerem emliadas propriedades e outras coisas da dita Igreja atee com efeito aver contra elles sentenças e execuçam dellas e asy possa poer e tirar capellão na dita Igreja e por outro que seja mais serviço de Deus e bem dos fregueses e descargo de conciencia delle constituinte, e com o tal capellam ou capellães se concertar sobre premio e sellario que ham de levar e lho pagarem os rendeiros, porque com esa condição ha-de fazer os ditos arrendamentos da dita Igreja e que seja em paz e em salvo pera elle constituinte. E pera todo o sobredito e pera todo o mais que necesario for acerca da dita Igreja e beens e rendas dellas o faz seu procurador geeral e especial e com libera administraçam, e todo fazer asy e da maneira que elle faria se presente fosse, e com poder de citar e demandar libellos, dar lides, contestar, juramento de *calunia et veritate dicenda* fazer e aas partes adversas requerer que ho façam, e outros quaesquer licitos juramentos e apellar e agravar e pedir restituição em nome da Igreja e as apellações e agravos seguir, e das sentenças em favor da dita Igreja dadas pedir a execução e receber o nellas conteudo. E do que receber dar cartas e quitações e se louvar em quaesquer louvados e arbitros e os recusar, com poder de pera todo o sobredito da maneira e forma acima conteuda sobestabellecer hum e muitos procuradores juntamente ou *in solidum* e os revogar cada vez que lhe parecer hũa e muitas e tantas quantas vezes lhe necesario parecer. E prometeo elle constituinte de todo o arrendado quitado, aforado, demandado pello dito seu procurador e pellos ditos seus sobestabellecidos e em todo da

maneira que dito he aver por firme e vallioso sob obrigação de todos seus beens moveis e de raiz, avudos e por aver que pera ello obriguou, e de os rellevar do encargo de satisfaçam que o direito em tal caso outorga. E em testemunho de verdade asy o outorgou e dello mandou ser feito este estormento de procuraçam e os que lhes desta nota cumprirem. Testemunhas que foram presentes: o dito licenciado Mateus Estevez e Manuel Fernandez notairo apostolico estante em casa do dito licenciado Mateus Estevez, e eu Dioguo Luis pubrico taballião das notas por El Rey noso Senhor nesta cidade d'Evora e seus termos que esto escrepvi e aquy meu pubrico sinal fiz que tal he.

☞ Saibam quantos este estormento de sobestabellecimento por virtude da procuraçam atras virem que no anno do Nascimento de Noso Senhor Jesu Christo de mil e quinhentos e corenta e sete annos aos vynte e sete dias do mes d'Abril na cidade do Porto na Rua Nova della nas pousadas de Francisco do Couto fidalgo da Casa do Ifante Dom Luis estando elle de presente por elle foy dito presente mym taballiam e testemunhas abaixo nomeados que era verdade que elle era procurador abastante d'Alvaro do Couto nella conteudo pera por elle em seu nome poder arrendar a sua Igreja de Sam Miguel dantr'Amballas Aves, e que elle por vitude da dita procuraçam e em nome do dito Alvaro do Couto sobestabellecia como defeito sobestabellece por seu abastante procurador no melhor modo que o direito requiere, a saber, a António Vaaz capellão da dita Igreja pera que elle em seu nome e do dito Alvaro do Couto possa arrendar por este presente anno de Sam Joam que ora vem do presente anno a dita Igreja a Baltazar Pinheiro e ysto por preço de corenta e tres mil e oitocentos reais forros pera o dito Alvaro do Couto comendador da dita Igreja e lhe fazer seu arrendamento e tomar as fianças que forem necessarias e asy receber todo o que os rendeiros deverem, e do que receber dar pagas, quitações que necessarias forem; porque pera todo o que tocar a dita Igreja e cousas della lhe dava e trespasava todollos poderes a elle na dita procuraçam dados, prometendo todo o per elle dito Antonio Vaaz feito no que dito he aver por firme d'oje pera sempre sob obrigação dos beens do dito Alvaro do Couto que pera ello obriguou a elle na dita procuraçam obrigados pera o rellevar do encargo que o derecho outorga e asy o outorgou e mandou seer feito este estormento. Testemunhas que presentes estavam: Jacome Fernandez e Bernaldo Fernandez cunhados de mim taballiam, e eu Bastiam Alvarez pubrico taballiam del Rey noso Senhor na dita cidade do Porto, e seus termos que o escrepvi e asyney de meu pubrico synal que tal he; e o dito Francisco do Couto asynou aquy.

☞ E apresentada asy a dita procuraçam como dito he disse o dito Antonio Vaaz procurador que elle pera o dito caso e tombo enlegia por atombadores e medidores das terras e pertenças asy da dita Igreja e asiento della como das mais propriedades que a dita Igreja pertencem, a saber, a Alvaro Annes caseiro do asiento da dita Igreja, e Bastiam Vaaz morador na freguesia de Sam Thomee de Negrellos do julgado de Refoyos de Riba d'Ave termo da cidade do Porto que presentes estavam, pedindo a mym notario que lhes dese pera ello juramento em forma de vida; e eu notario visto o requerimento do dito Antonio Vaaz procurador aceytey o dito cargo descripvam do dito tombo, e dey logo juramento dos Santos Avangelhos aos ditos enleytos em presença do dito procurador em que elles poseram as mãos que bem e verdadeiramente e com saãs conciencias medirem e atombarem todas as terras e pertenças asy da dita Igreja e asiento della como de seus casaes e propriedades e pertenças que a dita Igreja pertencem conforme a constituçam do dito arcebispado que lhes eu notario notefiquey e elles elleitos aceptaram o dito cargo e per o dito juramento asy o prometeram fazer. E logo o dito procurador dise que as cousas que a dita Igreja pertenciam e ao asiento e pasaes della eram as seguintes, primeiramente. Testemunhas presentes a todo foram pera ello especialmente chamados e rogados Gonçalo Periz caseiro da dita Igreja, e Alvaro Luis

outrosy caseiro da dita Igreja e outros. E asynaram aquy o dito procurador e elleitos e eu Jorge Pereira notario apostolico sobredito do dito arcebispado que o screpvi rogado e requerydo //3.

Item — disse o dito procurador que a dita Igreja e abades della eram obrigados pagar em cada hū anno de colheita ao arcebispo de Bragaa setecentos vinte reais. *Item* disse que pertencia a dita Igreja todollos dizimos, foros e dereyturas de pam e vinho, gados e de todollas outras cousas que sempre de antiguamente os freigueses e freiguesas e caseiros da dita Igreja pagaram a dita Igreja e abades della segundo custume, e as cousas que pertencem ao asento e pasaes da dita Igreja sam as seguintes. *Item* tem o asento da dita Igreja hūa casa terrea que parece ser apousento dos abades que foram da dita Igreja, parte della telhada e parte colmada com seu eydo e outras cortes e outras casas em que vivem os caseiros que trazem o asento e terras da dita Igreja, e asy tem hua casa grande d'adega e celleiro das rendas da dita Igreja que nella se recolhem. *Item* esta a dita Igreja asentada em hūa cerqua grande tapada de parede que tem contra o norte hūa devesa grande de lande, a saber, de carvalhos que tem de norte a sul a dita cerca em comprido cento XX varas e tem per a testa do norte em largo setenta varas, parte do norte e nacente com caminho, do poente e sul com terras do dito asento; todas as arvores que tem dentro e fora na testa do nacente per o monte acima sam deste asento. *Item* ho campo da seara tapado sobre sy per parede vallos e pingos com o campo da macieyra e do pomar e de trallo pomar que todo esta dentro na dita cerca. Tem per a testa do norte que entesta no caminho tem cento LXXXV varas e tem per a testa do poente que tambem entesta no caminho, digo, com terras da dita Igreja do casal do outeiro dozentas e dez varas, e tem per a testa do sul que entesta no caminho e monte tem cento LXXX varas do nacente entesta na dita Igreja e devesa sobredito e com caminho e monte; e entra tambem nesta cerca o campo do souto. *Item* o campo da bouça maa que esta per comoros e parede tapado, tem per o sul que parte com o mosteiro de Landym cento LIII varas e tem per o nacente que tambem parte com Landym LXXIII varas e tem per a testa do norte cento LXL varas; parte do norte com terras da Igreja. Todas as arvores e uveyras que estam dentro sam da Igreja, e asy as que estam dentro na seara acyma. *Item* a Cortinha dos codesos tem per o sul XXIII varas e tem per o nacente XXXIII^o varas e mea e per o poente XXXII varas, parte do poente com herdade da quintãa e do sul e poente com herdade d'erdeiros. *Item* tem este asento em todo o anno pera regar e limar da agua da presa de quintãa des o sabado a noyte ate o domingo seguinte a noyte. Estas terras e pertenças sobreditas trazem Alvaro Annes e Gonçalo Periz caseiros, per asynado do abbade. *Item* pertence mais a dita Igreja hūa leira na agra de bouça maa que ora traz Pero Annes de quintãa que disse que della nom tinha titolo algũ nem do campo que jaz junto do casal de quintãa onde elle vive que he junto da dita Igreja, a qual leira tem per o nacente que parte com Landim XIII varas em largo e em comprido LXXXV varas e em largo per o poente tem treze varas, parte do norte com quintã d'erdeiros, do sul com Landym. E o dito campo tem per o poente em largo XXII varas e esta em chave e tem o pee contra o nacente, e tem per a testa do sul em comprido LVII varas e tem per o pee da chave em largo sete varas; do norte e sul parte com herdades de quintãa. *Item* mais outra leira de bouça maa que tem em largo tres varas e meia e em comprido cento XLIII^o varas; parte de nacente e poente com herdade de quintãa, do sul entesta no monte do norte no caminho. Esta leira disse Joane Annes de quintãa freigues da dita Igreja que era do asento da dita Igreja e avia muitos annos que andava sonogada ao dito asento, e a trazia sonogada o dito Pero Annes e nom pagava della renda algũa a Igreja e abade della, e o sabia de certa sabedoria, e ysto decrarava sayndo a excomunhão. E o dito Pero Annes disse que a renda que pagava era destas tres leiras acima, e que todo trazia da mão do abbade, o que todo os tres homens boons mediram e atombaram em presença

do dito procurador e asynaram aquy todos. Testemunhas: os sobreditos Jorge Pereira notario apostolico que escrepvi e foram citados os possuidores dos casaes que partem e confrontam com as pertenças sobreditas pera o fazer deste tombo. Jorge Pereira notario escrepvi.

☞ TOMBO — do Casal da Costa que traz per prazo Bastiam Vaaz em que ha hũa vida e jaz na freiguesia da dita Igreja, e foram citados os posuidores dos casaes que partem e confrontam com as terras e pertenças deste casal pera o fazer deste tombo. E as pertenças deste casal que foram vistas e medidas e atombadas per os ditos homeens boons em presença do dito procurador sam as seguintes: *Item* tem este casal hũa casa, cozinha e hũ quinteiro todo junto e contra o sul tem outra casa que serve de celleiro, e estam antre as casas e de tras contra o norte hũa lata que parte de todas partes com este casal e do nacente com caminho. *Item* o Çarrado da eyra tem per o sul que parte com caminho XLVIII^o varas em comprido e em largo XX varas, parte do nacente com caminho, do poente com herdade, do norte com este casal. *Item* a cortinha sob a costa tem em comprido LXXXVII varas parte do norte com Arouca, do sul com terras da Igreja, do poente com este casal. Todas as arvores que estam dentro sam deste casal // 4. *Item* o campo de testamentos tem per o nacente que parte com este casal XXX varas e tem per o sul que parte com a Igreja LV varas, do norte parte com herdades da Carreira. Tem nove carvalhos delles com vide e outras arvores. *Item* a leira da Varzea tem per o sul que parte com Arouca XXII varas e do poente que parte com Santiago de Lordello tem corenta varas e tem per a testa do norte que parte com Arouca nove varas e duas terças; do nacente parte com herdade da carreira. Tem dentro seis arvores e no campo das quintãas d'Arouca tem este casal tres carvalhos com vides. *Item* o campo de cima da fonte tem per o sul que parte com este casal e com Arouca LXV varas, parte do nacente com caminho, do norte e poente com resio, tem per o nacente LI varas e per o norte tem XLVI varas. Todas as arvores do poente que estam na testa do norte e nacente no monte sam deste casal. Tem este casal no monte de Santo Adriaão que parte contra o norte com Santiago XXV carvalhos no resio e pode poer mais se quiser. *Item* a bouça da portella que parte do poente com monte e caminho e tem per esta testada cento XIII varas e tem por o norte que parte com herdade de quintãa cento LXVIII^o varas e meia e tem per o poente que parte com Sobrado LXVIII^o varas, parte do sul com Santiago, tem quatro carvalhos dentro e no poente fora quatro carvalhos novos. *Item* na agra da Portella, hũa leira que tem per o nacente em largo XVII varas, parte daquy com Landym, do norte com herdade da Confraria, do sul com casal da quintãa; tem em comprido cento XXXVII varas. *Item* o campo da bouça que parte do norte e nacente com terra da Igreja, do poente com casal da quintãa; tem per o norte LIII^o varas e per o nacente LVIII^o varas e meia e tem per o sul que parte com a quintãa LVIII^o varas e meia. *Item* abaixo a leira da bouça maa tem em comprido LXX varas e em largo per o nacente quatro varas e per o poente em largo tres varas, parte do norte com Landim, do sul com casal da quintãa. *Item* o campo das uveyras tem per a cabeça da chave do norte que parte com a Igreja XXX varas e tem per o poente que parte com este casal e com a quintãa e com Landym corenta varas, e tem per a testa do sul que parte com quintãa e com Landim cem varas e tem per o nacente per o pee da chave que parte com a Igreja onze varas e tem per a ponta da chave do marco da chave pera o nacente XX varas e do marco da chave pera outro marco que esta contra o norte que parte com Landim tem XVII varas e mea, e tem per a outra chave do poente que jaz no meo XIX varas e do marco da chave pera outro marco contra o poente tem XX varas; parte daquy com Landim e tem vinte pees de arvores dellas com vides. *Item* outra leira de bouça maa tem per o nacente que entesta neste casal oito varas e em largo per o nacente per a chave tem XVIII^o varas

e tem em comprido per o norte LXXII varas e tem per o poente onze varas e mea; parte das outras partes com quintãa. *Item* a leira do Radundo tem per o norte em largo nove varas, entesta daquy no caminho tem em comprido de norte a sul XVII varas e em largo per o sul que entesta no monte dez varas e mea. Tem aquy dous carvalhos, parte do nacente com a quintãa, do poente com Arouca. *Item* o campo da estrada parte do poente confraria, do sul com monte, tem per o poente XXXVII varas e mea, parte do norte com confraria, tem per o sul dozentas e tres varas, parte tambem do nacente com estrada e per a testa do nacente em largo tem XV varas e pasa a estrada per a testa do nacente. *Item* o campo de Longaras tem em largo per o norte XXXII varas, tem de norte a sul em comprido cento LXX varas e em largo per o sul tem XXIX varas e mea, aquy jaz hũa leira da confraria que tem em largo per o sul seis varas em largo per o meo quatro varas e tem em largo per o norte duas varas e mea e em comprido tem LXLII varas e mea, parte o dito campo do nacente com herdade d'Enxudres, do poente com quintãa, do norte com estrada. *Item* a leira de Longaras tem per o norte que parte com estrada dez varas, tem em comprido cento LXX varas, parte do nacente com quintãa, do poente com Lordello, do sul com monte. *Item* tem este casal a ponte nova hũa pesqueira no rio d'Ave e tem junto della dous carvalhos. *Item* a devesa de Caldellas que he de bravio he toda deste casal, tem muitos carvalhos de cortadoria e na ponta da devesa do caneiro de Segade tem este casal hũa pesqueira no rio e jaz a devesa ao longo do rio e parte do nacente com herdade de Freixieiro. *Item* no resio de Freixieiro tem este casal dentro e a redor XXIII pees de uveyras mas e boas e o resio onde estam he deste casal demarcado, e tem em largo per o poente dez varas e mea e em comprido tem XXX varas e mea e em largo per o nacente tem XIII varas e mea, parte do norte com Roriz e tambem do sul e do poente, do nacente com herdade de Freixieiro. *Item* o campo da eyra da Carreira tem per a testa do poente LIII varas e em comprido tem LXLII varas, parte de todas partes com herdade da Carreira. Todas as arvores que estam dentro sam deste casal e asy a redor tirando hũa uveyra que esta na ponta do nacente. *Item* no souto de Villa Fria tem este casal quatro carvalhos novos todos hũ ante outro. *Item* a vinha de Longal tem per a cabeça do norte XX varas e tem daquy testada pera o monte e tem per o nacente que parte com terra da Igreja LXXI varas e mea e tem em comprido per o sul cento XXXI varas e mea e parte daquy com herdade de Romão e tem per o poente em largo XV varas e mea. *Item* tem este casal pera regar e limar em todo o anno hũ dia com sua noyte cada somana, a saber, des a segunda feira ao sol posto atee a terça feira seguinte ao sol posto e nom tem mais pertenças; e tem montados e saydas e chantadorias como os outros // 5 casaes seus vezinhos e serventias. E por verdade asynaram aquy os ditos homeens boons e procurador oje dia mes e anno sobreditos. Testemunhas os sobreditos Jorge Pereira notario apostolico que o escrepvi.

☞ TOMBO — do casal do Outeiro que trazem Alvaro Luis e sua mulher Maria Annes per titollo de prazo em tres vidas e jaz na freiguesia da dita Igreja de Sam Miguel, e foram citados e requeridos os posuidores dos casaes que partem e confrontam com as terras e pertenças deste casal que foram vistas medidas e atombadas per os ditos Bastiam Vaaz e Alvaro Annes homeens boons em presença do dito Antonio Vaaz procurador do dito comendador na forma seguinte: *Item* tem este casal hũa casa cozinha e hũ eydo e outras casas e cortes todo colmado e outras casas que sam deste casal e estam juntas dentro na terra deste casal. Esta este asiento de casas em hũ çarrado grande, que tem per a testa do sul LX varas e tem per aquy este casal sua sayda e tem em comprido de norte a sul cento XXXII varas, parte do norte com caminho e com herdade da Carreira, do nacente com terra da Igreja, do poente com herdade da

Carreira. Todas as arvores que tem dentro sam deste casal, e em largo per o sul tem XLII varas. *Item* o campo do Pinheiro parte do poente com herdade da Carreira, do norte com a Igreja, do sul com caminho, do nascente com Arouca; tem per o norte LVI varas e per o nascente LVII varas. Todas as arvores que estam dentro e a redor e uveyras e hũ pinheiro grande sam deste casal, e tem hũ pardieiro dentro junto do pinheiro abaixo do rego. *Item* o campo de sol a costa tem per o norte XXX varas, parte do poente com Arouca, das outras partes com terras da Igreja. Todas as arvores e uveyras e fruyteiras que estam dentro sam deste casal; tem per o nascente XXXIX varas, esta per comoros e parede tapado e tem per o poente em comprido LV varas. *Item* o campo das boucinhas tem per o nascente que parte com este casal XXXII varas, do norte e sul parte com herdade da Carreira, tem em comprido XXXIX varas e tem per o poente XXVII varas, parte daquy com casal da Carreira. *Item* a eyra da Carreira tem per o nascente XVIII⁹ varas e duas terças em largo e em comprido per o norte tem XXX varas e per o poente em largo tem dez varas, parte do sul com a Igreja e das outras partes com herdade da Carreira; tem tres uveyras na testa do nascente, duas na tapagem e hũa fora. *Item* outra leyra da boucinha tem em largo per o nascente tres varas e em comprido LXVII, parte do nascente com este casal, das outras partes com herdade da Carreira. *Item* a vinha do Outeiro tem per o norte em largo XLII varas e em comprido L varas, parte do poente com este casal, do nascente com a Igreja, do norte e sul com este casal; levava quatro homeens de cava hũ dia. *Item* o campo d'Ataufe que do nascente entesta na dita vinha, tem em comprido LXXVI varas de norte a sul e per o bico do nascente tem em largo sete varas, parte do poente com Landim e Cerzedello e do sul com herdade de quintãa, tem per o sul asy como vem correndo pera o poente em volta LXLII varas e tem per a cabeça do norte e poente LXX varas e parte daquy com Arouca; muita parte della he mato. *Item* loguo junto o campo de Pedrosas tem per o nascente que parte com o campo acima e com Arouca XXVII varas, do norte parte com a herdade da Carreira e Quintãa tem em comprido LXL varas e em largo per o poente tem dez varas. *Item* contra o sul outro campo de Taufe tem em largo per o norte XXX varas e tem em comprido per o nascente ao longo do caminho ate a volta da chave cento XXIII varas e mea e tem na volta da chave asy como parte com Landim e Cerzedello corenta varas e tem do canto da chave ao longo do comoro contra o sul per a testada do nascente cem varas e tem em largo per o sul XXXIII⁹ varas e mea, parte do sul com Landym e Cerzedello, do poente com herdades da Carreira, do norte com este casal. *Item* mais contra o sul outra leira de Taufe tem per o nascente que parte com Landym e Cerzedello XXVI varas e mea e parte do sul com este casal, do norte com Arouca e herdade da Carreira, tem em comprido cento XX varas, tem em largo per o poente que entesta no monte dez varas. *Item* mais logo junto contra o sul outro campo de Taufe que parte do norte com esta leira acima, tem per o poente em largo XXX varas e em comprido cento XLII varas e em largo per o nascente XLII varas. Todos os carvalhos da redor sam deste casal, parte do nascente com herdade de Quintãa e de sul com este casal, do poente com monte. *Item* logo junto contra o sul o campo do Longal que parte do norte com este campo acima e do nascente com herdade de Quintãa, do sul parte com Landim e com Sam Miguel e com herdades d'erdeiros, e do poente com herdades de Romão e com este casal; tem per o norte cento XXX varas e tem per o poente cento LXLIII⁹ varas, e tem per o sul em largo cento XL varas. *Item* logo junto deste contra o poente o bacello de Longal que parte do nascente com este campo acima, tem em comprido XLII varas, tem per o sul em largo XXXI varas e per o norte em largo XLVI varas, parte do poente com a Igreja, do sul com este casal, do norte com monte; levava quatro homeens de cava hũ dia. Todas as arvores que tem dentro e a redor na tapagem sam deste casal. *Item* a leira das bouças tem em largo per o nascente dez varas e em comprido tem cento VI varas, parte //6 do sul com herdade da Carreira, do norte com Landim,

do poente com este casal, do nacente entesta no caminho. *Item* tem este casal pera regar e limar os campos da cortinha, des a quinta feira a noyte atee a sesta seguinte a noyte cada somana em todo o anno da agua da presa da Quintãa, e nom tem mais pertenças, e tem montados e saydas e serventias com seus vezinhos. O que todo foy visto e atombado per os ditos homeens boons em presença do dito procurador e asynaram aquy oje vinte e cinco de d'Outubro do anno de mil e quinhentos corenta e sete annos. Testemunhas: os sobreditos, Jorge Pereira notario que o escrepvi.

☞ TOMBO — da quebrada de Paradella que jaz na dita freiguesia de Sam Miguel que he propriedade da dita Igreja e a trazem per prazo Bastiam Luis que he segunda vida, e foram citados e requeridos os pesuydores dos casaes que partem e confrontam com as terras e pertenças desta quebrada pera o fazer deste tombo e foy todo visto e atombado per os ditos homeens boons em presença do dito Antonio Vaaz procurador na forma seguinte. *Item* tem esta quebrada que he propriedade da dita Igreja hũa casa que ja foy cozinha e ora serve de palheiro, tem esta casa hũ chãao em que estaa contra o nacente e norte, que tem em comprido XXXI varas e parte do norte com caminho, do sul com herdade e do poente tambem; tem per o nacente onze varas em largo, tem dentro hũa figueira e duas macieyras. *Item* a vinha do Longal tem per a cabeça do norte que entesta no monte dez varas e tem em comprido cento XL varas, parte do nacente com a Igreja e tambem do norte, do poente entesta na agra de Romão do salgueiro. *Item* na agra de Romão hũa leira que tem per o nacente em largo nove varas e em comprido cento LII varas e tem per o poente per a cabeça da chave XIII varas e terça e tem per a ponta da chave do norte do nacente pera a o poente XXXIII varas, parte do norte e sul com Landim, do poente com caminho e do norte tambem parte com herdade. *Item* na aldea de Romão tem esta quebrada hũa casa que tem em comprido per a testa de fora do norte cinco varas e terça e em largo quatro varas e mea, parte do sul com casa d'erdade, e do nacente com resio e tem sua sayda pera o norte com seu resio conforme a casa. *Item* na agra de Romão tem este casal hũa leira que tem em largo tres varas e mea e em comprido LXL varas, parte do sul com herdade de Romão, do norte com herdade da Paradella, do nacente com o sargaçal. *Item* na dita agra mais abaixo contra o sul outra leira que tem largo XIII⁹ varas e duas terças e em comprido dozentas e vinte varas e em largo per o poente seis varas e terça, parte do norte com Santo Thyrso e tambem do sul. *Item* no souto de Paradella hũa leira de resio que tem em largo quatro varas e em comprido LXX varas, parte do norte e sul com herdades d'erdeiros. Tem quatro uveyras de carvalho grandes e outras arvores novas. *Item* a leira da eyra tem em comprido XVIII⁹ varas e mea, e per o nacente em largo tem duas varas e per o poente outras duas, parte de todas partes com herdades de Paradella e a ponta do nacente entra no meo da eyra e corre a compridão do nacente ao poente. *Item* no resio da dita eyra outra leira contra o norte tem em largo cinco varas e em comprido LXXX varas e em largo per o poente cinco varas; estaa per marcos demarcada, tem a compridão do nacente ao poente e do poente entesta na fonte. Tem quatro carvalhos com vide e hũa cerdeira. Parte de todas partes com herdades d'erdeiros. *Item* no talho d'adega velha hũa leira tem em largo hũa vara e mea e em comprido XXXII varas, parte de todas partes com herdades de Paradella, tem no nacente duas uveyras ambas juntas. *Item* o campo d'adega velha tem per p poente XXXI varas e em largo per o sul XXXII varas e outras tantas per o norte. Parte de todas partes com as ditas herdades de Paradella. *Item* o pardieyro d'adega velha tem as paredes alevantadas, estam em hũ talho quasy todo mato, que tem em largo per o norte XIII varas e em comprido XXIII⁹ varas e mea, e tem per o sul em largo XVII varas; tem dentro neste chão certos carvalhos novos e velhos de bravio. Parte de todas partes com as ditas

herdades de Paradella. *Item* no resio de sob a adega do casal de Santo Thyrso, tem esta quebrada hũ talho que tem tres uveiras velhas e dous carvalhos novos todos juntos sem outra mistura e esta antre as presas. *Item* no correjo hũa leira que tem em largo XIII varas e em comprido LXIII varas, parte do norte com Santo Thyrso, do poente com herdade de Paradella. *Item* outra leira do correjo contra o nascente tem em largo tres varas e em comprido LII, tem hũa uveyra no sul, e hũ carvalho novo na testa do norte. Parte do nascente com Santo Thyrso e do poente com herdade de Paradella. *Item* outra leira do correjo tem em largo cinco varas, tem no norte hũa uveyra, tem em comprido LXLVI varas, parte do poente com Santo Thyrso, do nascente entesta na riba. *Item* outro talho do correjo tem no poente duas uveyras tem per o nascente XVI varas e tem em largo per o norte dez varas, parte do nascente e norte com herdade. *Item* a leira da curva tem per o nascente em largo XI varas e tem em comprido corenta varas, do poente entesta no rio. Parte do norte e sul com a dita herdade. *Item* em Valgas hũa leira tem em largo oito varas, tem no sul tres uveyras e hũ carvalho; tem em comprido LXIII^o varas, parte do nascente e poente com Santo Thyrso. *Item* em Valgas contra o nascente outra leira que tem per o sul dez varas e em comprido do norte a sul XXXV varas, do norte e sul entesta no monte. *Item* a leira da correja tem em largo tres varas e mea e em comprido cento e cinco varas, parte do poente com Cerzedello e parte do nascente com Landim, do norte e sul com monte. *Item* a leira alvarinha tem em largo XV varas e em comprido tem LV varas, //7 parte do norte com Santo Thyrso, do sul com monte. *Item* mais na agra de Paradella hũa leira tem em largo tres varas, parte do norte e sul com herdades; tem em comprido cento LXVIII^o varas. *Item* na dita agra outra leira que tem tres varas e mea em largo, parte do norte e sul com herdade de Paradella; tem em comprido cento e nove varas, vay per esta leira o caminho e nom se lavra e tem ao longo do caminho sete carvallhos novos com vides, e disse o caseiro que o caminho nom sohia de hyr per a dita leira, e que hya mais per o meo da agra e por rezam do caminho nom se lavra. *Item* a leira da senrra tem em larguo quatro varas e terça, parte do norte e sul com Santo Thyrso e Landim que andam misticos e tem em comprido cento XV varas e parte do nascente com caminho, do poente com a agra de merdeiro. *Item* na agra de merdeiro hũa leira que tem em largo duas varas e em comprido cento LX varas, parte do norte com Cerzedello, do sul com Landim. *Item* hũa leira de sob mal bebas tem em largo tres varas e terça, parte do norte com herdade de Carreira, do sul com Landim e Santo Thyrso; do nascente entesta no caminho e tem em comprido cento LXVIII^o varas. *Item* em Santal tem hũa leira de mato que se nom lavra nem semea que nom he pera dar pam; lavrando-se levara de semente hũ alqueire; parte de todas partes com monte. *Item* mais na agra de Paradella outra leira que tem em largo quatro varas e em comprido de norte a sul LXLIII varas, parte do nascente e poente com herdades de Paradella. *Item* na dita agra outra leira per marcos, tem em largo quatro varas e mea, parte do sul com a dita herdade e tambem do norte, do nascente e poente com monte e tem em comprido LXLII varas. *Item* tem esta quebrada sorte d'agua pera regar de todas as presas com as outras herdades de Paradella, e nom estam ainda repartidas as sortes, e todo se rega com ellas, e nom tem mais pertenças, e tem montados e saydas e serventias como os outros vezinhos. O que todo foy visto e atombado como dito he per os ditos homeens boons em presença do dito procurador e asynaram aquy oje XXVI dias do mes d'Outubro do anno de mil e quinhentos e corenta e sete annos. Testemunhas os sobreditos e outros, e eu Jorge Pereira notario escrepvi.

primeira e segunda vidas e hũ filho ou filha terceira vida, e foram citados pera o fazer deste tombo todos os possuidores dos casaes que partem e confrontam com as pertenças deste casal que foram vistas e atombadas per os ditos Alvare Annes e Bastiam Vaaz homeens boons atras conteudos em presença do dito Antonio Vaaz procurador, e as pertenças deste casal sam as seguintes, primeiramente. *Item* tem este casal hũa casa cozinha e hũ eydo junto della com hũ palheiro e hũa adega todo em hũa armaçam colmado e tem hũa casa de celleiro e antre ella e outras coisas estaa a eyra e hũ çarrado que todo tem em comprido do nacente pera o poente com a eyra LXVII varas e em largo XXIII^o varas, parte de norte com Roriz, do sul com Cerzedello, do poente pasa atee a levado do moynho que he deste casal. *Item* detras a cozinha e eydo tem hũa lata tapada de parede que tem em comprido LX varas e em largo dez varas, parte do norte com a dita cozinha e eydo, do sul com Cerzedello, do poente com resio e tambem do nacente. *Item* a leira dos castanheiros tem em largo oito varas, e em comprido XLIII varas, tem tres castanheiros e hũ carvalho, parte do norte com Cerzedello, do sul com Roriz. *Item* ho campo das carreiras tem em largo per o sul XXIII varas e tem per o nacente L varas e per o norte XXVII varas e mea, parte daquy com Santo Thyrsó, do nacente com Roriz, do poente com Santo Thyrsó. *Item* o campo dos penedos tem por o poente em largo XXXI varas e tem per o norte em comprido LXXXIII^o varas, tem hũ carvalho, do norte parte com Roriz e Santo Thyrsó, do poente com Roriz, do nacente entesta nos penedos. *Item* a leira das giestinhas tem per o nacente em comprido XXXIII varas e mea e em largo per o norte XXIII^o varas e terça per o pee da chave e tem per o sul XLV varas, parte do poente com Roriz e tambem do norte, do nacente com Santo Thyrsó. *Item* a leira da santa tem em largo per o sul que entesta na estrada XV varas, tem junto da santa dous carvalhos, parte do nacente com Roriz, do poente com Cerzedello; tem em comprido do norte a sul dozentas e noventa e oito varas, entesta do norte com Landim e tem per a testa do norte onze varas. *Item* a leira de Ringe parte do norte com Roriz e tambem do sul, tem em comprido LXLI varas e em largo per o nacente XXII varas e mea; tem no poente duas uveyras, entesta do poente no ribeiro. *Item* a leira da pedra da lama tem per o nacente XXII varas e em comprido LXIII varas, parte do norte com Roriz, do sul com Roriz, Cerzedello e Santo Thyrsó, do poente entesta no ribeiro, do nacente com Arouca; tem quatro carvalhos e hũ salgueiro, no poente, e dous delles tem vide, digo, dos carvalhos. *Item* a leira da lama que entesta do norte com a leira cima deste casal e tem per esta testada oito varas e mea per a ponta da chave, e em largo per o nacente tem XXXI varas e tem per o sul que parte com Santo Thyrsó e Roriz LXXXVII varas e em largo per o pee da chave que entesta no ribeiro XVII varas. *Item* a leira do Verdeall tem per o poente em comprido XL varas e per o sul em largo XXVI varas, do sul parte com este casal e com Roriz, do nacente com Cerzedello, do norte com este casal. *Item* outra leira do //8 Verdeal tem per o norte que entesta com esta leira acima proxima onze varas e parte do nacente com Roriz, do poente entesta no souto e tem per o nacente ate entestar no sul no caminho em comprido cento XXXV varas e tem em largo no pee da chave XII varas e terça, digo per a chave do sul, e tem em largo per o pee da chave quatro varas e tem per aabela da chave do poente que parte com roriz XL varas. *Item* o talho do Verdeal tem em largo per o norte que parte com Roriz XX varas e tem per o nacente XXV varas e terça, parte do nacente com Roriz e tambem do sul, do poente com a leira proxima a esta. *Item* outra leira do Verdeal abaixo tem em largo quatro varas per a testa do sul, e em comprido de norte a sul com sua testada de fora que tem alem do caminho com o sul cento XI varas e mea; tem no norte quatro carvalhos novos hũ ante outro, do nacente e poente parte com Roriz. *Item* no souto do Verdeal hũ talho de resio que tem XX varas do nacente ao poente e em largo per o nacente onze varas e mea, parte daquy e do norte com Santo Thyrsó, do poente entesta no Ribeiro,

do sul parte com Roriz, tem seis carvalhos com vide dentro. *Item* no talho da presa tem sete uveyras na testa do nacente no campo de Roriz. *Item* o talho da paranheira de Ringe tem per o norte que parte com quebrada de Lobazim LX varas e do poente que parte com Landim tem XXII varas, do sul parte com Arouca; tem fora no nacente dous carvalhos e hũ castanheiro. *Item* outra leira da paranheira que atravessa a estrada tem per o poente em largo dez varas e em comprido LXXXVIII^o varas, parte do norte com Santo Thyrsó, do sul com Arouca, tem fora no nacente hũa testada atee ao rio que tem cinco pees de arvores. *Item* a leira da levada tem per o nacente XIII varas e do nacente ao poente em comprido tem XXXII varas; tem fora no nacente cinco arvores, do norte parte com Roriz, do sul com Cerzedello, do nacente com a levada, do poente com Landim e com este casal. *Item* outra leira da levada tem em comprido do nacente ao poente LXLI varas e em largo per o poente tem XV varas, do poente parte com o mosteiro de Landim e do norte com Santo Thyrsó, e do sul com Cerzedello. *Item* o bacello de bouça maa tem em largo per o poente XVII varas e mea e em comprido tem LXIX varas e em largo per o nacente XVII varas e mea, parte do norte com Roriz e do sul com Arouca. *Item* a leira de bouça maa tem em comprido XXXVII varas e em largo XX varas, parte do norte com Arouca e tambem do sul e do nacente com Roriz e do poente com Arouca e com este casal. *Item* o talho de sob a vinha tem em comprido XLI varas e mea e em largo XIX varas, parte do nacente com Santo Thyrsó e do poente com o mosteiro de Villa do Conde e do norte tambem parte com Santo Thyrsó. *Item* o talho das Carreiras tem em largo per o norte que entesta no caminho XIII varas e em comprido XX varas e mea, do poente parte com o mosteiro d'Arouca e do nacente com Santa Maria de Gardizella. *Item* a leira da vinha tem per o nacente XVII varas e terça e em comprido tem cento XXI varas, do norte e poente parte com o mosteiro de Roriz e tem per o poente em largo XXX varas, do sul parte com herdade do paço e do poente com Landim; tem no poente quatro carvalhos. *Item* a leira dos pedaços tem per o norte XXXI varas e em largo XVII varas, do nacente parte com Roriz, do sul com caminho, do norte com herdade do paço, do poente com Landim; tem no sul cinco carvalhos. *Item* o campo da bouça maa tem per o nacente que esta per pingo XXX varas e mea e tem nesta testada oito uveyras e na testa do sul cinco uveyras; tem per o norte LI varas, parte do nacente com Landim e tambem do poente e sul, e do poente tambem com Sam Miguel. *Item* a leira da cancella de Longaras tem per o poente XXII varas e mea e parte do nacente com Santo Thyrsó, tem do norte asul em comprido cento XI varas, do norte entesta no caminho e per o sul tem XI varas em largo, do poente esta per riba. *Item* a leira de seijuso tem em largo per o sul cinco varas e em comprido tem LXXIII varas, do nacente parte com Roriz, do poente com Santo Thyrsó, e per o norte que entesta no caminho tem em largo sete varas e mea, do sul parte com Santo Thyrsó. *Item* outra leira de seijuso contra o nacente tem em largo per o sul seis varas e em comprido tem LXLI varas, parte do poente com Arouca, do nacente com o paço, do sul com Roriz, do norte no caminho. *Item* o campo do espinheiro tem em comprido do norte a sul LXXXIII^o varas, parte do poente com Roriz, tem per o sul XLI varas, parte do nacente com herdade de Romão e tem per o norte que parte com Roriz XXV varas. *Item* a leira meha das Carreiras entesta do norte no caminho e tem em comprido LXXV varas e em largo per o norte tem XIII varas e mea, parte do nacente com Roriz, do poente com Arouca; tem no norte dous carvalhos. *Item* a leira de sobre as latadas tem em largo per o nacente que entesta nas latadas XIII^o varas, parte do sul com Arouca e do norte com Roriz; tem em comprido do nacente ao poente LXLII varas e mea e em largo per o poente tem quatro varas e mea. *Item* a leira dos carvalhos sobre as latadas tem em largo per o nacente XL varas e em comprido LXXXVI varas, parte do norte com Cerzedello, do nacente com Santo Thyrsó e do sul com Roriz. *Item* outra leira sobre as latadas tem em largo per o nacente cinco varas e

mea e em comprido tem LXXXIII^o varas, parte do sul com Arouca, parte do norte com Roriz, do nascente entesta nas latadas. *Item* o bacello do souto tem em comprido LIII^o varas e em largo per o norte tem XIII varas e mea e per o sul em largo tem XIX varas e duas terças, parte do nascente, norte e poente com Roriz, do sul com Santo Thyrso. *Item* o talho dos conchousos tem em comprido XI varas e em //9 largo seis varas e duas terças, do norte parte com Roriz, do sul com Cerzedello, do norte entesta no ribeiro, do poente com herdade. *Item* o talho de trallo ribeiro tem XIII^o varas e mea em largo per a testa do norte e parte daquy com Cerzedello e tem em comprido per o poente XXXII varas e per o sul e pee da chave que parte com Arouca tem dez varas e em largo per a chave tem XVI varas; tem na cabeça da chave do nascente tres uveyras, e tem daquy sua testada atee o ribeiro. *Item* o talho das pedras trallo ribeiro tem per o nascente XVIII^o varas e mea e em comprido setenta varas, do norte esta tapado per ribas e tambem do sul, e em largo per o poente tem cinco varas, parte do sul com Roriz. *Item* o campo da castanheira tem per o nascente que esta per riba XXVII varas e mea e tem per o norte que parte com Roriz LIII varas e do sul tambem parte com Roriz, do poente entesta no caminho; tem a redor XV carvalhos. *Item* a leira da castanheira das rachadas tem per o nascente XXXIII^o varas e mea e per o sul tem XL varas, do norte parte com Roriz, do sul com Santo Thyrso, do poente com o mosteiro d'Arouca. *Item* a bouça das rachadas tem per o poente XLIII^o varas e tem per a testa do sul LXXX varas, do norte e sul parte com Roriz, do nascente tem ponta. *Item* a leira do moynho tem em largo dez varas e em comprido LXXX varas, do poente parte com Santo Thyrso, do nascente com Arouca, do norte entesta no ribeiro. *Item* a leira da pedra do moynho tem em largo per o nascente sete varas e mea e em comprido LXXXVII varas e mea; parte do sul com Arouca, do norte com Cerzedello, do nascente entesta no ribeiro e tem per o poente XIII varas, entesta daquy no caminho. *Item* contra o poente outra leira da pedra do moynho alem do caminho tem per a testa do caminho XXVI varas e em comprido per a testa do norte tem L varas e per o pee da chave do poente que parte com Arouca XX varas, do sul e norte parte com Santo Thyrso. *Item* a bouça de requas tem em largo per o norte XLI varas e tem de norte a sul corenta varas, parte de todas partes com Roriz, e do norte com Arouca. *Item* outra leira de requas tem per o poente em largo onze varas e em comprido LXXXVI varas e em largo per o nascente tem XX varas, parte de norte e sul com Santo Thyrso. *Item* o talho do campo da ribeira tem per o nascente que parte com Arouca XXIII^o varas da riba atee o marco da chave que estaa ao poente contra o sul que estaa no meo do campo, e em largo per o pee da chave do nascente que parte com Cerzedello e tambem per a testa do sul que parte com Cerzedello do marco do pee da chave contra o poente tem LI varas. *Item* logo o talho da ribeira tem per o poente XIII^o varas, parte do norte e sul com Roriz e do nascente entesta no ribeiro, e tem no nascente quatro uveyras, tem em comprido corenta varas. *Item* abaixo deste caminho da ribeira tem em largo XVII varas e em comprido LIII varas, parte do norte com Santo Thyrso e Roriz e do sul com Roriz, e per a ponta do poente em largo tem cinco varas. *Item* a leira de sob campo da ribeira tem em largo per o nascente cinco varas e em comprido LXXX varas, parte do norte com Santo Thyrso, do sul com Roriz; tem no poente hũa uveyra e per o meo em largo tem quatro varas. *Item* a leira das pias tem em largo per o poente dez varas, do sul entesta na Vizella, do norte com este casal, tem em comprido LXXVI varas e mea, e tem em largo per o nascente per os marcos que partem com este casal e com Roriz tem XX varas e tem per a testa do sul ao longo do rio LXLV varas, parte tambem do norte com o mosteiro de Villa do Conde; todas as arvores e huveyras que estam na testa do resio sam deste casal. *Item* outra leira das pias que parte do norte com Santo Thyrso, do sul com Roriz, tem per o poente em largo que entesta nesta leira acima deste casal cinco varas e em comprido LXXV varas e mea, do nascente entesta no ribeiro. *Item* o

lameiro da senrra tem per o sul que entesta na Vizella XXIII varas e tem per o nascente XXI varas, parte do poente com Roriz e Santo Thyrsó, do norte com herdade d'erdeiros e também do nascente; as arvores do resio sam deste casal. *Item* o talho do pomar de Godim tem per o sul que parte com herdade do paço XXXIII^o varas e tem per o poente que entesta no ribeiro XX varas; todas as arvores que estão na testa do rio sam deste casal. *Item* contra o norte acima tem o lameiro do pomar de Godim que tem per o sul em largo que parte com herdade do paço dez varas e mea, parte do nascente com Cerzedello e em comprido tem LXLII varas e em largo per o norte tem oito varas e mea, parte do poente com o mosteiro de Villa do Conde; tem no sul dous carvalhos, e fora no monte dous novos, e este resio de fora entra nesta compridão per todo seer seu demarcado e em çarral da insoa tem dous carvalhos, e tem em pomar Godim sobre o ribeiro hũa uveyra de carvalho. *Item* em requeyxo tem hũa leira que tem per o poente em largo duas varas e em comprido per o sul tem LXV varas e em largo per a testa do nascente tem nove varas e duas terças, parte do sul com Roriz, do norte com caminho e Santo Thyrsó e tem cinco carvalhos com vide dentro. *Item* a leira de pinzello tem em comprido XLIII varas e em largo oito varas; tem agua de regar e limar, parte do sul Cerzedello, do norte com Roriz e do nascente com caminho. *Item* a leira da gramosa, tem per o norte em largo seis varas e mea e em comprido L varas e em largo per o sul que entesta no rio de Vizella onze varas, tem na testa do rio tres carvalhos, parte do nascente e norte com Roriz, do poente com Cerzedello. *Item* o lameiro das enfestas tem em largo per o sul XXI varas; todas as uveyras que estão contra o sul e poente na tapagem sam deste casal e tem de norte a sul em comprido cincoenta varas e tem per o norte em largo XXVII varas, parte do nascente com Santo Thyrsó, do poente com Roriz, do sul entesta no caminho, do norte parte com Cerzedello; tem agua de regar e limar. *Item* loguo contra o norte outra leira das enfestas tem per o sul que parte com o lameiro proximo a esta leira XIII^o varas e mea, parte do poente com Cerzedello, de nascente com Santo Thyrsó, tem per o nascente XLVI varas; tem na testa do norte acima do rego tres carvalhos e abaixo do rego na tapagem que parte com terra do mosteiro de Santo Thyrsó hũa uveyra. *Item* a leira d'antre as enfestas e o pedregal, tem per o nascente que parte com Cerzedello em comprido LIII^o varas e per o sul em largo XVIII^o varas e mea, e em comprido per o poente //10 que parte com o mosteiro de Roriz tem LXVII varas, tem na testa do nascente na tapagem sete uveyras e tem no poente e sul carvalhos e uveyras, do sul parte com Roriz. *Item* o talho de sobre a carreira tem em largo XIII varas e em comprido XXXIII varas, parte do sul com Cerzedello, do norte com herdade, do poente entesta no ribeiro; todas as arvores que tem no poente sam deste casal, tem agua de regar e limar. *Item* a leira do pedregal tem em largo oito varas, parte do norte com herdade d'erdeiros, do sul com Arouca e do nascente com Roriz e do poente entesta no ribeiro; tem quatro uveyras dentro. *Item* o campo da latada tem per o norte em largo cincoenta varas e per a testa do nascente que parte com Santo Thyrsó tem LXL varas e tem per o poente LXI varas e mea e parte daquy com Santo Thyrsó; dentro neste campo jaz hũa leira de Gardizella que esta per marcos que levara hũ alqueire de centeio de sementeira / raso / do norte parte com Roriz; todas as uveyras que estão a redor sam deste casal; a leira do abade de Gardizella tem hũ carvalho e a dita leira jaz no meo, a saber, des o meo do campo pera o sul e na tapagem do sul faz sua testada e o carvalho esta na testada do norte. *Item* a leira da boucinha parte do norte com Roriz e do poente com Santo Thyrsó e do nascente com Cerzedello, tem per o norte em largo dez varas, tem per o nascente em comprido XXVII varas e tem em comprido per o poente XLIII^o varas. *Item* o talho das enfestas tem per o norte em largo dez varas, parte do sul com este casal, tem em comprido XXXIII^o varas, tem dous carvalhos, parte do norte com Cerzedello e do poente com Santo Thyrsó. *Item* o lameiro da branca tem agua de regar

e limar, tem de norte a sul em largo XXX varas per o nascente, e tem per a testa do norte quarenta varas e parte daquy e do nascente com Santo Thyrso e do sul com Roriz, do poente entesta no ribeiro; todas as arvores e uveyras que tem na testa do ribeiro sam deste casal. *Item* outra leira da boucinha tem em largo XX varas e em comprido XVII varas e mea, parte do sul com Arouca, do poente com Santo Thyrso e do norte com herdade. *Item* a leira das cerdeiras tem em largo XVII varas e mea e em comprido XXX varas e em largo per o nascente cinco varas, parte do sul com Arouca e do norte com herdade. *Item* outra leira das cerdeiras contra o norte tem em comprido XXIX varas e mea e em largo per o poente tem cinco varas e per o nascente dez varas e mea, parte do sul com Roriz, do norte com Santo Thyrso. *Item* o chão da eyra tem em comprido XXIII varas e tem per o poente que parte com Roriz XXXVII varas e mea; dentro neste çarrado esta a heremida de Santa Maria. *Item* no souto dos poços tem este casal cinco uveyras. E no souto da cancella da fonte tem XIII carvalhos e castanheiros com seu resio. E no souto sobre o ribeiro tem oito uveyras com seu resio. *Item* ho moinho da fonte he deste casal e nom moe senom no inverno quando a agua he muita, e tem acima do moynho certos salgueiros com seu resio. *Item* o campo da chousa tem em comprido corenta varas e tem per o poente XVI varas e mea em largo, e parte daquy com Arouca e Cerzedello e do sul com Roriz e tambem do nascente, e tem contra o norte hũa orta logo junto que tem dez varas em comprido e dez em largo, que parte do norte com caminho, do sul com o campo da chousa sobredito, e todo esta em hũa cerqua; tem dentro muitas fruyteiras e outras arvores. *Item* o talho do areynho que jaz ao longo do rio de Vizella que levara de sementeira meo alqueire de centeo; he terra areeyra que poucas vezes se sementeira porque a leva o rio; entesta do sul na Vizella e do norte com Santo Thyrso, tem hũa uveyra de carvalho e hũ amieyro. *Item* tem este casal com o casal de Lobazim de Roriz que traz Fernam Periz hũa sorte pera regar e limar em todo o anno da agua do ribeiro de Lobazim hũ dia com sua noyte de quatro em quatro dias hũ e nom sam dias certos, a saber, este casal e o de Roriz hũa dia, e os vezinhos d'aldea tres, e pasados os tres dias, tornam este casal e o de Roriz a tomar a dita agua e asy corre em todo o anno, e nom tem mais pertenças este casal e tem montados, resios e serventias como os casaes dos vezinhos d'aldea de Lobazim. O que todo foy visto e atombado per os ditos homeens boons em presença do dito Antonio Vaaz procurador e por verdade asynaram aquy oje XXVII dias do mes de Outubro do dito anno de mil e quinhentos e corenta e sete annos. Jorge Pereira notario apostolico.

ITEM — mais pertence a dita Igreja hũa casa de adega e hũ pardieiro junto della que jaz na aldea de Quintãa, freiguesia da dita Igreja de Sam Miguel que ora traz Alvoro Gonçalves de Quintãa que disse que della nom tinha titollo nem prazo e que era propriedade da dita Igreja e que paguava della em cada hũ anno a dita Igreja e abbade della tres alqueires de pam meado, e tem a dita adega e pardieiro contra o nascente e norte hũ chaão que esta em latada, que tem todo asy a dita casa como chão per a testa do sul dezasete varas e mea em comprido por tras a casa, e tem per a testa do nascente que tem latada cinco varas e mea em largo, e tem per a testa do norte do nascente ate a chave contra o poente cinco varas e duas terças, e da chave per a testa do norte atee entestar no canto derradeiro do pardieiro dezaseis varas em volta como anda, e dentro nesta mediçam jazem a dita adega e pardieiro; a adega esta colmada e serve e o pardieiro nom, parte de todas partes com herdade de Quintãa e de herdeiros //11 de Guimaraães e nom tem mais pertenças. O que os ditos homeens boons viram e mediram em presença do dito Antonio Vaaz procurador e asynaram aquy todos. Testemunhas os sobreditos e outros e eu Jorge Pereira notario apostolico que o escrepvi. E feito todo o sobredito e atombado como dito he o dito Antonio Vaaz procurador

pedio e requereo a mym notairo que lhe dese de todo o sobredito dous estromentos em publica forma com o trellado de todo este tombo hũ pera o dito comendador e outro pera mandar a Torre do Tombo da corte de Bragaa conforme a dita constituçam e me daria pera ello os purgaminhos. Testemunhas presentes que pera ello especialmente foram chamados e rogados os sobreditos todos. Jorge Pereira notairo apostolico que o escrepvi no dito dia, mes e anno sobreditos e asynaram aquy e esto escrepvi rogado e requerido e este estromento per minha mão escripto tirey fielmente da nota que em meu poder fica e o concertey com o pubrico e vay escripto em seis folhas de purgaminho com esta sem borradura nem cousa que duvida faça. E asyney aquy de meu pubrico synal que tal he. Rogatus et Requisitus [sinal] G(eogius) P(ereira) N(otarius).

2 — Memórias Paroquiais de 1758

AVES

1 — É esta terra da Província do Minho, do arcebispado de Braga, do julgado de Thermuim ⁽¹⁾ e do termo de Barcelos; é a Freguesia de São Miguel das Aves.

2 — É terra da Sereníssima Casa de Bragança, e não conhece outro senhor senão a Sua Majestade, que Deus guarde.

3 — Tem esta freguesia noventa e seis vizinhos, e trezentas e oitenta pessoas, entre maiores e menores.

4 — Está esta freguesia num vale, pertencente à Ribeira de Vizela. Dela não se descobre povoação alguma por estas ficarem distantes, e incógnitas a esta terra. Somente se descobre(m) uns vestígios de uma povoação que, conforme(a) *Monarquia Lusitana*, foi arruinada pelos bárbaros Bracarenses, no tempo em que veio a Braga o imperador Júlio César; está situada numa eminência de um alto monte, pertencente à freguesia de São Fins de Ferreira, os modernos lhe chamam a Cidade Velha, porém ela chama-se a Cidade de Citoria e conforme o que nela tenho visto ainda tem pedaços de muros, e portais quase inteiros, e ruas ladrilhadas tudo de muito boa pedra: dista desta freguesia meia légua, de Braga quatro léguas e meia pela parte do sul, e pertence ao termo do Porto, porém do arcebispado de Braga.

5 — Nada.

6 — A paróquia desta freguesia está no meio dela; tem catorze aldeias, a saber: Barca, Freixieiro. Amieiro Galego, Paredes, Carreira, Quintão, Togela, Bonome, Paradela, Novelho, Subpenedo, Ponte, Pol-drais, Luvazim e com a residência do Pároco fazem quinze.

7 — É orago desta freguesia São Miguel Arcanjo, ou a sua dedicação; tem cinco altares a igreja: o altar maior, o de Nossa Senhora do Rosário, o de São Sebastião, o do Senhor Jesus, o de Santo António. Tem esta igreja duas irmandades: uma do Santíssimo Sacramento, e outra de Nossa Senhora do Rosário.

O pároco desta freguesia é abade colado; é apresentação da Mitra de Braga; tem de renda seiscentos mil réis.

9 — Nada.

10 — Nada.

11 — Nada.

12 — Nada.

13 — Nesta freguesia há uma ermida com a vocação de Nossa Senhora Sêca; está no fim da freguesia para a parte de leste; não tem dia de romagem certo; pertence a fábrica dela aos abades desta freguesia.

14 — Nada.

15 — Os frutos que os lavradores colhem em mais abundância são os seguintes: centeio, milho, milho alvo, painço, feijão de várias castas, vinho verde, a que chamam de enforcado, alguma fruta, alguns melões e melancias.

16 — Está esta terra sujeita às Justiças da vila de Barcelos, de cujo termo é.

17 — Nada.

18 — Nada.

19 — Nada.

20 — Serve-se o povo desta terra do correio do Porto, o qual chega à dita cidade às sextas feiras, e dela parte aos domingos de madrugada e dista desta freguesia, a cidade do Porto, cinco léguas.

21 A cidade, capital desta freguesia, que é Braga, dista quatro léguas.—A cidade capital do reino, que é Lisboa, dista desta freguesia sessenta e três léguas.

22 — Nada.

23 — Nada.

24 — Nada.

25 — Nada.

26 — Nada.

27 — Nada.

De Serras nada.

Há algumas perdizes e coelhos.

1 — Banha com suas margens, a esta freguesia, pela parte norte um rio chamado o Rio de Ave, cujo princípio ignoro; porém sempre terá desde a sua origem até donde se recolhe no mar, catorze ou quinze léguas; conserva seu próprio nome de Ave, por todo o distrito; é bastante caudaloso, em partes corre com menos violência; quase todas as suas correntes são arrebatadas.

2 — Mostra que a sua origem é de limitada quantidade de água; a ele se ajuntam vários ribeiros, sem nome, que logo o fazem caudaloso.

3 — Entram neste Rio Ave, dois rios de nome, um mais pequeno chamado o rio de Selho, que principia nos arrabaldes da vila de Guimarães, e mete-se no Ave na freguesia de Gondar, ao pé da ponte de Serves. Mais abaixo uma légua somente, outro rio chamado o Vizela também é rio grande e bastantemente caudaloso; tem este seu princípio no concelho de Monte Longo, acima de Guimarães, e, correndo por sua derrota ao noroeste, se vem meter no Ave, na freguesia de São Lourenço de Romão, adonde se chama Entre Ambos os Rios.

4 — Não é navegável nem admite embarcação de maneira alguma.

5 — Todos estes rios são de curso arrebatado, ainda que em algumas partes corram com menos violência.

6 — Corre o Rio de Ave, do nascente ao poente.

7 — Cria peixes de várias castas, como são: vogas, barbos, escalos, e algumas trutas, lampreias, em certos anos, que sobem do mar.

8 — Pesca-se nestes rios em todo o tempo do ano; porém, a maior força da pescaria é no Verão, por serem poucas as águas.

9 — As pescarias são livres e comuns, em toda a parte do rio, excepto as pesqueiras de nassas que os senhores dos açudes tem fabricadas, que só eles são senhores de pescar nelas.

10 — A maior parte de suas margens são cultivadas, porquanto quase tudo são campos, ainda que, em algumas partes, se metem alguns montes de pequeno distrito: — tem por suas margens bastantes árvores silvestres, infrutíferas, que somente costumam algumas delas darem algum vinho de enforcado.

11 — Nada.

12 — Sempre conserva o seu próprio nome de Ave e não há memória que nunca tivesse outro nome.

13 — Mete-se este rio no mar na barra de Vila do Conde.

14 — Tem este rio por toda a sua distância vários açudes a que chamam levadas ou caneiros, razão por que se faz inavegável.

15 — Tem este Rio Ave oito pontes de cantaria, das que eu sei, a saber: a ponte primeira se chama a ponte de Domingos Ferres: mais abaixo, a ponte da Senhora do Porto, a ponte do Nim, a ponte de São João, a ponte de Serves, a ponte de Santa Ana, a ponte da Lagoncinha, a ponte de Ave.

16 Tem este rio muita quantidade de azenhas e moinhos, em toda a sua distância, cuja conta ignoro.

17 — Nada.

18 — Em algumas partes se usa de suas águas livremente para a cultura dos campos; porém é no seu princípio que se podem valer delas, que daí para baixo o não podem fazer por ser muito caudaloso.

19 — Terá de distância catorze ou quinze léguas; nesta freguesia se descobrem os alicerces de uma ponte de cantaria, que mostram muita antiguidade: não há memória de sua ruína.

Tem o dito rio Vizela cinco pontes, de cantaria, a saber: a ponte de Pombeiro, a ponte de Santo Adrião, a ponte das Caldas, a ponte de Negrelos, a ponte de São Tomé, que é nesta freguesia.

Desta maneira tenho dado cumprimento às ordens do Muito Reverendo Senhor Doutor Desembargador e Provisor deste Arcebispado Primaz, e não me consta de que haja memória de mais do que tenho dito: Disse:

O Coadjutor Manuel Monteiro de Campos

O Pároco Manuel Fernandes

O Pároco José Peixoto de Brito

ROMÃO

Em cumprimento do decreto de Sua Majestade Fidelíssima, e satisfação do despacho do Muito Reverendo Senhor Doutor Provisor deste Arcebispado de Braga Primaz.

1 — A Província em que está esta freguesia, é a do Minho, arcebispado de Braga Primaz, comarca da mesma, termo de Barcelos, por cujas justiças seculares é regida; é este termo pertencente à Sereníssima Casa de Bragança, por onde fica pertencendo a Sua Majestade que Deus a guarde.

O orago desta freguesia é São Lourenço de Romão. Tem somente dezasseis fogos, ou vizinhos; pessoas de Sacramento, quarenta e seis; está situada em uma planície entre as margens dos rios Ave e Vizela; dela se descobrem várias freguesias; entre Norte e Nascente se descobrem vários montes, entre os quais é o celebrado chamado o de Gerês, que dista dez léguas, e não se descobrem povoações algumas; à parte do Poente fica um sumptuoso Convento de Beneditinos vulgarmente chamado Santo Tirso, e logo entre Norte e Poente está outro dos Cónegos Regulares reformados, de Santo Agostinho, tudo na distância de meia légua; à parte Sul no cume do monte chamado de Bustelo estão ainda os vestígios de uma (ao que parece) grande cidade destruída antigamente pelos bárbaros bracarenses, o que melhor constará do Pároco a quem pertence; chama-se o Convento dos Agostinhos de Landim. É esta freguesia apresentada todos os anos pelos padres da Companhia de Jesus do Colégio de Braga; a renda é ténue: pouco excede de cem mil réis, e há anos, que lá não chega; destes pagam ao cura trinta, pouco mais ou menos. Tem poucos lugares, e são, a saber: Sence, Romão, Bugio e Aldeia; fica (a igreja) ⁽¹⁾ situada em o fim do lugar para o Nascente, tem somente três altares; na Capela Maior, o de São Lourenço; à parte direita, o de São Gonçalo, e, à esquerda, o da insigne e admirável imagem de Nossa Senhora do Rosário, e Menino Jesus.

Não há nesta freguesia confrarias algumas, nem romagens; dentro dos limites desta freguesia, está uma particular ermida com a invocação do Baptista São João; não me consta houvessem, e menos saíssem dela homens de letras ou armas, pela sua pequenez. Os frutos, que comumente recolhem os lavradores são centeio, milho, milho branco, painço; e feijão de várias castas, vinho verde, chamado dos inforcados (*sic*), algum azelte e baga.

Está, como disse, situada esta freguesia entre as margens dos dois rios, Ave e Vizela, corre este com acelerado curso desde o seu princípio, que, como dizem, o tem ao nascente daqui cinco léguas, e pela parte do Sul vem com o seu arrebatado curso, pela ribeira chamada vulgarmente Vizela; é esta fértil de pão do género que tenho dito e abundante de bom vinho verde e de muito melhor fama, porém, quase todo tem seu gasto nos países desta ribeira.

É vadeável o Vizela por vários vaus no tempo do estio, e por várias pontes e barcos no inverno; tem várias açudras, e moendas, e em partes se lhe tiram as águas para o ameno daquela ribeira, o que tudo constará melhor dos reverendos párocos, a que pertencer; e assim se vem incorporar e ajuntar em o fim desta freguesia com o Ave, e não se faz mais menção daquele porque perde, com o ajuntamento deste, o seu nome pelo que fica esta freguesia em o bico destes dois rios.

Pela parte do Norte, e Poente, corre com mais vagaroso curso o Ave, que, como dizem, tem seu princípio em a Serra da Cabreira; em distância de oito léguas tem este rio várias pontes e barcas, e é vadeável por vários vaus no tempo do verão; é menos fértil sua ribeira, que a daquele; tem no distrito desta freguesia duas açudras, e continuamente quatro rodas de moinhos, e no verão mais outras tantas; daqui conserva sempre o seu nome na distância de cinco léguas para o poente, e se vai ensear no oceano, no porto de Vila do Conde. É esta distância toda aprazível à vista pela planície, porém saudoso pela falta das

⁽¹⁾ No lugar da igreja existe hoje uma pequena capela em ruínas — A.L.C.

cristalinas águas deste rio; pescaria, que nestes dois rios se colhe são poucas trutas, bastantes vogas, alguns barbos e escalos, também, ainda que raras vezes, algumas lampreias; tem várias açudras até o oceano, o que constará de quem pertencer.

Dista esta freguesia da Primaz de Braga quatro léguas, e da de Lisboa sessenta e três, e do Porto cinco e meia, e de Barcelos cinco; de Guimarães duas, e donde se serve, é o do Porto, e de Guimarães; não teve destruição alguma com o terremoto; as caças que dão os montes são coelhos e lebres; e assim, não tenho que responder aos mais artigos dos interrogatórios, o que passa na verdade, digo e vai assinado por dois párocos vizinhos. São Lourenço de Romão e de Maio 22 de 1758.

O Pároco José Peixoto de Brito
O Abade João Coelho de Vasconcelos e Mota
O Pároco Manuel Fernandes

SOBRADO

Recebi uma ordem do Muito Reverendo Senhor Doutor Provisor, uma ordem com um papel impresso, que vinha de Sua Majestade em que mandava lhe informasse das coisas notáveis desta freguesia, e o que tenho para dizer e informar é o seguinte.

Chama-se esta freguesia Santo André de Sobrado, está situada no termo de Barcelos, comarca e Arcebispado de Braga Primaz, Província de Entre Douro e Minho; não tem Senhor Donatário particular nem é Couto; e nela há trinta e três fogos e noventa e seis pessoas; não tem mais que um lugar chamado Sobrado, no meio do qual fica situada a igreja; está situada esta freguesia na costa de um pequeno monte que só terá de comprido meio quarto de légua, no qual não há outra caça mais que algumas perdizes, ainda que poucas, e alguns coelhos; o Orago desta freguesia é Santo André; tem só um altar; não tem confradias (*sic*) mais que a do Subsino; não tem capelas; apresenta esta igreja o Convento de Landim que é da Congregação reformada de Santa Cruz de Coimbra; renderá, em dízimos, oitenta mil réis; rende ao pároco, que é cura anual, trinta mil réis; não tem beneficiados; os frutos que se colhem são milho grosso e milho miúdo e centeio; porém, não chega para a gente da freguesia, por ter muita pobreza; também se colhe vinho, porém, não muito; está sujeita esta freguesia às justiças da vila de Barcelos donde dista cinco léguas; não tem correio, e do que se valem é de Guimarães, que dista duas léguas; dista, da cidade de Braga, quatro léguas e dista de Lisboa sessenta e três; não padeceu dano algum no terramoto de mil setecentos e cinquenta e cinco, e, enquanto aos mais interrogatórios, não há nada que informar; não tem rio algum nem serra alguma, e por isso não informo, e não me consta de coisa notável que haja nem houvesse nesta freguesia nem das que nomeiam os interrogatórios, nem outras algumas que sejam dignas de memória. Passa na verdade e vai pelos dois párocos vizinhos na forma da ordem que recebi hoje.

Santo André de Sobrado, vinte e dois de Maio de mil e setecentos e cinquenta e oito.

O Pároco Manuel Fernandes
O Coadjutor Manuel Monteiro de Campos
O Vigário João Luís Portela

3 — Antologia de poetas avenses

Aos teus dois Rios...

... *Vila das Aves*, fagueiro
É o seu todo grande e puro:
Cada lugar é um canteiro
Abrindo a porta ao futuro!
Barca, Bom-Nome e Tojela
Três meninas predilectas
Na mira de cada estrela
Que há nos olhos dos poetas!
Igreja, Ringe e Sobrado
Ali tudo reza e canta
Num hino ao Senhor louvado
Que da alma se levanta!
Romão, de que fala a lenda
O seu cruzeiro velhinho,
A natura é branca renda
Que Deus teceu no caminho...
Freixieiro e Paradela,
Aí, meus tempos de criança!
Cada leira é uma aquarela
Que não me sai da lembrança!
Branco pão bordeja a terra
Das *Carvalheiras a Sense*;
O trabalho não aterra
A alma do povo Avense!
Caramulo e Fontaínhas
Anda-as o sol a doirar...
Suas mágoas que são minhas
Trago-as no peito a rezar!
Luvazin e Ponte Nova
Dão-me saudade os seus ninhos
E deles faço uma trova
Com dois rios de carinhos!...
Santo Honorato e Quintão
O folclore em tons suaves
Também ergue em oração
Um hino à *Vila das Aves*!
Ponte e Alto da Bandeira
Onde outrora era maninho,
A vida corre ligeira

E o coração de mansinho!
Paredes, Poldrões e Monte
Lindas moursas encantadas,
Não há pedra que não conte
Tantas heróicas jornadas!...

Terra de rios e fontes,
Num alado salsifré
E as ermidas pelos montes
São lampadários de fé!
Anda ali divino amigo
Sempre a inspirar quem a tece,
A par, moderno e antigo,
São dois tons da mesma prece!...
Seu povo sempre a renova
No tear ou no arado,
Só a lutar é que se prova
Que o futuro será dobrado...
Chão onde as serras tombaram
Com heróica magestade
E as almas simples geraram
Cada dia outra vontade...
Em redor onde eram brenhas
Crescem hoje laranjais....
E no sítio das azenhas
Já não arrulham pardais...
Numa cruz, de ponta a ponta,
Abre esta terra os seus braços,
É o progresso que desponta
Sem recuos nem cansaços!
Há no seu corpo de argila
Poemas de vinho e pão:
— Bendita sejam, ó *Vila*
Que eu trago no coração!

Lenda

A São Miguel das Aves
Deus deu a mais dura cama
Entre dois rios suaves,
Com chão de pedras e lama..
Sem montes vertiginosos
Junto de campos sombrios,
Cresciam silvas e tojos
Nas margens daqueles rios...

Mas certo dia uma fada,
Vinda de longa jornada
Em noite de chuva e frio,
Exausta e cheia de fome
Parou na terra sem nome
Olhando as águas de um rio...
E a fada que ali chegou,
A terra dura falou
Com meiga voz de quem ama:
— Aberto tens o meu peito
E ao teu dispor o meu leito
Feito de pedras e lama..
No mesmo tom de meiguice,
A fada falou e disse:
— Dormirei na tua cama!
E quando a noite morreu
E outro dia nasceu,
A terra que ali sorriu
Tomou-a pelos seus braços,
Guiou-lhe os primeiros passos,
Disse-lhe adeus e partiu...
Surgiram depois os povos,
Homens robustos e novos,
Fruto de boa semente...
Os anos foram correndo,
E a esperança sempre crescendo
No peito daquela gente...
A fada, por ser preciso,
Deixou na terra um aviso
Que o povo tomou por lei:

«Se aqui pretendeis viver,
Cavai a terra e colhei
Tudo o que dela nascer».
Foi redobrada a canseira,
Já que sem eira nem beira
Aquele gente vivia...

...Junto às águas cristalinas
Surgem casas pequeninas:
Era a *BARCA* que nascia!
E ali mesmo à sua beira,
Também nascia a *CARREIRA*
Que o mesmo ventre gerou...
E quando Jesus as viu
Co'o mesmo manto as cobriu,
Num só berço as embalou...
Como ninhos de andorinhas,
Duas aldeias juntinhas
Fazem a terra mais bela:
IGREJA, o nome mais santo,
Foi dado àquele recanto
Onde nasceu a Capela;
Um pouco ali mais à frente
E mais virado ao nascente,
Nos degraus de uma pedreira,
Sobre pedra de granito,
Naquele lugar bonito
Nasce o *ALTO DA BANDEIRA*...
A *PONTE*, ao pé do Vizela,
Junta a *POLDRÃES* e à *TOJELA*.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
I — A HISTÓRIA DAS PARÓQUIAS	
1 — Natureza da Paróquia	10
2 — Origem das Paróquias	13
3 — Formação das Paróquias em Portugal	14
II — A PARÓQUIA DE SÃO MIGUEL DAS AVES	
1 — Síntese da História da Paróquia	18
2 — A Igreja Paroquial	20
3 — Capelas e Centros de Culto	22
4 — Confrarias e Associações Religiosas	24
5 — A Vida Paroquial	26
6 — A Paróquia na Actualidade	29
III — OFÍCIO-BENEFÍCIO PAROQUIAL	
1 — Os Párcos e Curas	33
2 — As Vocações na Paróquia	35
3 — Os Rendimentos e o Tombo Paroquial	38
IV — A TOPONÍMIA NA VILA DAS AVES	
1 — Introdução	44
2 — A toponomia e a Onomástica	44
3 — Os nomes próprios em português	47
4 — A toponímia em geral	49
5 — A toponímia na Vila das Aves	51
6 — Conclusão	59
V — ÍNDICE DE ARQUIVOS E CARTÓRIO PAROQUIAL	60
VI — APÊNDICE DOCUMENTAL	
1 — Tombo Paroquial de 1547	66
2 — Memórias Paroquiais de 1758	80
3 — Antologia de poetas avenses	85
ÍNDICE	87

